

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS**  
**Programa de Pós - graduação em Ciências Sociais**

**Cotidiano, Memória e Identidade: o bairro Lagoinha (Belo Horizonte, MG) na voz dos  
seus moradores**

Cíntia Mirlene Pela Freire

Belo Horizonte - MG  
2009

**Cíntia Mirlene Pela Freire**

**Cotidiano, Memória e Identidade: o bairro Lagoinha (Belo Horizonte, MG) na voz dos  
seus moradores**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Linha de Pesquisa: Cultura, Identidades e Modos de Vida

Professor Orientador: Dr. Tarcísio Rodrigues Botelho.

Belo Horizonte - MG

2009

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

G982p Freire, Cintia Mirlene Pela  
Cotidiano, memória e identidade: o Bairro Lagoinha (Belo Horizonte, MG) na voz dos seus moradores / Cintia Mirlene Pela Freire. Belo Horizonte, 2009. 167f. : il.

Orientador: Tarcísio Rodrigues Botelho  
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

1. Lagoinha (Belo Horizonte, MG) – Vida e costumes sociais. 2. Historiografia. 3. Sociabilidade. 4. Identidade social. I. Botelho, Tarcísio Rodrigues. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

CDU: 981.511

Revisão Ortográfica e Normalização Padrão PUC Minas de responsabilidade do autor

Dedico este trabalho aos moradores do Lagoinha e ao bairro, que bravamente resistem às mudanças no espaço e, contudo, permanecem nele. Sobretudo, àqueles que contribuíram para sua história e memória.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de sabedoria, inspiração e equilíbrio, sem o qual a caminhada se tornaria mais dura e sacrificante.

Ao Fred, querido e fiel companheiro, pelo amor, paciência, generosidade e apoio incondicionais. Aos meus dois sozinhos, Isabela e Bernardo, que me motivam e suavizam o cansaço do dia. Mesmo sem entender a dimensão deste trabalho, portaram-se como anjos. A eles, com alegria, amor e gratidão, também dedico esta dissertação. Amo vocês!

Aos meus pais e aos meus irmãos, pelas orações, a torcida e o carinho mesmo que silenciosos.

À Lícia, pela dedicação e amizade: foi um pouco mãe dos meus filhos nessa jornada. Muito, Muito obrigada!

Ao Programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Puc-Minas, pela acolhida. Meus agradecimentos se estendem a todos os professores. A experiência foi rica e preciosa para o meu crescimento intelectual. Muito obrigada!

À Prof. Dra. Luciana Teixeira de Andrade, pelas sugestões e críticas no exame de qualificação, pela acolhida no grupo de estudos sobre bairros ao longo do curso e pela disponibilidade e atenção constantes.

Guardo pelo meu orientador, Prof. Dr. Tarcísio Rodrigues Botelho, uma distinta admiração, por sua paciência e competência a mim dispensadas. Agradeço pelas inúmeras leituras, valiosas contribuições, atenção e confiança no meu trabalho.

À FAPEMIG, pela valiosa concessão da bolsa de estudos que viabilizou o meu ingresso no programa.

À Ângela pela valiosa contribuição na normalização do trabalho, ajuda com os mapas e disponibilidade constantes. Os agradecimentos se estendem à Valéria sempre solícita e gentil.

À Raquel, minha prima-irmã, pela cumplicidade e amizade que tanto acolhe.

À Lívia, minha amiga-irmã, pelas boas conversas, trocas e amizade que tanto acolheu e acolhe. Bons momentos, acompanhados por aquele café “corajoso”!

À Mercedes, pela amizade, pela torcida e acolhida de sempre.

Ao William, pela torcida vigorosa e carinho de sempre.

Aos colegas do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Puc-Minas, pela convivência agradável e estimulante. Especialmente, à Andréa Matos, pelas boas conversas, trocas constantes, pelas sugestões e angústias partilhadas.

Ao Pedro, pelo trabalho de revisão, e ao Vinicius, pela ajuda no Abstract.

À Manoela e à Luciana, pelas contribuições. À Thaisa, pela ajuda com os mapas.

À Prof. Thaís, do curso de Turismo da Puc-Minas agradeço pelas dicas e a torcida.

Ao Renato Godinho, pelas dicas e sugestões que me fizeram enveredar pelas Ciências Sociais.

Aos funcionários do Arquivo Público da Cidade Belo Horizonte e do Museu Histórico Abílio Barreto, pela disponibilidade e atendimento solícito e pela cessão das fotos do bairro Lagoinha.

À dona Terezinha Brandão, por ceder fotos e material de pesquisa sobre a Lagoinha, de seu acervo particular.

Aos moradores do bairro Lagoinha, que abriram suas portas permitindo-me entender um pouco do seu universo simbólico e do seu cotidiano no bairro.

## RESUMO

Esta dissertação analisa o bairro Lagoinha, localizado na cidade de Belo Horizonte, e tem como objetivo estudar as práticas cotidianas dos moradores para reconhecer as suas percepções sobre os modos de vida, a sociabilidade e o *ethos* do bairro à luz dos conceitos de espaço, lugar, memória e identidade, entre o tempo passado, o presente e suas ideias para o futuro. Foram consideradas as representações existentes sobre ele e as transformações sofridas ao longo do tempo. O trabalho foi dividido em três capítulos temáticos de forma a abranger o assunto proposto. Tratou-se da historiografia da cidade de Belo Horizonte para compreender o processo de inserção do bairro e posteriormente as narrativas que falam sobre sua marca de representação no/do passado. Por ser um local de vivência cotidiana e de limites difusos buscamos identificar e descrever seus limites físicos e subjetivos a partir da percepção de seus moradores. Além disso, privilegamos o cotidiano dos moradores no bairro abarcando seus espaços de sociabilidade e as relações de vizinhança para compreender como seus espaços são apropriados ou não. As representações do passado na voz dos moradores trouxeram-nos subsídios para apreender as suas percepções acerca do vivido e suas ideias para o futuro do bairro.

**Palavras chave:** Bairro, práticas cotidianas, memória e modos de vida.

## ABSTRACT

This work analyzes the neighbourhood of Lagoinha, located in Belo Horizonte, state of Minas Gerais, Brazil, and aim at studying the residents' habits in order to understand their perceptions regarding their lifestyle, sociability, and the ETHOS of the neighbourhood under the light of space, place, memory and identity concepts of the past, the present and their perspective for the future. Two points were considered: the existing representations and the transformations it underwent. The work is organized in three thematic chapters encompassing the proposed subject. The historygraphy of Belo Horizonte was included to help the comprehension of the insertion process of Lagoinha neighbourhood and afterwards, the narratives that convey its representation in/of the past. Due the fact that Lagoinha is a residential neighborhood with very difuse limits, we have decided to identify and to describe their physical and subjetive limites taking into account its residents perception. In addition, we have described the residents daily life by considering their sociability and neighbourhood relations to understand how their places are appropriate or not. Past representations voiced by residents have given subsidies to learn their perceptions about years already lived and their perspective for the neighborhood's future.

**Key words:** neighbourhood, daily life practices, memory, ways of life

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Praça Vaz de Melo 1929 .....	53
Figura 02: Vista do complexo da Lagoinha – início das obras e concluída em outubro de 2008 .....	65
Figura 03: Mapa 01 - percurso de carro .....	66
Figura 04: Mapa 2 – percurso de ônibus .....	67
Figura 05: Mapa 3 – percurso metrô .....	68
Figura 06: Mapa 4 – percurso a pé .....	70
Figura 07: Rua Alexandre Stockler vista da Vila Senhor dos Passos .....	72
Figura 08: Praça 15 de Junho vista a partir da Rua Além Paraíba – A rua à direita e no final da praça é uma das portas de entrada para a Pedreira Prado Lopes .....	72
Figura 09: Conjunto Nossa Senhora da Piedade, com prédio à frente .....	83
Figura 10: Rua do Conjunto N. Sra. da Piedade, fim de semana .....	84
Figura 11 : Rua Jequeri e mercearia .....	88
Figura 12 : Edifício Paulete – Rua Jequeri .....	89
Figura 13: Grupo Escolar Silviano Brandão – Rua Itapecerica.....	89
Figura 14: Grupo Escolar Silviano Brandão – Festa da comunidade 1960 e atual, Escola Estadual 2008 .....	90
Figura 15: Edificação tombada Rua Itapecerica, 373 – vista de frente e lateral .....	90
Figura 16: Edificação tombada – Rua Itapecerica, 251 .....	91
Figura 17: Rua Itapecerica. Comércio, galpão de material reciclável e situação de lixo na rua .....	91
Figura 18: Rua Itapecerica durante a semana.....	92
Figura 19: Rua Itapecerica no fim de semana .....	93
Figura 20: Rua Além Paraíba vista a partir da passarela e Praça 15 de Junho.....	93
Figura 21: <i>Center Shop</i> – Rua Além Paraíba .....	94

Figura 22: Rua Adalberto Ferraz vista a partir da Igreja e da escadinha na Rua Diamantina..	95
Figura 23: Uma das poucas residências na Rua Além Paraíba.....	95
Figura 24: Rua Paquequer .....	96
Figura 25: Rua Bonfim – Praça do peixe .....	97
Figura 26: Antiga fábrica de massas Orion, atual grupo A&C .....	97
Figura 27: Rua Serro .....	98
Figura 28: Rua Turvo – entrada para a Vila Senhor dos Passos .....	99
Figura 29: Bar Força Jovem, na Rua Além Paraíba, e mercearia da Rua Jequeri.....	100
Figura 30: Bares na Rua Além Paraíba .....	100
Figura 31: Bares na Rua Itapecerica.....	101
Figura 32: Mercado Popular da Lagoinha na Avenida Antônio Carlos – Rua Formiga – restaurante popular da Prefeitura .....	102
Figura 33: Mercado Popular da Lagoinha – vista interna e biblioteca comunitária.....	102
Figuras 34: Praça 15 de Junho .....	103
Figura 35: Atual Praça Vaz de Melo .....	104
Figura 36: Festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição – 08 de dezembro de 2007 e 2008 .....	105
Figura 37: Coral da Igreja e Corporação Musical na Festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição – 08 de dezembro de 2007 e 2008 .....	105
Figura 38: Coral da Igreja e procissão da Festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição – 08 de dezembro de 2008.....	106
Figura 39: Local de ensaio da Corporação Musical Nossa Senhora da Conceição.....	106
Figura 40: Bingo e almoço no salão da Igreja setembro de 2007 .....	107
Figura 41: Vista da Praça Rio Branco: .....	123
Figura 42: Cine São Geraldo .....	123
Figura 43: Prédio do antigo Clube Fluminense .....	124
Figura 44: Casa da Loba – edificação original e atual .....	124
Figura 45: Ginásio Paissandu em 1947 .....	125

Figura 46: Antônio, Rua Itapecerica, década de 1970.....	126
Figura 47: Moradores do bairro e padres Redentoristas na construção da Igreja de Nossa Senhora da Conceição .....	129
Figura 48: O fundador da Banda Sr. Manoel Araújo à direita e a corporação musical Nossa Senhora da Conceição .....	129

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Total da população, total de domicílios, tipos de domicílios e condição de ocupação dos domicílios do bairro Lagoinha .....	48
Tabela 2: Rendimento nominal mensal dos responsáveis pelos domicílios.....	50
Tabela 3: Estrutura etária dos bairros Carlos Prates, Lagoinha e Bonfim.....	50

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**AA** - Alcoólicos anônimos

**ADE** – Área de Diretrizes Especiais

**BEPREM** – Beneficência da Prefeitura Municipal

**CCNC** – Comissão Construtora da Nova Capital

**CEMIG** – Companhia Energética de Minas Gerais

**FAPEMIG** – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

**FJP** – Fundação João Pinheiro

**IAPI** - Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IPUC-BH** – Inventário do Patrimônio Urbano e Cultural de Belo Horizonte

**PLAMBEL** - Planejamento da Região Metropolitana de Belo Horizonte

**PRODABEL** - Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte

**RMBH** – Região Metropolitana de Belo Horizonte

**SENAI** – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

**UNI-BH** – Centro Universitário de Belo Horizonte

**ZAR-2** – Zona de Adensamento Restrito

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Metodologia da Pesquisa.....	24
1.2 Estruturação dos Capítulos.....	28
2. A LAGOINHA E O SEU LUGAR NA CIDADE.....	30
2.1 De Belo Horizonte ao bairro suburbano: um breve passeio pela história.....	30
2.2 Lagoinha: nasce um bairro suburbano na cidade.....	38
2.3 Narrativas sobre o bairro no/do passado.....	51
3 O COTIDIANO NO BAIRRO: LUGARES, SOCIABILIDADE E VIZINHANÇA.....	59
3.1 Discutindo espaço e lugar.....	59
3.2 O bairro Lagoinha: localização, observações, limites oficiais e simbólicos.....	63
3.3 Relações de vizinhança.....	78
3.3.1 <i>A vizinhança no Conjunto Nossa Senhora da Piedade: “Aqui tem uma convivência maior”</i> .....	82
3.4 Os lugares de sociabilidade no bairro: ruas, bares, mercados, praças, igrejas.....	85
4 REPRESENTAÇÕES DO PASSADO NA VOZ DOS MORADORES.....	109
4.1 Discutindo memória e identidade.....	109
4.2 Memórias, impressões e percepções: a voz de dentro.....	117
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	134
REFERÊNCIAS.....	140
APÊNDICE A: Roteiro de Entrevista de trajetória de vida com moradores.....	152
APÊNDICE B: Roteiro de entrevista curta para identificar os limites simbólicos do bairro, locais onde as entrevistas foram realizadas e número de abordagens.....	153
APÊNDICE C: Roteiro de observação no bairro – Principais locais.....	154
APÊNDICE D: Moradores entrevistados – Trajetória de vida.....	155
ANEXO A: Fotos do bairro Lagoinha.....	156

ANEXO B – Mapa do bairro Lagoinha com nomes de rua.....	158
ANEXO C: Mapa da Colônia Carlos Prates - seta indicando a entrada do bairro pela Praça Vaz de Melo.....	159
ANEXO D: Mapa do complexo da Lagoinha .....	160
ANEXO E: Mapa utilizado como suporte para identificar os limites simbólicos do bairro referente à pergunta do Apêndice B. ....	161
ANEXO F: Mapas de bairros de Belo Horizonte .....	162
ANEXO G: Mapa da Legislação de Parcelamento, Ocupação e Uso do Solo da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.....	164
ANEXO H: Recortes de jornal com as narrativas sobre o bairro.....	165

## INTRODUÇÃO

A cidade é uma realização humana, produto e obra, por isso tem a dimensão do movimento da vida humana. (CARLOS, 2007, p. 90).

Conhecer uma cidade por meio de seus bairros talvez seja uma tarefa difícil no médio prazo. Entretanto, entender como uma cidade se pensa na maneira como determina os seus bairros e, por conseguinte, como os bairros se formam e vivenciam o seu cotidiano enquanto peça de um conjunto que é a cidade pode ser um valioso ponto de partida, nos diz Cordeiro (1997) em seu estudo sobre o bairro lisboeta da Bica.

Este trabalho insere-se na temática da cultura urbana e dos modos de vida e faz-se presente nas discussões socioantropológicas sobre as cidades. Como proposta de objeto de investigação, apresenta-se o bairro Lagoinha, que se integra a uma metrópole, Belo Horizonte<sup>1</sup> (MG). Tal bairro dista aproximadamente dois quilômetros em linha reta da Praça Sete, considerando o marco central da cidade, estando localizado na região noroeste. O recorte espacial<sup>2</sup> do objeto de estudo compreendeu a ala esquerda da Avenida Antônio Carlos, no eixo sentido sul-norte, das imediações da Praça Vaz de Melo até a Praça 15 de Junho. (ANEXOS B e F).

Antes de apresentar os questionamentos e objetivos norteadores desta pesquisa, reputa-se pertinente uma síntese sobre o bairro Lagoinha para que o leitor possa identificá-lo no contexto aqui proposto.

O bairro Lagoinha teve sua trajetória histórica de ocupação concomitante à de Belo Horizonte e teve como primeiros habitantes, predominantemente, imigrantes de outras cidades de Minas Gerais e italianos, vindos para fazer parte do operariado envolvido na construção da capital, além de portugueses, turcos e espanhóis.

Os traços híbridos de ocupação do bairro fizeram dele local de efervescência de culturas e valores distintos. A contiguidade do bairro com o Centro e com a linha férrea atraiu um número expressivo de pessoas, que se instalaram nas pensões da redondeza, multiplicando, assim, o número de bares, restaurantes, pensões e, conseqüentemente, tornando a vida noturna demasiadamente agitada. A região, desde sua criação, foi marcada por atividades de comércio de móveis antigos e de ofícios artesanais, como os de alfaiates,

---

<sup>1</sup> Belo Horizonte possui atualmente 484 bairros, contando com as vilas e favelas. Ver Andrade e Mendonça (2007); ([www.pbh.gov.br](http://www.pbh.gov.br)). (ANEXO F).

<sup>2</sup> A opção por pesquisar essa parte do bairro será discutida adiante.

sapateiros, manutenção de instrumentos musicais, entre outros. A consolidação destes serviços atendeu a uma demanda crescente de famílias que ali se instalaram e contribuíram para uma configuração residencial do bairro<sup>3</sup>.

Intensa foi sua vida social por ter sido, desde o início, um bairro boêmio, de tradição musical, sobretudo do samba, e da prostituição no espaço da cidade. Tanto que, na época, o bairro foi comparado por vezes com a Lapa, no Rio de Janeiro. A boemia teve seus tempos áureos até por volta da década de 1950 e teve como *lócus* privilegiado a Praça Vaz de Melo, que, em 1981, foi completamente demolida para dar lugar ao metrô de superfície, ao complexo viário que ligaria a região norte à sul da cidade e para a abertura da Avenida Antônio Carlos. Para isso, foram realizadas inúmeras demolições em seu tecido urbano.

A Praça, na época, era porta de entrada para o bairro e gerou insatisfações por parte dos moradores e boêmios belorizontinos, principalmente de escritores e jornalistas, considerados detentores dos mecanismos de difusão do *poder simbólico*, que mantém vivo um discurso a respeito da memória do bairro a partir das crônicas literárias, reportagens e músicas alusivas a ele. Mesmo deixando de existir, a tradição de bairro boêmio permaneceu como marca de representação no imaginário coletivo. Não só a marca de bairro boêmio, mas de área de prostituição, portanto, perigosa e desvalorizada. Primeiro pela existência da favela Pedreira Prado Lopes e Vila Senhor dos Passos – antiga Buraco Quente –, e segundo por ser vizinho de cemitério e delegacia – que passou de delegacia especializada para um CERESP (Centro de Remanejamento de Presos), uma espécie de depósito de presos, como é referenciado popularmente. Ou seja, a capacidade de ocupação da mesma é maior e conseqüentemente gera questões mais complexas.

O bairro ao longo do tempo foi passando por transformações urbanas que o colocaram em posição de isolamento em relação à cidade. A abertura das Avenidas Pedro II e Antônio Carlos, a construção dos elevados, a proximidade com a linha férrea, o Ribeirão Arrudas e a Avenida do Contorno foram determinantes para tal afastamento<sup>4</sup>. E mesmo o fato de existir no entorno um cemitério – o do Bonfim – contribui para que haja preconceito de alguns e até mesmo o isolamento.

A Lagoinha, no início de sua ocupação, já demonstrava essas características de área proletária e isolada. Era uma região pantanosa, entrecortada pela linha férrea e, por volta da década de 1980, recebeu as obras do complexo viário da Lagoinha, que exacerbaram a situação de isolamento do bairro. Em 1948 iniciou-se a construção do Túnel Lagoinha –

---

<sup>3</sup> A Lagoinha consolidou-se como bairro residencial ao longo dos primeiros 60 anos de vida de Belo Horizonte.

<sup>4</sup> A situação de isolamento do bairro será discutida adiante.

Concórdia com vistas a resolver o problema de trânsito da Rua Jacuí, cujas obras só foram concluídas na década de 1970. (GONZAGA, 1999).

A sensação que se tem é a de proximidade e distância. Próxima do centro, mas, ao mesmo tempo, distante pela dificuldade de acesso. O conjunto de vias, elevados e túnel foi construído na porção sul da região da Lagoinha no espaço outrora ocupado pela chamada Praça Vaz de Melo, adjacente ao Ribeirão Arrudas e à margem da atual estação do metrô. O complexo da Lagoinha é composto hoje por quatro viadutos, que interligam o centro e as regiões Leste e Oeste às Avenidas Cristiano Machado, Antônio Carlos e Pedro II: são os viadutos A, B, Leste e Oeste e Túnel Lagoinha – Concórdia, com o intuito de ligar as zonas sul, leste, oeste e norte da cidade. Foi concluída a obra de duas ligações às Avenidas Cristiano Machado e Pedro II, conforme pode ser observado no mapa da BHtrans. (ANEXO D).

Além disso, a mídia (cronistas, jornalistas) tem um discurso atribuindo ao bairro a importância merecedora do reconhecimento como patrimônio histórico por sua história e pela riqueza das edificações e estilos arquitetônicos. Esse patrimônio estaria se perdendo, alegando-se que nada tem sido feito com efetividade para que ele se concretize, tanto por parte da Prefeitura, no sentido de implantação de políticas que correspondessem à retórica existente sobre o bairro, quanto da articulação dos moradores na reivindicação de medidas de salvaguarda.

Com as intervenções urbanas a cada dez anos, o bairro vem perdendo espaço. Com isso ele vem sofrendo um processo de esvaziamento, de envelhecimento e de ausência de renovação, como será abordado adiante. Ou seja, as famílias tradicionais que antes o habitavam procuraram outros lugares na cidade e os filhos de antigos moradores por sua vez também buscam outros locais de moradia. A população está envelhecendo e não há sinais de renovação, embora ainda possamos encontrar famílias tradicionais idosas e familiares destas.

A Lagoinha é um bairro antigo que tem uma produção simbólica significativa sobre o que ele representou para a história e memória de Belo Horizonte, mas, na verdade, tanto as intervenções do poder público quanto dos próprios moradores não correspondem a esse peso que lhes é dado. É como se houvesse um “descolamento” entre uma representação do bairro e uma prática social que difere disso, tanto do ponto de vista da municipalidade quanto dos moradores. A questão central desta dissertação é: diante de tais significados e transformações, considerando a temporalidade passado, presente e as ideias para o futuro, como o bairro vem sendo experienciado por seus moradores?

Para tanto, a investigação sociológica no bairro Lagoinha teve como objetivo estudar as práticas cotidianas dos moradores para reconhecer as suas percepções sobre os modos de

vida, a sociabilidade e o *ethos* do bairro à luz dos conceitos de espaço, lugar, memória e identidade, entre o tempo passado, o presente e suas ideias para o futuro, considerando as representações existentes sobre ele e as transformações sofridas ao longo do tempo.

O estudo possibilitou compreender o processo de inserção do bairro na cidade e as narrativas que falam sobre sua marca de representação no/do passado e que persistem até os dias atuais.

Observar o cotidiano dos moradores no bairro abarcando seus espaços de sociabilidade, as relações de vizinhança e como os moradores o percebem, o significam e o vivenciam à luz de conceitos-chave, tais como o de espaço e lugar, trouxe subsídios para compreender como seus espaços são apropriados ou não e como ele se configura no presente. Trata-se de uma descrição densa do bairro. Identificar os limites físicos e subjetivos do bairro a partir da percepção dos seus moradores foi de extrema importância para compreender que porção da região é considerada como Lagoinha e a que área ela se estende ou se limita.

Identificar, descrever e analisar as representações da memória na voz dos moradores à luz dos conceitos de memória e identidade trouxe subsídios para apreender as suas percepções acerca do vivido diante da representação da boemia no bairro que persiste até os dias atuais. Trabalhar com a memória, nesse sentido, foi importante porque, como nos diz Bosi (1994) e Halbwachs (1990), por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Cada memória individual é uma maneira de pensar a memória coletiva.

Muitos estudos têm privilegiado o campo da memória e da identidade sob o enfoque do fenômeno urbano. Esses estudos, inicialmente, abordavam a identidade nacional, construída pelo Estado, referenciada quase sempre a grupos sociais específicos, que, no caso brasileiro, está intimamente ligada a questões raciais e religiosas<sup>5</sup>. Será contemplada neste trabalho a memória de tempos vividos em uma correlação entre identidade, espaço e lugar, enquanto conceitos intercambiáveis e parte indissolúvel do ser humano e da vida em sociedade.

O bairro Lagoinha desperta em muitas pessoas curiosidades e indagações. A inquietação sobre o tema surgiu em função de ser recorrente identificar narrativas que o colocam como um emblema. Como é o bairro? Ele ainda é boêmio? O que foi feito dele? Qual será o seu destino? Será que existe alguma forma de resgatar a memória do bairro? Alguns relatos mostram que os moradores têm vergonha de dizer que residem no bairro por

---

<sup>5</sup> Especificamente com relação à abordagem sobre identidade nacional, poderão ser tomados como referenciais autores como Renato Ortiz (1994) e José Reginaldo Gonçalves (1996).

sua fama de boêmio? O que dizem as narrativas sobre ele? É estigmatizado por muitos como pobre e degradado?

O escritor Barreto (1995), em depoimento para o documentário sobre o bairro e em entrevista concedida à autora em outubro de 2007, ressaltou que “a Praça da Lagoinha nunca foi nenhum tumor para a Lagoinha, não sei por que tanto preconceito”. Ele se refere à praça porque era o “lugar” da boemia no bairro e lugar onde foi tecida uma rede de sociabilidade densa e desfeita com a sua demolição. Os relatos sugerem que na Praça Vaz de Melo aconteciam os *shows* de música – samba –, era o espaço da animação do bairro, do comércio e consequentemente da prostituição atraída pelo movimento. Além disso, os estabelecimentos comerciais eram tidos como fonte de renda das famílias. Muitos ficaram desempregados com a sua demolição.

Diante disso, percebe-se, por meio da narrativa de cronistas e jornalistas citados acima, um saudosismo em relação à Praça Vaz de Melo, reduto da boemia no bairro, demolida por volta da década de 1980 para dar lugar ao complexo viário da Lagoinha e que provocou ressentimentos pela perda do espaço da diversão. Para essas pessoas, a praça traria a memória dos tempos vividos na juventude, o ‘lugar da memória’. À praça foram atribuídos novos usos e significados ao longo do tempo; mesmo que não seja o ideal para os moradores, ela foi ressignificada. Além disso, a Lagoinha vem sofrendo com uma situação de isolamento que é constitutiva do bairro, mas que vem se agravando ao longo do tempo.

Foram muitas caminhadas, conversas com pessoas do bairro, leituras atentas às narrativas de cronistas e reportagens de jornais mineiros<sup>6</sup> que se referiam ao bairro Lagoinha com indignação por vê-lo abandonado pelo poder público, por ver o patrimônio edificado em ruínas, sobretudo, por fazer da memória e da identidade do bairro um mito, como nesta nota: “[...] *A nostalgia de um bairro que vê desaparecer a sua identidade com as transformações urbanas de Belo Horizonte*”. (JACINTO, 2000, p. 38). ‘A Lagoinha boêmia’; A Lagoinha está morrendo’. Outras vezes, ouvia e lia nesses mesmos jornais e em crônicas sobre a Lagoinha da boemia, das rodas de samba, da área degradada pela prostituição e marginalidade, da vida sem compromisso na juventude que passou. Os discursos vêm sempre

---

<sup>6</sup> Cronistas, a exemplo de Barreto (1995), “Lagoinha meu amor”; Pirolli, (2003) “Lagoinha”; Costa (1998), “A turma e outros casos”; Silveira (2005), “Lagoinha: A cidade encantada”. Reportagens veiculadas em jornais como: “Bairro da Lagoinha vive do passado” (PASSADO..., Hoje em Dia, 9 dez. 2001, p.28); “Lagoinha, ontem, hoje e sempre (BARRETO, 1995 - Estado de Minas 25 fev. 1995. 2a seção, p.7); “Segregação e efervescência da Lagoinha” (RESENDE, 2005 - Hoje em Dia, 21 ago. 2005. Minas, p.1; “Lagoinha agora é uma doce lembrança no coração dos boêmios” (JANUZZI, 1990 - Estado de Minas, 13 jul. 1990. p. 18); “a Lagoinha de 1950”. (Outros artigos ver ANEXO H).

com uma dosagem de romantismo e sentimento de perda de uma Lagoinha que não existe mais. Diante disso, o que representou e o que é o bairro Lagoinha para os moradores?

A produção científica sobre a unidade sociológica bairro é bastante usual em Portugal, sobretudo com os bairros de Lisboa. Podemos pontuar o trabalho de Cordeiro (1997); Menezes (2004); e Costa (1999), com os respectivos bairros da Bica, Mouraria e Alfama.

Na investigação acadêmica nacional, têm sido empreendidos estudos sobre o cotidiano e a vida de bairros tais como o de Velho (2002), que examinou as representações dos moradores de um prédio típico no bairro de Copacabana no Rio de Janeiro; Leite (2004) pesquisou o bairro do Recife antigo abordando as questões do patrimônio histórico como discurso político para transformação dos lugares; Costa e Lemos (2000) estudaram os imaginários do bairro boêmio da Lapa no Rio de Janeiro; Ramos (2004) estudou o cotidiano do antigo bairro da Água Branca em São Paulo para compreender as transformações que aquele sofreu vinculadas ao processo de industrialização da capital, onde espaço e tempo estão sempre ligados. Por fim, o estudo sobre a diversidade étnica no bairro do 4<sup>o</sup> Distrito de Porto Alegre, em que Constantino (2002) aborda o movimento espaço-memória.

Na produção científica belorizontina, encontramos obras igualmente importantes em diversas áreas do conhecimento, como Arquitetura, Geografia, História e Ciências Sociais, mas que convergem multidisciplinarmente. Medeiros (2001) aborda especificamente a questão da prostituição e da boemia que lançou sobre o bairro Bonfim um estigma de espaço da transgressão; o estudo inclui grande parte do bairro Lagoinha no recorte espacial de sua investigação.

Teixeira (1996) estudou a evolução espacial no bairro Floresta e, embora tenha privilegiado as questões espaciais, as percepções e afetividades de seus moradores em relação a seu espaço foram consideradas. Baggio (2005) investigou a apropriação do espaço e as redes de sociabilidade no bairro de Santa Tereza. Ribeiro (2008) estudou o bairro Concórdia sob o aspecto das representações e práticas cotidianas dos moradores, privilegiando as relações de vizinhança e os lugares de encontro preferidos de seus moradores. Nesse sentido esta pesquisa procura contribuir para que os bairros se façam conhecer cada vez mais no âmbito das Ciências Sociais, sobretudo os seus modos de vida<sup>7</sup>.

Especificamente sobre o bairro Lagoinha, Gonzaga (1999), numa abordagem da arquitetura, fala sobre a trajetória de vida do bairro e suas transformações em relação à cidade

---

<sup>7</sup> Assim como o estudo de Ribeiro (2008), outras pesquisas sobre bairros belorizontinos têm sido empreendidas no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-Minas, tais como o bairro Pompéia, Sion, Taquaril e Cidade Jardim.

de Belo Horizonte, como um bairro que já nasce predestinado à estagnação ou, como a autora mesma diz, um espaço natimorto; Lemos (1996) discorre sobre a estruturação espacial do bairro a partir da dimensão do urbanismo; Machado e Pereira (1997) envolvem o bairro de forma interdisciplinar, buscando um olhar sobre a recuperação do espaço físico, social e historicocultural da Lagoinha; Rugani (1996) apresenta e discute de forma crítica o Projeto Lagoinha empreendido no bairro em 1995; Moraes e Goulart (2002), numa abordagem do urbanismo, empreendem uma análise sobre o “Projeto Lagoinha”, que previa a reabilitação do bairro; Pedersoli (1992) por sua vez busca compreender o estigma lançado sobre o bairro ao longo de sua história.

O crescimento dos estudos acadêmicos sobre a “unidade sociológica” bairro converge para uma necessidade de se conhecer as particularidades dos modos de vida nesses microespaços: “*sem bairros, assim como sem ruas, pode haver aglomeração, tecido urbano, megalópoles. Mas não há cidade*”. (LEFÉBVRE, 1975, p.201). O estudo do bairro é de extrema importância confrontando-o com o espaço maior que o abriga, a cidade<sup>8</sup>.

No estudo de Velho (2002) sobre o bairro de Copacabana, há importante carga de significados para a sociedade brasileira, sendo aquele espaço ao mesmo tempo cultuado e rejeitado por muitos em função dos problemas sociais que o assolam. Nesse cenário, o autor procura perceber suas mudanças e o *ethos* particular. A intenção aqui não é a de comparar o bairro Lagoinha com o de Copacabana, mesmo porque são realidades sociais distintas, embora exista um fator determinante que muda todo o discurso que tange nos problemas urbanos, que é a violência. A Lagoinha não se projetou no imaginário coletivo nacional como Copacabana, mas desperta curiosidades muito pertinentes no que diz respeito a conhecer o *ethos* desse bairro tão importante para a história da cidade de Belo Horizonte. Quero dizer que a Lagoinha, mesmo não se projetando nesse sentido, mantém forte representação no imaginário coletivo belorizontino e, no entanto, é um bairro esquecido pelo poder público local e os próprios moradores não correspondem a sua importância. Os moradores reconhecem que o bairro é importante para a história da cidade, mas não se articulam fortemente para pleitear melhorias ou projetos.

A Lagoinha, desde a sua conformação, possui característica de bairro isolado. Antes era uma região pantanosa, isolada naturalmente pela existência do Ribeirão Arrudas e entrecortada pela linha do trem. E, por volta da década de 1980, recebeu as obras do complexo viário, como dito anteriormente, que exacerbaram a situação de isolamento do

---

<sup>8</sup> “Sin barrios, igual que sin calles, puede haber aglomeración, tejido urbano, megalópolis. Pero no hay ciudad”. (LEFEVBRE, 1975, p. 201).

bairro, ou seja, transformou-se no principal fator de isolamento e constituiu-se em mais uma barreira.

Em primeiro lugar, há uma dicotomia entre antes e depois da linha do trem, que demarca uma série de transformações na paisagem e em sua relação com o centro e até mesmo nas relações sociais entre moradores do bairro com os demais. O centro, do lado de lá da linha férrea, recebe uma série de melhorias em seu tecido urbano. Sua centralidade requer um discurso de cidade moderna, bela, limpa e organizada, onde são recebidas as maiores fatias dos investimentos públicos e os melhores equipamentos. Já o bairro operário, do outro lado, cai no esquecimento em termos de infraestrutura e benfeitorias. Lá estão os tipos de estabelecimento que o centro não comporta. Desse lado são realizadas demolições para que o progresso possa transpor a linha férrea, nem que para isso seja preciso desapropriar casas e significados.

A Lagoinha, ao mesmo tempo em que se constituiu como bairro residencial, abriga estabelecimentos ditos como não qualificados, como ofícios de alfaiate e *luthier*, ferros-velhos, brechós, oficina mecânica e delegacia, motivo de reclamação dos moradores, que se sentem abandonados e dizem que o bairro tem sido transformado em depósito de lixo, o que deprecia sua imagem.

A ideia de cidade dividida entre “antes e depois” da estrada de ferro desenha uma realidade no espaço social, constituindo duas paisagens isoladas, que Silvana Rubino coloca para o caso de Campinas e que pode ser comparado com o bairro Lagoinha, em se tratando de espaço segregado em detrimento do centro da cidade. Essa noção de paisagem não é simplesmente uma demarcação física e geográfica, como nos diz Sharon Zukin, mas “*seus ritmos e modos de vida*”. (ZUKIN *apud* RUBINO, 2006, p.76). Além das transformações na paisagem, as pessoas se veem obrigadas a transpor novas barreiras, sociais, culturais e econômicas, impondo um ritmo de vida diferente sem que sua identidade seja abalada.

Antes de chegar ao bairro, devem-se cruzar as barreiras materializadas pela linha férrea e o Ribeirão Arrudas, que foram acrescidas de um grande complexo viário, o túnel e viaduto da Lagoinha, que ligam ao bairro Cidade Nova, e a alça das avenidas Antônio Carlos e Pedro II.

No dizer de Villaça (2001), quanto mais central a área, mais trabalho existe em prol da produção de sua centralidade, do valor de uso e do valor de troca. Já os terrenos da região periférica dispõem menos trabalho social atrelado à sua produção. Estes últimos estão então fadados ao descaso. Embora hoje o bairro esteja em situação de abandono, outrora significou muito em termos de região de comércio para a capital e desempenhou o papel de

subcentro do centro principal. Mesmo que a Lagoinha tenha perdido em significado, ela já ocupava uma posição coadjuvante.

Os principais centros das metrópoles brasileiras, até por volta da década de 1960, não atraíam como consumidoras as classes populares socioeconômicas, ficando estes centros limitados à burguesia. Bairros como o Brás, em São Paulo, e o Lagoinha, em Belo Horizonte, tiveram a função de subcentro dessas metrópoles, com o intuito de atender a essa crescente demanda. O bairro Lagoinha exerceu a função de subcentro até por volta da década de 1970. E, como mencionado anteriormente, mantinha um comércio variado de móveis usados e de antiguidades, ofícios como o de alfaiate, que subsiste até hoje – o Sr. Vincenzo<sup>9</sup>, de 84 anos, exerce a função modestamente nos dias atuais em sua residência –, oficina de *luthier*, sapateiro, entre outros. (ANEXO A: Ateliê de costura de Sr. Vincenzo de 84 anos).

Com as transformações e o crescimento dos centros principais, esses subcentros sofreram um esvaziamento, sobretudo no caso da Lagoinha, pelas obras viárias no local, que proporcionaram uma dicotomia: proximidade e distância do centro. Proximidade em termos geográficos e distância em sua realidade socioeconômica. Essa dicotomia, na verdade, sempre existiu, mas parece que, com a dinâmica urbana, tais mudanças tendem a exacerbá-la.

Para Villaça (2001), esse esvaziamento poderia ter sido contornado com a expansão desse comércio para áreas contíguas ao bairro. No caso da Lagoinha, os comerciantes da época não se preocupavam com a possível expansão dos negócios, muito por sua tipologia e ofícios. Muitos, até por volta da década de 1990, ainda mantinham o modesto comércio. Hoje, a maioria deles faleceu ou não está mais em condição de trabalho pela idade avançada ou por condições de saúde. Foi observado também que essa atividade singular – comércio de móveis usados, antiquário, conserto de roupas – na região da Lagoinha não é do tipo que passa de pai para filho, porque os filhos desses antigos habitantes vivem em outras regiões da cidade. Portanto, muitas atividades estão deixando de existir no bairro, salvo poucos antiquários atraídos pela fama do lugar ou por vínculo afetivo<sup>10</sup>.

A respeito da localização e acessibilidade, o “*homem vale pelo lugar onde está*”. (SANTOS *apud* VILLAÇA, 2001, p. 200). O seu valor como produtor, consumidor e cidadão

<sup>9</sup> O Sr. Vincenzo, de 84 anos, veio da Itália para o Brasil na década de 1960 e desde essa época reside no bairro Lagoinha. Trabalhou como alfaiate e desempenha essa função até os dias atuais. Entrevista concedida à autora no dia 29 de novembro de 2007.

<sup>10</sup> Segundo Gigi - em depoimento colhido informalmente pela autora no dia 17 de dezembro de 2007, no bairro Lagoinha, em Belo Horizonte –, proprietária de antiquário na rua Itapecerica, ela foi atraída pelo charme do bairro, que tem tradição nesse tipo de comércio. Sua afeição pela Lagoinha se deve ao curto período em que viveu no bairro quando criança, e a oportunidade de ali instalar seu comércio a trouxe de volta aos bons tempos vividos na infância. Outros membros de famílias tradicionais no bairro, como os Tamietti, apesar de não possuírem mais familiares residindo na Lagoinha – caso de Carlos Tamietti –, decidiram investir na atividade de decoração, também atraídos por essa identidade do bairro no ramo de móveis.

depende de sua posição no território. Tal valor modifica-se em função de sua possibilidade de acesso aos lugares, em uma relação entre preço, tempo e frequência. A forma de consumir ou de apropriar-se de um lugar varia de acordo com a disponibilidade de cada indivíduo, ou seja, o preço influencia nos modos de consumo e produção e interfere no tempo e na frequência a esses espaços. Cada pessoa atribuirá à região da Savassi, por exemplo, maneiras diferenciadas de estar e de se relacionar com o espaço em função da influência econômica. Em vista disso, o bairro Lagoinha, por se localizar em área suburbana e deter singularidades como a citada acima, foi e continua sendo alvo de adjetivos menos valorativos em relação a outros lugares da cidade, especialmente do ponto de vista mercadológico, mas persiste enquanto lugar<sup>11</sup>.

De fato, as fragilidades do bairro perpassam essa noção de localização retomada de Santos. No entanto, essa é uma característica das cidades brasileiras, não só do bairro Lagoinha, mas que pode tornar a discussão mais atraente. Tais fragilidades peculiares ao bairro logo de início causam uma depreciação do lugar. Como em muitas outras cidades, que iniciaram seu processo de ocupação próximo à linha férrea, nessas localidades são encontrados os lugares mais antigos, que tendem a ter um traçado menos regular e desordenado, e, sobretudo, são as áreas mais degradadas. Por outro lado, bairros belorizontinos tão antigos quanto a Lagoinha, como o Carlos Prates, o Prado, o Calafate, o Floresta e o Santa Tereza, também foram conformados fora dos limites da Avenida do Contorno e em área suburbana. Os dois últimos tiveram e ainda mantêm características de bairros boêmios e não são tão emblemáticos do ponto de vista do estigma e do preconceito engendrado no bairro Lagoinha. Pelo contrário, o bairro Santa Tereza, com o chamado “Clube da Esquina”, teve uma projeção – nacional e internacional – maior no sentido de valoração do lado boêmio e de movimentos como esse no campo musical. (CORRÊA, 2002).

A cidade oficial “tradicional” a que nós recorremos e que é mencionada frequentemente é um espaço geralmente planejado e ordenado do restante. Trata-se de espaço de isolamento do mundo profano por meio de suas “muralhas”. (TUAN, 1980). As muralhas, nesse sentido, evocando o bairro Lagoinha, referem-se ao limite da linha férrea, ao Ribeirão Arrudas e aos limites da Avenida do Contorno, que dividia a cidade planejada em duas áreas: a urbana e a suburbana.

Do lado de lá, contudo, existem relações duradouras, sentimento de pertencimento e afetividade que conferem ao bairro uma atmosfera de lugar, um jeito de viver simples, mas

---

<sup>11</sup> As categorias espaço e lugar serão discutidas adiante. A título de esclarecimento, o lugar se refere à segurança e à afetividade que depositamos no espaço em que vivemos: é o nosso lar, a rua, o bairro. É o sentir-se pertencente a um determinado grupo.

que, sobretudo, busca resistir em meio às transformações urbanas impostas pelo crescimento das cidades.

A Avenida do Contorno pode ser interpretada como uma barreira simbólica que, ao longo do tempo, vem sendo (re)significada. (BARROS, 2001). Embora de fácil transposição, as barreiras se formam subjetivamente com o ritmo frenético da metrópole que estabelece os usos dos lugares e os transforma em “não-lugares” no sentido atribuído por Augé (1994). Esse antigo “lugar” – como assinala Barros (2001) em seu estudo sobre a Avenida do Contorno ao referenciar as experiências de moradores que vivenciaram seus velhos tempos – vem se constituindo em local de trânsito. Originalmente criada para separar a cidade em duas áreas distintas, cumpre sua função de corredor de passagem, aparentemente inócuo, mas que anuncia a emergência de novos tempos: os tempos da efemeridade e da circulação que a aceleração do tempo nos impõe<sup>12</sup>.

Nos dizeres de Calvino (1990), temos a tendência de apreciar a cidade dos cartões-postais em detrimento da atual, ou seja, queremos sempre o que não está ao nosso alcance, e assim também ocorre com a cidade ou com o bairro. Buscamos sempre o passado como forma de lembrar os lugares por onde passamos e vivemos ou de que temos saudade. O saudosismo pelo provinciano subsiste da época em que vivemos e queremos lembrar ou do que não experienciamos, mas almejamos.

## **1.1 Metodologia da Pesquisa**

Esta pesquisa utilizou o método qualitativo, que visa investigar em profundidade o tema em estudo e possibilita maior compreensão e interpretação do fenômeno. (BECKER, 1999; PATTON, 2002). Os instrumentos da pesquisa qualitativa para obtenção dos dados empíricos foram o trabalho de campo – a observação e as entrevistas semiestruturadas, divididas entre a de trajetória de vida com os moradores, gravadas em áudio e pequenas entrevistas – combinando-se a pesquisa documental. Por último a análise de discurso foi abordada com o objetivo de identificar as representações externas sobre o bairro – o olhar do outro. Para essa análise foram utilizados recortes de jornal e crônicas literárias sobre o bairro,

---

<sup>12</sup> O não-lugar no sentido de Augé (1994) se refere a um espaço de trânsito onde as relações são fugidias. “Um espaço que não pode se definir nem como identitário nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar” (AUGÉ, 1994, p. 73)

que contam sua história e suas transformações. As entrevistas curtas referidas acima tiveram como objetivo identificar os limites subjetivos do bairro Lagoinha<sup>13</sup>.

No intuito de captar as percepções dos moradores do bairro no cotidiano, utilizou-se a técnica da observação. A observação no bairro – por sua mobilidade, heterogeneidade e diversidade – permite-nos registrar e compreender os fenômenos complexos mais importantes que às vezes, por meio de entrevista apenas, (perguntas e respostas), não seriam revelados. (BECKER, 1999).

Com o objetivo de descrever o bairro, trata-se de *estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário...* anotar, registrar e analisar. (GEERTZ, 1999, p. 4).<sup>14</sup>

Neste trabalho não houve a pretensão do estudo etnográfico em sua plena acepção, em decorrência do tempo insuficiente para realização da investigação, que tem como preceitos a observação de forma ativa e contínua no espaço do bairro. Contudo, a pesquisa orientou-se no que poderíamos chamar de “olhar etnográfico” sobre o objeto de investigação – os atores sociais inseridos no bairro. Esse olhar possibilitou-nos uma aproximação frente aos protagonistas do estudo e a identificação de inúmeras dinâmicas que se entrecruzam na questão abordada.

O uso de fontes orais teve como objetivo registrar, por meio de narrativas induzidas e estimuladas, depoimentos e interpretações sobre a trajetória de vida dos moradores no bairro em suas variadas dimensões: conflituosas, temporais, espaciais, de representações individuais e coletivas. A história oral constitui-se em um caminho para produção de conhecimento da realidade que se deseja abordar, e a memória revela-se como a mais importante fonte dos depoimentos orais. (DELGADO, 2006). Optou-se pela história oral de vida por tratar-se da narrativa das experiências de vida de uma pessoa, com o propósito de conhecer e entender os aspectos sociais e identitários dos atores sociais do objeto de estudo desta pesquisa. A história de vida permitiu que os agentes sociais narrassem sua trajetória histórica no bairro. Ao relatar suas experiências em família, a vivência com os vizinhos e sua relação com a Lagoinha no passado, no presente e suas ideias para o futuro, tais atores entrevistados nos forneceram uma gama de narrativas que nos possibilitaram conhecer – um pouco – seus modos de vida.

---

<sup>13</sup> O roteiro das entrevistas de trajetória de vida encontra-se no APÊNDICE A. O roteiro das entrevistas curtas, sobre os limites simbólicos do bairro encontra-se no APÊNDICE B. Foi utilizado também como recurso iconográfico, fotografias antigas e atuais do bairro. O quadro com o nome dos entrevistados encontra-se no APÊNDICE D. Todos os depoentes autorizaram a divulgação de seus depoimentos. Assim, foram mantidos os nomes verdadeiros de 07 entrevistados. Apenas um nome fictício foi utilizado a pedido do morador. Optou-se por manter a identidade da maioria por se tratar de personagens-chave para a pesquisa no bairro.

<sup>14</sup> Vide Roteiro de observação no bairro, APÊNDICE C.

As primeiras aproximações com o bairro iniciaram em julho de 2007, com caminhadas atentas por suas ruas e conversas com moradores, mas só em dezembro daquele ano iniciei a participação em seus eventos<sup>15</sup>. O primeiro contato com os moradores do bairro se deu por conta da indicação de uma moradora que reside no conjunto Nossa Senhora da Piedade, situado na Rua Itapecerica, que desempenha a função de “relações públicas” da Igreja Nossa Senhora da Conceição e é membro do coral da mesma. A partir daí foi possível arregimentar novos depoentes. Concomitantes a isso foram as caminhadas pelas ruas do bairro com o objetivo de adquirir maior familiaridade com o objeto de estudo.

Ainda no início da pesquisa, mas já com alguma familiaridade com o bairro, observava os personagens típicos do seu cotidiano, os “maloqueiros”<sup>16</sup>, os trabalhadores de ferro velho, do comércio nas Ruas Além Paraíba e Itapecerica, os frequentadores dos bares, da Praça, da Igreja, do mercado; nesse cotidiano encontrei dificuldades em eleger entrevistados que contribuíssem com as entrevistas curtas em função da heterogeneidade de pessoas transitando no bairro. E nesse cotidiano de segunda a sexta – no vai e vem de pessoas – talvez não fosse possível ou suficiente perceber a dinâmica dos nativos no bairro. Partindo dessa “constatação”, decidi manter certa frequência no bairro aos finais de semana, o que trouxe novas contribuições e percepções acerca dos espaços de sociabilidade. Pode-se até mesmo considerar que o bairro se permite conhecer um pouco mais aos finais de semana e em seus eventos, predominantemente ligados à Igreja Nossa Senhora da Conceição. Os eventos a que me refiro são os mais simples no cotidiano dos moradores, tais como um “bingo” para arrecadar fundos para a festa da Padroeira ou um almoço de confraternização no Dia das Mães.

A pesquisa documental complementar à inicial foi realizada em jornais, trabalhos acadêmicos e livros de cronistas sobre o bairro Lagoinha. As instituições acadêmicas e de guarda da memória pesquisadas foram o Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte; o Museu Histórico Abílio Barreto; a Academia Mineira de Letras; a hemeroteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; a da Universidade Federal de Minas Gerais; Centro Universitário de Belo Horizonte; o acervo da Gerência de Documentação do jornal Estado de

---

<sup>15</sup> O primeiro evento de que participei no bairro foi sua grande festa, a da Padroeira Nossa Senhora da Conceição, no dia 08 de dezembro.

<sup>16</sup> O termo “maloqueiro” foi empregado por Dona Terezinha – moradora entrevistada, integrante do coral da Igreja Nossa Senhora da Conceição e responsável pela Corporação Musical de mesmo nome – para se referir a... *esse pessoal ruim que vem de fora... desce da rodoviária a primeira parada que ....vê a igreja....aí .... “ah é aqui que nos ‘vamo’ ficar”*. No trabalho de Araújo (2004, p.126) sobre a população de rua, o termo “maloqueiro” foi utilizado, pejorativamente, para aquele que “perambula” pela rua, que não se importa com a higiene pessoal e com a limpeza, ou seja, tem hábitos diferentes. Ele não tem um ponto certo de permanência, transita por todos os lugares.

Minas; e o acervo da Escola Estadual Silviano Brandão. Por último, no decorrer das entrevistas, foi disponibilizado por uma moradora entrevistada importante material sobre o bairro – incluindo recortes de jornal e fotos – de seu acervo particular, gentilmente cedido para pesquisa.

A fim de tecer considerações sobre a análise do discurso, cabe compreender o significado de tal corrente para os estudos linguísticos e sua pertinência para este estudo. Lupicinio Iñiguez nos diz que a “*Análise do Discurso estuda as práticas lingüísticas para esclarecer as relações sociais estimuladas e mantidas pelo discurso*”. (IÑIGUEZ, 2004, p. 154). A linguagem se estabelece como um processo dependente da realidade social e histórica: linguagem e sociedade colocam-se em uma relação de dualidade, sendo uma dependente da outra na construção do simbólico. A análise do discurso nas Ciências Sociais é amplamente dependente da interlocução para existir: haverá sempre um locutor – sujeito, narrador – interagindo com um destinatário, mesmo que este seja um opositor. A linguagem é mais uma forma de construção de nós mesmos e do mundo que meramente uma descrição, e a fala, nesse sentido, produz efeitos e intenções.

[...] Falar é fazer alguma coisa, alguma coisa diferente de expressar o que se pensa, traduzir o que se sabe, distinto de pôr em jogo as estruturas de uma língua; [...] mostrar que uma mudança na ordem do discurso não pressupõe “idéias novas”, um pouco de invenção e de criatividade, uma mentalidade distinta, e sim algumas transformações em uma prática, eventualmente nas práticas que delas se aproximam e em sua articulação comum. (FOUCAULT *apud* IÑIGUEZ, 2004, p.93-94).

Se fizermos uma analogia do discurso como um fio a ser tecido lentamente, o acontecimento no discurso ou “idéias novas” na concepção *foucaultiana* de análise de discurso, esses acontecimentos pressuporiam a não-linearidade destes, promovendo (re)significações em sua teia. Para Foucault (1996) e Iñiguez (2004), o discurso é algo mais que a fala e mais que um agrupamento de enunciados. É uma prática. Prática de diversas coisas, sobretudo, de práticas sociais. É uma prática que possibilita descobrir outras práticas discursivas. Vive numa dinâmica entre o desejo e o poder. E os grupos, por conseguinte, se apropriam do discurso de acordo com seus poderes e saberes.

Os enunciados do discurso devem cumprir a função reveladora de condições históricas, sociais ou intelectuais, que contêm valor para uma coletividade. O *ethos* do discurso é entender sua natureza em sintonia com o espaço e o tempo em que foram escritos em uma inter-relação locutor e destinatário. O discurso é sempre carregado de significação e

de subjetividade, permitindo, às vezes, ao locutor uma conversa com ele mesmo, como um ato de rememorar o passado. O sujeito constrói e enuncia o discurso. Seus lugares de enunciação pressupõem meios de produção e propagação do discurso que não necessariamente se limitam às instituições formais como a igreja, a justiça, a educação ou algo semelhante. Portanto, no caso em estudo, os escritores (locutores) são detentores desses mecanismos de difusão – do poder simbólico – do discurso da marca de representação de bairro boêmio que se sobrepõe às demais. (BOURDIEU, 1996; IÑIGUEZ, 2004).

Na medida em que o pesquisador elege as relações pretendidas na investigação, busca-se material relevante para tal, e, a partir disso, ele se depara com diversas narrativas que se entrecruzam. Tais discursos serão abordados na última seção do primeiro capítulo, com o objetivo de apreender o que esse “outro” diz sobre o bairro. Passemos a seguir para a estruturação dos capítulos.

## **1.2 Estruturação dos Capítulos**

O primeiro capítulo teve como objetivo identificar e descrever a trajetória histórica do bairro Lagoinha na cidade e as narrativas sobre o bairro no/do passado que persistem nos dias atuais. Optou-se por discorrer primeiramente sobre a história e o processo de ocupação de Belo Horizonte como cidade planejada a partir de leituras e percepções que alguns autores tiveram dela. Com isso, tem-se o propósito de inserir o bairro Lagoinha e entender a sua construção nesse espaço que imprimiu em seu tecido urbano marcas indelévels de bairro segregado e proletário, e, contudo, importante como bairro histórico belorizontino. Ao final do capítulo, far-se-á uma leitura sobre a Lagoinha a partir da percepção do “outro” nas narrativas do bairro no passado, sobretudo as que narram o bairro boêmio.

O segundo capítulo tem como objetivo descrever e analisar como os atores sociais se relacionam com o bairro considerando as práticas cotidianas de seus habitantes, que abarcam as relações de vizinhança e seus espaços de sociabilidade, e como os moradores percebem, significam e vivenciam o bairro. Essa discussão tomou como ponto de partida conceitos-chave sociológicos tais como o de espaço e lugar, de sociabilidade e vizinhança e as evidências empíricas coletadas por meio da observação, ou seja, manteve uma frequência sempre que possível no bairro e em suas manifestações culturais e cotidianas que trouxesse

subsídios para compreender um pouco o universo simbólico dos sujeitos sociais e o bairro tal como ele é hoje.

De acordo com Cordeiro (1997), três vertentes são fundamentais para análise de um bairro: a sua definição física (territorial), suas características socioeconômicas e seus imaginários culturais. Os limites físicos oficiais do bairro foram identificados por meio de mapa proveniente da PRODABEL – Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte, com os respectivos nomes de ruas (ANEXO B). A fim de proceder à investigação sobre os seus limites subjetivos, foram realizadas entrevistas curtas perguntando aos moradores onde começa e onde termina o bairro Lagoinha. Além disso, foi utilizado como suporte para tal pesquisa um mapa do Atlas da Arquidiocese de Belo Horizonte dividido por paróquias, que lhes foi apresentado ao final da conversa com o intuito de elucidar nome de rua ou limites, e não o de induzir a uma resposta (ANEXO E). Os locais em que me posicionei para as entrevistas foram as ruas Itapecerica, Além Paraíba, Serro, Jequeri, Fortaleza, a Praça 15 de Junho e Mercado da Lagoinha. Algumas abordagens foram realizadas na Rua Diamantina, situada no outro lado da Avenida Antônio Carlos, com o objetivo de comprovar a não-opção por uma parte do bairro.

A descrição densa sobre o bairro permitiu conhecer seus espaços de sociabilidade, as interações sociais e os modos de vida (GEERTZ, 1999). Trata-se de anotar, registrar e analisar o cotidiano no bairro com vistas a conhecê-lo no presente. O último capítulo teve como objetivo identificar, descrever e analisar as representações do passado na voz dos moradores para compreender como eles se relacionam tanto com a memória e a identidade do bairro quanto com a sua situação hoje em dia. A proposta aqui então é a de um diálogo dos moradores com as duas dimensões: como é a memória do bairro e como eles o veem hoje, o que por sua vez dialoga com as representações construídas acerca dele.

Por fim, longe de se pretender uma conclusão, apresento uma reflexão final sobre as interpretações construídas com a pesquisa. Digo longe de concluir porque o bairro, diante de suas complexidades, nos provoca mais indagações do que propriamente conclusões a respeito das questões que o envolvem. De todo modo, o “olhar” sobre a Lagoinha continua. O bairro constitui-se como um celeiro para pesquisas em diversas áreas do conhecimento. Como relatou um morador a respeito do que ele pensava sobre o futuro do bairro. *“Tem uma luz no fim do túnel.... acho que tem sim jeito pra Lagoinha... se o poder público quiser tem... mas a gente também tem que fazer a nossa parte... eu sei que tem”* (Antônio, 39 anos, servidor público, entrevista em 28/06/2008). Enfim, de quem ou do quê depende o futuro do bairro Lagoinha?

## **2. A LAGOINHA E O SEU LUGAR NA CIDADE**

Compreender uma cidade significa colher fragmentos. E lançar entre eles estranhas pontes, por intermédio das quais seja possível encontrar uma pluralidade de significados. Ou de encruzilhadas herméticas. (CANEVACCI, 2004, p.35).

A cidade se comunica o tempo todo com seus monumentos, com o tráfego, com os transeuntes, com os moradores, com o seu ritmo frenético ou pacato, com a fisionomia das ruas, ou seja, traduz as mais diversas formas de expressão e feição de quem nela habita. Belo Horizonte, por seu processo de ocupação e crescimento aos moldes de cidade planejada, moderna, higiênica, de relações de poder que nela se estabeleceram e sua configuração atual, permite-nos uma leitura da cidade tal como ela se nos apresenta.

Entender a cidade e a configuração de seus bairros a partir de fragmentos da história nos dará pistas para procedermos a uma leitura e compreensão do processo de ocupação do bairro Lagoinha, área suburbana da capital, e sua trajetória ao longo do tempo. O bairro Lagoinha, objeto deste estudo, é um dos bairros mais antigos de Belo Horizonte e mantém até os dias atuais as marcas dos tempos da boemia e prostituição de 40, 50 anos atrás. A fim de contextualizá-lo, proceder-se-á a uma síntese histórica sobre a construção da capital a partir da seleção de alguns desses fragmentos para, então, inserir a Lagoinha.

### **2.1 De Belo Horizonte ao bairro suburbano: um breve passeio pela história**

Belo Horizonte nasce, como inúmeras cidades brasileiras, do propósito de se definir um traçado urbano que pudesse racionalizar as formas de ocupação incipientes e transformar as sedes precárias em urbes permanentes. Em 1879, o plano era o de transferir a sede do governo do estado de Minas Gerais para uma cidade diferente de Ouro Preto.

Os republicanos almejavam o progresso de Minas Gerais, tornando-o um Estado industrializado e moderno, e isso desencadearia a necessidade de se construir uma nova capital, uma centralidade baseada na comunicabilidade e acessibilidade desse novo lugar, com a finalidade de facultar o equilíbrio das facções políticas que então disputavam o poder. Ouro Preto não desempenhava o papel de centro econômico por não dispor de meios para uma conexão com outros locais afastados, onde as mercadorias pudessem “concentrar e dispersar”

a partir de um núcleo emissor. Além disto, concentrava os símbolos do período colonial não mais desejados.

A nova cidade, planejada de acordo com os valores modernos, promoveria a liberdade republicana, expressando, no espaço edificado, o poder e a liberdade. Sobretudo, romperia com os símbolos e traços do período colonial, estigma da dominação e possibilidade de projeção do futuro.

Minas Gerais fechava o século XIX, que representara para a província uma era mais de decadência que de prosperidade, com um admirável esforço, uma verdadeira batalha em que o ideal republicano, posto a serviço de novos interesses econômicos, se afirmava vitoriosamente no plano técnico e administrativo. A criação de Belo Horizonte, encerramento do século passado, romântico e oratório, marca a presença de uma nova mentalidade política, mais de acordo com a nova era técnica característica do século XX. (GOMES, 1997, p.2).

No ano de 1894, por meio do Decreto nº 680, o governo cria a comissão construtora da nova capital. O Congresso mineiro precisou a nova capital do Estado, em 17 de dezembro de 1893, através da Lei nº3, adicionada à Constituição Estadual, definindo que a nova sede do Governo fosse erguida na Cidade de Minas, designada posteriormente Belo Horizonte. A construção da nova capital foi delegada a um grupo comandado pelo engenheiro Aarão Reis. Foi iniciada a construção de um ramal férreo que ligaria Belo Horizonte à rede da Central do Brasil (1895), de forma a viabilizar o envio de material de construção para as obras na cidade. (BARRETO, 1995; SINGER, 1932). Em março de 1895 concluiu-se a planta geral<sup>17</sup>.

A implantação do projeto demandava a completa demolição do arraial que ali se localizava, por tratar-se de traçado e construções incompatíveis com os propósitos dos engenheiros. Segundo Barreto (1995, p. 78), foram realizadas 430 desapropriações, entre casas e fazendas vizinhas, e, com as desapropriações, foram oferecidos a seus antigos habitantes novos imóveis a preços muito altos, o que inviabilizou a aquisição de terrenos na valorizada área central. A capital traçada pela Comissão Construtora era um lugar elitista com seus espaços reservados somente aos funcionários do governo e aos que tinham posses para adquirir lotes. Acreditava-se que os problemas sociais, como a pobreza, seriam evitados com a retirada dos operários da zona central, assim que a construção da cidade estivesse concluída. Isso não ocorreu na prática e houve o aparecimento e crescimento das habitações irregulares, além de um crescimento desordenado e o aumento de problemas infraestruturais.

---

<sup>17</sup> Em 1890, o antigo Curral D'El-Rei passou a se chamar Belo Horizonte; em 1897, Cidade de Minas; e, em 1901, voltou a Belo Horizonte (AGUIAR, 2006, p.22).

Em março de 1895 concluiu-se a planta geral e em dezembro de 1897 a cidade foi inaugurada. A lógica urbana foi inspirada em experiências modernas de planejamento urbano que o mundo conheceu, como a Paris haussmaniana (1853-1870), a Washington de L'Enfant (1800) e La Plata (1882), inspirada, sobretudo, no esplendor de Paris na época. Os planos desvelavam algumas questões preocupantes, como as condições de higiene e a circulação humana. A planta da cidade a dividiu em três principais seções – a Área Central Urbana, a Área Suburbana e a Área Rural – que diferem tanto em relação a usos quanto pela divisão adotada para cada uma delas. A área urbana ou central, com 8.815.383 metros quadrados, seria composta por quatorze seções urbanas que se caracterizavam pelo desenho geométrico dos lotes e dos quarteirões – traçado em xadrez<sup>18</sup>. A área suburbana teria 24.930.803 metros quadrados; e por fim a área rural com 17.474.619 metros quadrados<sup>19</sup>. (ANDRADE, 2004; BARRETO, 1995; TEIXEIRA, 1996).

No setor urbano ou central existiam planos para abrigar o centro administrativo da capital – área interna da Avenida do Contorno – e alojar os funcionários públicos. O traçado da cidade continha influências evidentes da Paris de Haussman, com suas ruas retas formando um quadriculado. As ruas de 20 metros de largura e as avenidas com 35 metros permitiriam a livre circulação dos veículos e arborização adequada prevendo a construção de bulevares. Era clara a intenção de romper com o passado colonial de Ouro Preto, com seus becos e ruas tortuosas. (ANDRADE, 2004; LEMOS, 1996; SINGER, 1932). Esse espaço se tornaria elitista pelo alto valor da terra, dos imóveis e por ter sido privilegiado com infraestrutura e serviços urbanos cabíveis à época, como educação, transporte e assistência médica<sup>20</sup>. O processo de elitização decorreu ao que tudo indica da não-implementação do plano e da forma como a cidade se desenvolveu. O determinismo elitista não necessariamente estaria contido no plano de Aarão Reis. (AGUIAR, 2006).

Às avenidas fixei largura de 35 m, suficiente para dar-lhes a beleza e o conforto que deverão, de futuro, proporcionar à população. Apenas a uma das avenidas – que corta a zona urbana de norte a sul, e que é destinada à ligação dos bairros opostos – dei largura de 50 metros, para constituí-la em centro obrigado da cidade e, assim, forçar a população, quanto possível, a ir-se desenvolvendo do centro para a periferia, como convém à economia municipal, à manutenção da higiene sanitária e ao prosseguimento regular dos trabalhos técnicos. (BARRETO, 1995, p. 251).

---

<sup>18</sup> Andrade (2004), referenciando Simmel e Weber, pontua que o traçado quadriculado faz menção à cidade racionalizada, típico de cidade moderna.

<sup>19</sup> De acordo com Singer (1977), Aarão Reis calculou medidas generosas para a cidade, mas, após sua inauguração, houve a dissolução da Comissão Construtora, e a continuação das obras não mais obedeceu a critérios inicialmente definidos.

<sup>20</sup> A Avenida do Contorno anteriormente era conhecida como Avenida 17 de Dezembro.

A intenção de Aarão Reis se concretizou nas duas primeiras décadas do século XX, ao implantar o principal núcleo de atividade comercial no entroncamento da Avenida Afonso Pena com a Rua da Bahia.

Para Simmel, citado por Andrade (2004), a cidade racionalizada buscava não somente a reunião de muitas pessoas, mas a união de tipos sociais diferentes. A ruptura com os “muros” da cidade antiga ou seu caráter autônomo e delimitado sugeria a perda do vínculo com a província, hábitos típicos de indivíduos que limitam suas pretensões e vida à comunidade. A geometria e a ordenação, propostas no plano de Reis, se contrapõem à singularidade e à irregularidade da pequena cidade. Ao passo que as ruas largas e retas implicariam para os indivíduos certa impessoalidade e, para questões práticas e burocráticas, objetividade e economia.

Essa zona urbana é delimitada e separada da suburbana por uma avenida de contorno, que facilitará a conveniente distribuição dos impostos locais e que, de futuro, será uma das mais apreciadas belezas da nova cidade. [...] Para a localização dos primeiros 300 mil habitantes estão reservadas apenas as seções I a VII da área urbana (com 4.395.212 m<sup>2</sup>) e as I e VI da zona suburbana (com 3.855.993 m<sup>2</sup>), compreendidos todos na faixa determinada por duas linhas paralelas traçadas pelo eixo das avenidas Cristóvão Colombo e Araguaia. (BARRETO, 1995, p.251).

Estudos demonstram que a área suburbana cresceria fora dos limites da Avenida do Contorno de forma espontânea, formada por lotes com áreas distintas e as ruas com 14 metros de largura. Conforme Gonzaga (1999), em 1912, aproximadamente 40% da população belorizontina estava assentada na zona suburbana e rural, refutando os ideais dos planos originais de ocupação imediata da área central. A terceira zona era a rural ou cinturão verde, composta por colônias agrícolas que abasteceriam a cidade com produtos hortifrutigranjeiros. O zoneamento da cidade foi bem definido quanto a quem e onde as pessoas deveriam residir e trabalhar. Já o estudo de Tito Flávio Rodrigues de Aguiar nos mostra que antigas colônias suburbanas foram formalmente incorporadas à zona suburbana de Belo Horizonte e que essa área foi pensada a partir da criação das Colônias Agrícolas e que a mesma foi de responsabilidade da Repartição de Terras e Colonização, um organismo do governo mineiro vinculado à Secretaria dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas<sup>21</sup>. (AGUIAR, 2006, p. 18-20).

---

<sup>21</sup> Foram cinco Colônias Agrícolas, a saber: Carlos Prates, Américo Werneck, Bias Fortes, Adalberto Ferraz e Afonso Pena. Dentre elas, a Carlos Prates e a Américo Werneck – no entroncamento dessas duas – originaram o bairro Lagoinha, objeto desta pesquisa. Esses núcleos foram transformados em bairros suburbanos da primeira periferia da cidade (AGUIAR, 2006, p. 18).

A ocupação dos bairros suburbanos, então, se deu basicamente de duas formas. Primeiro, de acordo com a concepção da CCNC – Comissão Construtora da Nova Capital –, para a ocupação da zona suburbana foram construídas casas em grandes lotes, formando chácaras. Os habitantes dessas chácaras pertenciam a diversos estratos da sociedade, inclusive das camadas altas e médias da população da nova capital. Segundo, os subúrbios foram povoados rapidamente por operários, pequenos comerciantes e funcionários públicos de baixo escalão, o que usualmente se costuma discutir sobre a ocupação dessa área. (AGUIAR, 2006, p. 162).

Belo Horizonte, ao longo da sua primeira década de existência como sede do governo mineiro, cresceu e diversificou suas atividades econômicas, justamente pela facilidade de acesso e crescimento populacional, que a transformou em uma cidade funcional. A cidade foi planejada para, no futuro, abrigar 200 mil habitantes. Hoje, a cidade conta com uma população estimada em 2.412.937 habitantes. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2007).

Belo Horizonte, durante os anos 1920, era a "Cidade-Jardim", onde a área verde foi priorizada não só nas praças como nas casas. Nessa época, surgiu a geração de escritores modernistas que se destacaram no cenário nacional e mudaram o panorama da literatura brasileira. Nas artes e na cultura, a cidade teve grande desenvolvimento: o Teatro Municipal estava em seu momento de glória e novas salas de cinema foram inauguradas. Em 1926 foi fundado o Conservatório Mineiro de Música e, no ano seguinte, a Universidade de Minas Gerais.

A infraestrutura urbana foi ampliada para atender a uma população crescente. Eram os sinais de que a modernidade havia chegado à Capital. Grandes obras foram inauguradas, como o viaduto de Santa Tereza, a nova Matriz da Boa Viagem e o Mercado Municipal. O auto-ônibus, por sua vez, complementava o serviço dos bondes. Como prova do desenvolvimento e do prestígio, Belo Horizonte recebeu a visita dos reis da Bélgica, em 1920. Na ocasião, toda a Praça da Liberdade foi reformulada, adquirindo o seu aspecto atual.

Em 1922, nos festejos para comemorar os cem anos da Independência Brasileira, a Praça 12 de Outubro passou a se chamar Praça Sete de Setembro e ganhou o famoso obelisco "Pirulito", marco comemorativo do centenário da Independência do Brasil. Na periferia, surgiram novos bairros, enquanto outros, já consolidados, cresceram nessa época, como os bairros de Lourdes, Barreiro, Nova Suíça, Gameleira, Renascença, Sagrada Família, Santa Tereza e Parque Riachuelo – hoje bairro Aparecida. (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2007, p. 301). Inúmeras favelas começaram a se formar, dado que a expansão da cidade aconteceu

sem um maior controle ou planejamento, engendrando sérios problemas urbanos. Segundo Silva (1991), muitos dos novos bairros não possuíam saneamento básico, enquanto o centro da capital permanecia relativamente vazio. Em 1925 inaugura-se a duplicação da Usina do Rio das Pedras, denominada Usina Mello, ampliada em 1929 e que continua, até hoje, sob a direção da CEMIG – Companhia Energética de Minas Gerais, criada em 1952. No final dos anos de 1920 iniciou-se a construção de estradas de rodagem ligando Belo Horizonte a São Paulo e ao Rio de Janeiro.

O crescimento industrial do País tornou-se um marco da afirmação do Estado brasileiro, bem como a proteção das riquezas do subsolo, a exploração das fontes de energia e a instalação da indústria de base, para a qual Minas Gerais possuía matérias-primas abundantes, além de tecnologia e recursos humanos bem preparados, especialmente pela Escola de Minas de Ouro Preto. Nessa década, destaca-se, em Belo Horizonte, a atuação do Prefeito Otacílio Negrão de Lima, incentivador do desenvolvimento industrial da cidade.

Nos anos de 1940, período de grande desenvolvimento da capital, sob a gestão de Juscelino Kubitschek, a expansão urbana passava de 30 milhões de metros quadrados na área prevista para ocupação da cidade, que originou a implantação de bairros e vilas aprovados no final da década de 1930, a exemplo da Vila Padre Eustáquio, bairro Nova Suíça, bairro da Graça, a Vila Carlos Prates, Concórdia, Barroca, Prado. O bairro Lagoinha, mesmo tendo sua história de ocupação concomitante à de Belo Horizonte, não teve reconhecimento oficial como os supracitados. Observa-se que o mesmo foi sendo ocupado em função da expansão do bairro Carlos Prates e com a proximidade com a linha férrea<sup>22</sup>. A facilidade de propagação desses núcleos ocorreu devido a ações do poder público tais como a abertura e o calçamento da Avenida do Contorno, o prolongamento da Avenida Amazonas até a Cidade Industrial e a abertura das avenidas Antônio Carlos, Silviano Brandão e Pedro II. A obra mais importante foi a do Conjunto Arquitetônico da Pampulha, que traria mudanças significativas à paisagem urbana, inaugurado em 1942. São notáveis as iniciativas de JK, pela construção de um conjunto habitacional no bairro São Cristóvão, como uma alternativa para o problema da moradia na cidade e como uma tentativa da Prefeitura de ordenar a região da Lagoinha – o Conjunto IAPI – Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários em 1941. Também projetado por Oscar Niemeyer, o Palácio das Artes começou a ser construído. (BARRETO,

---

<sup>22</sup> Essa discussão será retomada na historiografia do bairro Lagoinha.

1995; PREFEITURA DE BELLO HORIZONTE, 1919, 1922, 1929, 1927; TEIXEIRA, 1996)<sup>23</sup>.

A Cidade Industrial Juventino Dias teve sua construção iniciada em 1938 e concluída em 1945. Representou um marco fundamental do processo de industrialização de Belo Horizonte. O Governo desapropriou uma área de 770 hectares, loteou, promoveu o arreamento e desviou as linhas da Estrada de Ferro Oeste de Minas e da Central do Brasil, para facilitar o acesso ao local. Os terrenos foram arrendados às empresas que tivessem um projeto de construção, condicionando a posse dos mesmos à conclusão das obras em prazo determinado, findo o qual a área retornaria ao Estado. Para viabilizar a implantação de grandes indústrias, foi construída a Usina de Gafanhoto no Rio Pará (MG), durante o período da II Guerra Mundial (PANORAMA, 1997; FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2007).

Na década de 1950, 80% da população habitava a área suburbana ou rural. A partir disso, a expansão “físicoespacial” de Belo Horizonte modificou o curso das atividades econômicas do município. As atividades do setor terciário, tais como prestação de serviços, atividades liberais e comércio, até então concentradas no centro da cidade, estenderam-se pelo território urbano, sobretudo para as zonas sul e norte. O centro da cidade tornou-se uma área valorizada, principalmente para a construção de edifícios, dando início a uma especulação imobiliária.

A década de 1950 marcou o desenvolvimento da indústria na capital. A criação da CEMIG em 1952 garantiu a alavancagem do processo iniciado nos anos 1940, respaldado na oferta de energia farta e barata para as indústrias. Em 1952, foi fundada a Cia. Siderúrgica Mannesmann, no Barreiro, que começaria a produzir tubos de aço sem costura em 1956. A conjugação desses fatores – energia (CEMIG), transportes, ação política do Estado, dinamismo empresarial, desenvolvimento da Cidade Industrial, nas proximidades de Belo Horizonte – explica esse crescimento e fez com que os anos 1950 se constituíssem na “década de ouro” da industrialização de Minas Gerais. (GOMES, 1997; PANORAMA..., 1997)

Os anos de 1960 marcaram o início do movimento de transferência de indústrias da área urbana de Belo Horizonte para os municípios contíguos – hoje RMBH, Região Metropolitana de Belo Horizonte –, em busca de espaços adequados para a expansão de suas instalações, tendência que se intensificaria no final daquela década,

---

<sup>23</sup> O conjunto IAPI – localizado no bairro São Cristóvão – teve seu tombamento em 2007 – ver Dossiê de Tombamento Conjunto Residencial IAPI – Gerência de Patrimônio Histórico Urbano da Secretaria Municipal Adjunta de Regulação Urbana da Prefeitura de Belo Horizonte.

No período de implantação de Belo Horizonte, o eixo Ferrovia/Ribeirão Arrudas conduziu o crescimento da cidade no sentido leste/oeste, onde alguns povoamentos surgiram em torno de pontos de parada de trens. Em vista disso, a ferrovia já assumia o papel de elemento fragmentador do espaço, desagregando do contexto da cidade a área norte da Avenida do Contorno. No sentido norte e nordeste do Ribeirão Arrudas, os bairros Lagoinha e Floresta desenvolveram-se como um prolongamento da área da estação, à direita do Ribeirão Arrudas. O de Santa Efigênia foi induzido em seu crescimento pela instalação do quartel da Brigada Policial. (GONZAGA, 1999; TEIXEIRA, 1996).

Belo Horizonte, em comparação com São Paulo e Rio de Janeiro, é uma cidade relativamente nova. Nos anos 1980, o belo-horizontino experimentou outras mudanças em relação à cidade: o inchaço, a formação de aglomerados urbanos e a perda de importantes marcos da história da cidade, bem como alguns de seus espaços de lazer e sociabilidade, como bares e cinemas – alguns foram demolidos (a exemplo do Bar do Ponto e do Cine Metrôpole), enquanto outros deram lugar a igrejas ou *shopping centers*. (ANDRADE, 1997; CHACHAM, 1994). A degradação ambiental – ação de mineradoras como a MBR e especulação imobiliária na região da Serra do Curral – e as desigualdades sociais marcaram esse período e tornaram-se alguns dos maiores questionamentos dos cidadãos.

Uma racionalidade nova começou a surgir e as obras realizadas na cidade ganharam novo norte. Em 1981, implantou-se o metrô de superfície como uma alternativa rápida, segura e menos poluente para o transporte de massa. Em 1984, a canalização do Ribeirão Arrudas, finalizada somente em 1997, minimizou o problema das enchentes.

A memória social urbana foi privilegiada por meio das políticas de proteção ao patrimônio historicocultural com o tombamento de várias edificações de relevância cultural iniciado com a Rua da Bahia. No intuito de valorizar e ordenar o espaço urbano, aprovou-se, na década de 1990, a Lei Orgânica do Município, avançando em inúmeros setores sociais. Em 1996, o Plano Diretor da cidade e a Lei de Uso e Ocupação do Solo passaram a regular e ordenar o crescimento da cidade. As décadas de 1980 e 1990 foram marcadas por movimentos sociais, em que a população passou a exigir maior qualidade de vida na cidade e medidas de proteção ao meio ambiente. Essa tendência vai sinalizar um novo perfil industrial, contemporâneo, baseado nas indústrias não poluentes e de alta tecnologia. (GONZAGA, 1999).

## 2.2 Lagoinha: nasce um bairro suburbano na cidade

O bairro Lagoinha nasceu junto à planejada cidade de Belo Horizonte, no final do século XIX. Teve como principais habitantes imigrantes italianos, portugueses, turcos, migrantes do interior de Minas Gerais e de outros estados brasileiros para fazer parte do operariado que trabalharia na construção de Belo Horizonte. Famílias como os Trotta, Gramiscelli, Abramo, Vaz de Melo, Abuid, Bonome, Scalabrini, Scotelaro, Vanucci, Brandão, Barreto, Scarpelli, Rocco, Pirolli, Campolina, Varela, Andrade, Lapertosa, Nappo, Marchetti, Silveira, Carabetti, Diniz, Thibau e muitas outras fixaram residência no bairro. Alguns integrantes dessas famílias são idosos e ainda permanecem no bairro, como os da linhagem Brandão, Abuid, Scotelaro, Gramiscelli, Marchetti, Rocco, Varela e Campolina.

Alguns escritos demonstram que os primeiros sinais de ocupação do bairro remontam ao antigo Curral Del Rey, datado do início da ocupação territorial da região de Minas Gerais. Classificada como área suburbana – fora dos limites da Avenida do Contorno, que demarcavam o cinturão urbano, embora em área contígua à urbana –, foi sempre um típico bairro de periferia, hoje qualificada de área pericentral, tendo sido habitado pelos trabalhadores encarregados da construção da cidade. Nasceu a partir das colônias agrícolas Carlos Prates e Américo Werneck, que foram incorporadas formalmente à zona suburbana de Belo Horizonte nas décadas de 1910 e 1920. (AGUIAR, 2006, p.20; LEMOS, 1996; MACHADO; PEREIRA, 1997).

A área Pericentral registra a história da imigração para a metrópole em construção e a reivindicação de serviços urbanos. Aparentemente é o espaço apropriado para as classes médias e de exclusão progressiva das camadas de menor renda, que permanecem apenas nas porções mais afastadas. Sua importância regional é crescente, graças à substituição do uso residencial pelo comercial e de serviços ao longo das vias arteriais. A partir dos anos 80, começa a perder população em termos absolutos, embora apresente a mais alta densidade demográfica da RMBH e intensifique sua verticalização a partir dos anos 90. (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2007, p. 27).

O que se pode apreender sobre a área é que, embora a região pericentral tenha uma história de verticalização a partir da década de 1990, isso não aconteceu na Lagoinha, que vem perdendo população e notadamente há ausência de renovação. Os dados censitários mostrarão adiante o que vem acontecendo com o bairro.

Localizado na região Noroeste de Belo Horizonte, mais precisamente na VI Seção Suburbana, constam registros de que as primeiras construções no bairro Lagoinha se deram na chamada Esplanada da Lagoinha, junto à lagoa de mesmo nome.

O nome deste bairro é mais antigo do que o próprio arraial de Curral Del Rei, conforme tivemos ensejo de ver pela carta de sesmaria de João Leite da Silva Ortiz, pois na designação da divisa das terras concedidas àquele bandeirante, no cercado, já o local figurava com o nome de Lagoinha, que assim se chamou pelo fato de ter existido ali, outrora, uma lagoa mais ou menos no local em que hoje ficam as ruas Diamantina, Itapecerica, Adalberto Ferraz e Formiga. (BARRETO, 1995, p. 270).

Surgiu com a Lei das Vilas Operárias de 1918 (Lei 178), implementadas ao longo da gestão do prefeito Vaz de Melo na década de 1920, em algumas áreas da Zona Suburbana da capital onde os terrenos pertenciam à Prefeitura (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 1919, p.50).

A prefeitura tem se sentido impotente para impedir que seus terrenos, de vários pontos da cidade, sejam ocupados por cafuas e barracões construídos clandestinamente pela pobreza da cidade. Torna-se, pois, indispensável a criação de Villas Proletárias onde serão definitivamente localizados esses ocupantes actuaes de lotes. (...) Grande parte da 6 secção suburbana (Lagoinha) está ocupada por habitações provisórias, construídas sem licença da prefeitura. (PREFEITURA DE BELLO HORIZONTE, 1922, p. 51).

Com a criação das Vilas Operárias por parte da municipalidade, percebe-se a regularização de vários núcleos na área suburbana, tais como as ex-colônias Adalberto Ferraz que originaram o bairro Cruzeiro e parte do Mangabeiras; a Vila Concórdia, bairro Concórdia; a colônia Afonso Pena deu origem a parte do bairro Santo Antônio e Coração de Jesus; a colônia Bias Fortes, que originou parte do bairro Santa Efigênia; o bairro Carlos Prates, que conserva o nome da colônia, e Américo Werneck, que originou o bairro Floresta. As duas últimas, ao que tudo indica, possibilitaram a formação e o crescimento do bairro Lagoinha, pela contiguidade e a relação entre um e outro. Mesmo com essa relação e pelo fato de o bairro Lagoinha ter seu processo de ocupação concomitante ao da capital e com a criação das vilas operárias, não foi possível perceber nos documentos consultados uma data de fundação do bairro tal como aconteceu, por exemplo, com o bairro Concórdia – embora se tenha o conhecimento da data de incorporação das antigas colônias à área suburbana da cidade, 1910 e 1920. (AGUIAR, 2006; BARRETO 1995; LEMOS, 1996; PREFEITURA DE BELLO HORIZONTE, 1919; RIBEIRO, 2008). Tais dados demonstram o crescimento da cidade

vindo da periferia para o centro, e não o contrário, como previa o plano de Aarão Reis. Isso nos leva a pensar que o processo de ocupação da Lagoinha se deu pela localização – lindeira ao núcleo central, às margens do Ribeirão Arrudas e da linha férrea – e induzido pela municipalidade.

Em 6 de agosto de 1898, foram instalados os dois primeiros núcleos suburbanos, o Córrego da Mata e o Carlos Prates, que foram ainda planejados durante o mandato do presidente de Estado Bias Fortes. Já em maio de 1899, 131 dos 150 lotes – distribuídos em uma área de 309,6 hectares de dois hectares por lote – do núcleo colonial Carlos Prates já estavam ocupados por 270 colonos, dos quais eram 70 brasileiros, 135 italianos, 28 portugueses, 25 alemães e 12 franceses. Essas subdivisões de lotes transformaram as ex-colônias em bairros suburbanos. O padrão de parcelamento dos núcleos Carlos Prates e Américo Werneck era com frente de 40 a 50 metros e profundidade de aproximadamente 400 a 500 metros<sup>24</sup>. (AGUIAR, 2006, p. 252-268).

Dos dois primeiros núcleos, Carlos Prates e Américo Werneck, o segundo núcleo era o que tinha o traçado mais simples e de extensão reduzida em comparação com a divisão da colônia do Barreiro, que possuía em média oito hectares por lote. Em maio de 1899, os 144,82 hectares foram divididos em 75 lotes, com medida em torno de dois hectares por lote. Isso sugere que tal núcleo tenha sido pensado para cultivo de hortas e pomares. A tese de que o núcleo Américo Werneck foi pensado para cultivo rural pode ser corroborada a partir do depoimento de uma moradora sobre o bairro Floresta – imediações da Rua Diamantina. "*Ali tudo era chácara... mangueiras... naquele quarteirão de cima onde é a Rua Álvares de Azevedo... eu ia lá chupar manga... lá tinha muita árvore... muita fruta*" [... (D. Terezinha, 80 anos, dona de casa e musicista)<sup>25</sup>. Os vizinhos iam com frequência ao outro lado do bairro porque tinham acesso aos pomares. "*A principal estrada do núcleo colonial Américo Werneck era a extensão da Rua Pouso Alegre, que atravessava a VI seção suburbana até a Rua do Ramal e a Praça Vaz de Melo, na Lagoinha*". (AGUIAR, 2006, p. 268).

O Ribeirão Arrudas separava a colônia Carlos Prates em duas porções distintas. Na porção norte, os lotes se prolongavam por um monte, divisor de águas entre o Córrego do Pastinho e o Ribeirão Arrudas. Os lotes coloniais se estendiam pela encosta norte do Vale do Pastinho, até atingir a Rua Jaguari, próximo do Cemitério Municipal – Bonfim –, limite do

<sup>24</sup> A colônia Carlos Prates deu origem aos bairros Carlos Prates, Prado e parte do Bonfim e Pedro II. Conforme o trabalho de Aguiar (2006), oficialmente a ex-colônia Carlos Prates compreende, ainda hoje, todos esses bairros e partes de bairro, com exceção do Prado, que, hoje, possui a denominação de IV seção suburbana.

<sup>25</sup> Entrevista em 30/04/2008.

núcleo agrícola com a VI seção suburbana, pertencente à parte inaugurada pela Comissão Construtora da Nova Capital<sup>26</sup>. (AGUIAR, 2006, p. 269; PANORAMA, 1997); (ANEXO C).

Para Gonzaga (1999), com a sua localização entre a zona rural e a urbana e a proximidade com a parte agrícola do Carlos Prates, a Lagoinha desempenhava o papel de porta de abastecimento da cidade. Nesse contexto, surge o primeiro mercado municipal na área contígua ao bairro, na Praça 14 de Fevereiro, atual Praça Rio Branco, responsável por favorecer o aumento da população vizinha. O mercado ocupava dois pavilhões metálicos montados entre 1899 e 1900 na atual Praça Rio Branco, onde hoje está localizada a Estação Rodoviária. Os dois pavilhões foram demolidos por volta da década de 1920 e o mercado transferido para o local do atual Mercado Central, na Avenida Augusto de Lima, em 1929. (AGUIAR, 2006, p.161).

Em 1898, foi aprovado o Código de Posturas de Belo Horizonte, estabelecendo critérios de urbanização entre a zona urbana e as demais. Por volta de 1906, a fim de concretizar essa organização do espaço, o governo autorizou a construção de vilas de aluguel barato na Rua Bonfim, imprimindo ao lugar as marcas de espaço da população de baixa renda na cidade.

Feitas as ligeiras modificações na lei n. 178, já lembradas no relatório de 1920 à página 52, e ainda a substituição das palavras *foreiro* por *adquirente*, *aforamento* por *venda* etc; poderá a prefeitura criar em terreno que possui, denominado “Pasto da Prefeitura”, uma grande Villa Proletária. Em terrenos de sua propriedade situados atrás do Cemitério Municipal, fez a prefeitura, cerca de 300 lotes que serão cedidos nas condições que ficarem definitivamente assentadas para as Villas Proletárias. Grande parte da 6 secção suburbana (Lagoinha) está ocupada por habitações provisórias, construídas sem licença da prefeitura. (PREFEITURA DE BELLO HORIZONTE, 1922, p. 51).

A municipalidade tinha a intenção de resolver os problemas da habitação o mais rápido possível porque aumentava a ocupação clandestina dos terrenos da prefeitura. Os terrenos deveriam ser vendidos a preços módicos, a fim de não gerar mais prejuízos à prefeitura com as invasões de lotes.

Um relatório de Aarão Reis na década de 1896 fazia menção ao Cemitério Municipal do Bonfim, construído em um terreno no Alto dos Menezes a 650 m do perímetro urbano, abrigando nas proximidades uma pedreira, que teria facilitado a sua construção. A implantação do cemitério na área lindeira à Lagoinha, onde hoje é o bairro Bonfim, contribuiu para a construção do estigma do bairro. Na década de 1920, a Lagoinha passa a abrigar os

<sup>26</sup> O Córrego do Pastinho está hoje canalizado sob a Avenida Pedro II.

trabalhadores desempregados em função da crise econômica que assolou a cidade na época. Além disso, o bairro já tinha uma fama de abrigar trabalhadores da construção civil, de ofícios ligados à construção de instrumentos musicais e alfaiates. A boemia já era conhecida e, associada à prostituição, foram a causa do estigma lançado ao bairro. (PEDERSOLI, 1992, p. 29-38).

Gonzaga (1999) assinala que os obstáculos para alojar a população foram percebidos na constituição das primeiras favelas na cidade em um sentido segregacionista dos administradores. Por volta de 1920, foi ocupada a Vila Senhor dos Passos no limite norte da região, na porção compreendida entre as ruas Além Paraíba (próximo à Praça 15 de Junho), Alexandre Stockler, Turvo, Fagundes Varela e Pedro Lessa.

O cenário urbano do bairro nessa época já vinha sofrendo com a transformação da Praça, entre outros lugares da cidade. A região era testemunha do abandono dos dirigentes para com a área suburbana, como a ausência de planejamento, infraestrutura, arborização e ruas estreitas. A iluminação e o transporte chegaram ao bairro em 1909 e a rede de água por volta de 1930, em substituição aos chafarizes, embora existisse desde 1915 um reservatório em construção.

Nas décadas de 1910 e 1920, com a inauguração do ramal férreo ligando Belo Horizonte a Divinópolis, a oeste surgiram os estabelecimentos comerciais da Rua Itapecerica, ligados a gêneros alimentícios, roupas e outros artigos de primeira necessidade. Com o plano rodoviário da capital, que a transformaria em um polo centralizador da economia mineira e porta de entrada da cidade, o mercado atacadista foi levado para a região da Avenida Santos Dumont, devido à demanda de outras cidades mineiras. Contudo, por volta de 1924 e 1925, os problemas de abastecimento alimentício na cidade persistiram, com a escassez e o aumento dos preços.

Diante disso, o governo do estado incentivou o abastecimento direto ao consumidor com a criação das feiras livres, de um mercado no bairro Funcionários e do Mercado Central, o que ocasionou à Lagoinha perda de importância na distribuição de alimentos para os atacadistas da região da Avenida do Comércio, hoje Avenida Santos Dumont. (GONZAGA, 1999, p. 37).

Em 1921, à zona suburbana foi incorporada a rural, e os princípios que regiam a área urbana foram lançados às demais zonas, refletindo na Lagoinha uma sequência de transformações políticas, administrativas e, sobretudo, no sistema viário, que persistem até os dias atuais. Ainda nesta década, em 1928, um período de seca ocasionou escassez de energia elétrica, que resultou na diminuição da circulação dos bondes e fez com que o governo

implantasse o serviço de auto-ônibus em 1929, criando 8 linhas de ônibus, das quais uma atendia a Lagoinha.

Alguns acontecimentos foram emblemáticos para a história e evolução urbana do bairro. Em 1933 foi inaugurado o Aeroporto da Pampulha, e o acesso a toda região adjacente a ele era feito pela Lagoinha, na chamada "Estrada Velha da Pampulha" que recebeu calçamento em 1937 na administração de Otacílio Negrão de Lima. Onde é hoje a Estação Rodoviária, existia o Mercado Municipal, e em 1934 foi erguida a "Feira Permanente de Amostras"<sup>27</sup>. Nessa década era constatada a carência de espaços verdes e de lazer para a população nas áreas suburbanas, que, por sinal, viam nos espaços supracitados lugares de lazer e sociabilidade. Especificamente a Feira Permanente de Amostras era tida como um obstáculo na área que compreendia a Avenida Afonso Pena e a Avenida Contorno e, portanto, teve de ser demolida no ano de 1964. (PEDERSOLI, 1992, p. 45).

Ao que tudo indica, as demolições parecem representar um meio utilizado pelas elites no poder para permanência da situação de ordenamento da área urbana. Demoliam-se tanto as moradias consideradas moralmente condenáveis quanto as insalubres, subsistindo a ideia de imoralidade e desordem.

A construção do Túnel Lagoinha-Concórdia ou Túnel Souza Lima iniciou-se em 1948 e foi concluída em 1971, com vistas a solucionar o problema do trânsito na região. Sobretudo para ligar o centro de Belo Horizonte à região nordeste da cidade e viria a desafogar os viadutos do bairro Floresta e Santa Tereza. A construção do complexo viário foi concluída na década de 1980, do Terminal Rodoviário na década de 1970 e do trem metropolitano em 1986. (MACHADO; PEREIRA, 1997, p. 55; PEDERSOLI, 1992). Nessa época foi construída apenas a entrada do túnel, que partiria da Rua Mauá – hoje Nossa Senhora de Fátima – e o local ficou abandonado, tornando-se refúgio de malandros e ponto de prostituição. A obra só foi retomada por volta de 1959-1963, na administração do prefeito Amintas de Barros (GONZAGA, 1999, p.53). A partir dessa época se inicia o processo de descaracterização do bairro.

Em 1949, o Estado, com intuito de dar continuidade aos incentivos às feiras livres, instituiu a Feira dos Produtores na Lagoinha, na Avenida Pedro II, que cumpria a função social e de encontro da população. Posteriormente, foi transferida para o bairro Cidade Nova para dar início à construção do metrô. Em face disso, houve inúmeras desapropriações de terrenos lindeiros à Praça Vaz de Melo.

---

<sup>27</sup> Hoje o acervo de pedras da feira se encontra no Museu de Mineralogia Professor Djalma Guimarães, instalado no prédio "Rainha da Sucata", localizado na Praça da Liberdade.

Nesse momento a Lagoinha exercia o papel de subcentro, fortalecido como corredor de passagem para bairros distantes, gerando uma região comercial que se dividiria em direção aos bairros Santo André, Bonfim, Cachoeirinha, São João Batista, Conjunto IAPI e Caiçara. As atividades comerciais apresentavam uma tendência atacadista pela existência de um centro de abastecimento nas imediações da Avenida Santos Dumont. Contudo, o bairro, nas pessoas de seus moradores, continuou a ser marginalizado como espaço residencial das classes menos favorecidas.

Com a crise de abastecimento na cidade, na década de 1950, foi construído pela BEPREM – Beneficência da Prefeitura Municipal – o “Supermercado Popular Municipal”, o chamado “Mercado Popular da Lagoinha”. O mercado foi inaugurado em 1951. Em 1988, ele foi desativado, e uma reforma iniciou-se em 1995, com o “Projeto Lagoinha”. Em julho de 1997 foi reaberto como espaço de lazer e encontro para a população com um comércio variado – galeria de arte, lanchonete, banca de revista, restaurante tailandês, loja de biscoito, loja de artesanato, feira de hortifrutigranjeiros, comida típica e palco para *shows*. A situação atual do mercado será abordada no capítulo seguinte.

Os estudos sobre o bairro Lagoinha referenciados neste trabalho por Gonzaga (1999); Lemos (1996); Machado e Pereira (1997); Pedersoli (1992); Rugani (1996); e Teixeira (1996) revelam que o mesmo vem perdendo espaço ao longo do tempo e que não tem despertado interesse por parte do mercado imobiliário, nem tampouco houve renovação. A cada nova legislação municipal, a Lagoinha perde uma porção de seu território. A própria característica de bairro pericentral é marcada pela existência de determinadas vias de acesso ou por obstáculos naturais, como é o caso do Ribeirão Arrudas; pela implantação de grandes equipamentos, como o complexo viário e ferroviário, quase sempre dispostos fora dos limites da área central. " *A topografia da região é ruim, com alguns trechos planos de declividade suave, situados ao divisor de águas das bacias do Onça e do Arrudas*". (BELO HORIZONTE, 1995, p. 94).

Os bairros São Cristóvão, Bonfim, Santo André, Lagoinha, Bom Jesus, Nova Esperança e Nova Cachoeirinha, principalmente aqueles situados na faixa linceira à Avenida Antônio Carlos, em toda a extensão do limite leste da região, são de ocupação antiga, estagnada, com população decrescente, com pequeno decréscimo no número de domicílios e processo de mudança de uso ainda imperceptível. (BELO HORIZONTE, 1995, p. 95).

O zoneamento referente ao bairro, descrito no Anexo II da Lei de Parcelamento, Ocupação e Uso do Solo<sup>28</sup>, é denominado ZAR-2 – Zona de Adensamento Restrito –, que se refere a “*regiões em que as condições de infra-estrutura e as topográficas ou de articulação viária exigem restrição da ocupação*”. As ZARs são regiões onde a ocupação é desestimulada, seja por infraestrutura inexistente ou deficiente ou por questões ligadas à articulação viária e suas condições topográficas. (BELO HORIZONTE, 1996, LEI 7.166 cap. II, art. 8º).

Em seu art. 88, a Legislação de Parcelamento Ocupação e Uso do Solo trata a Lagoinha como área de importância cultural e econômica para a cidade e destina a ela proteção como patrimônio cultural, incluindo a preservação da paisagem urbana. O desenvolvimento econômico deve, portanto, privilegiar as atividades tradicionais no bairro e estimular outras compatíveis com as existentes, prevendo estímulos por incentivos fiscais. Contudo, em seu parágrafo terceiro, a lei considera que os projetos de urbanização necessários para as áreas degradadas ou subutilizadas podem ser realizados por meio de operações urbanas.

Além disso, existe um discurso em relação ao patrimônio histórico e, no entanto, a Prefeitura não implementa políticas que deem conta desse discurso. Até o momento foram tombadas duas edificações no bairro: ambas na Rua Itapeçerica, números 251 e 373. A primeira edificação abriga uma empresa e se encontra bem conservada; já a segunda está abandonada e em ruínas<sup>29</sup>. (Figuras 15 e 16).

Em 1995, com vistas a garantir à Lagoinha sobrevivência no espaço da cidade como bairro importante para a história de Belo Horizonte, foi implantado o Projeto Lagoinha, sob a gestão do prefeito Patrus Ananias, a partir de estudos do Inventário do Patrimônio Urbano e Cultural de Belo Horizonte – IPUCBH, realizados pela Secretaria Municipal de Cultura. A Pesquisa das Atividades Econômicas da Lagoinha, realizada pela Secretaria Municipal de

---

<sup>28</sup> Legislação de Parcelamento Uso e Ocupação do solo da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte – Lei 7.166, de 27 de agosto de 1996.

<sup>29</sup> Para as questões sobre patrimônio foram criadas as ADE's – Áreas de Diretrizes Especiais – para delimitar espaços diferenciados de preservação na cidade. Trata-se de um instrumento de proteção que tem como objetivo resguardar áreas de importância cultural, ambiental, social e físico-paisagística e econômica da cidade, que deverá pautar suas ações no âmbito do patrimônio cultural de acordo com os parâmetros urbanísticos da Legislação de Parcelamento, ocupação e uso do solo, Lei 7.166, de 1996. A ADE Lagoinha é a 12 e até a presente data não foi regulamentada (ANEXO G). A respeito da edificação número 373, na última visita ao bairro, no mês de dezembro de 2008, o referido imóvel se encontrava à venda. A título de curiosidade, o mesmo possui um terreno de 3500m<sup>2</sup> com grande galpão ao fundo e fachada da casa, que deve ser mantida, por se tratar de edificação tombada; o valor era de R\$ 1.550.000 (um milhão e quinhentos e cinquenta mil reais). Importante ressaltar que existem discussões a respeito do tombamento como instrumento de preservação, e no entanto, não serão abordadas no âmbito desta pesquisa.

Indústria e Comércio e a pesquisa “Cenários da Lagoinha”, desenvolvida pela Secretaria Municipal de Planejamento, mostraram-se complementares à ação.

O projeto surge a partir da ótica da “Reabilitação integrada”, tendo por base o inventário do patrimônio urbano e cultural de Belo Horizonte, que possibilitou identificar áreas de consolidação e renovação do bairro, levando em consideração a vocação econômica do bairro de comércio e serviços de autopeças, loja de móveis usados e antiquários (GONZAGA, 1999; MACHADO; PEREIRA, 1997; MORAES; GOULART, 2002; RUGANI, 1996).

A área de abrangência desse projeto se estende da Avenida Pedro II aos bairros Bonfim, à Lagoinha, até a Rua Diamantina, parte do Santo André e parte do São Cristóvão. Tal projeto visava a revitalização da região a partir das edificações que se encontravam em péssimo estado de conservação – com a pintura de alguns imóveis –; a revitalização do Mercado Popular da Lagoinha; a conclusão da construção do elevador A; o tratamento da alça do novo viaduto da Praça Vaz de Melo; a recuperação das Praças 15 de Junho, Bonfim e Agostinho Martini; a recuperação da Rua Itapecerica; e o inventário das edificações existentes (GONZAGA, 1999, p. 91; RUGANI, 1996, p. 9). Dessa iniciativa foi entregue à população o Mercado Popular da Lagoinha revitalizado, a Praça Vaz de Melo e o viaduto finalizado. Ainda, o Projeto Sopro da Lagoinha, com o objetivo de resgatar um pouco a identidade do bairro em relação à música, também não teve continuidade.

A associação de moradores do bairro foi criada nessa mesma época, com vistas a viabilizar as ações do referido projeto. Com isso, de acordo com um morador, conseguiram poucas melhorias para o bairro, tais como policiamento comunitário, posto de saúde e transporte. Diz ainda que, em vista do que era, está melhor, mas longe do idealizado pelos moradores:

[...] A Associação começou em 1995 com o Projeto Lagoinha [...] É pelo seguinte... porque com esse projeto Lagoinha... eles queriam fazer um projeto que chamava o projeto “Síntese do Centenário”. Então como era uma região que tava muito esquecida e tudo, eles quiseram fazer um projeto aqui nessa região. [...] É que nessa época eles começaram a fazer muita pesquisa no arquivo a respeito do bairro e tudo aí eu falei que morava aqui e tal e eles me procuraram e a gente começou a conversar. Eles falaram que o bairro não tinha uma associação e que eles precisavam ter uma associação legalizada pra poder implantar os programas aqui no bairro e tal. (Pedro, 52 anos, servidor público, entrevista em 05/07/2008).

A associação de moradores funcionou até por volta de 2000, e a mesma não teve continuidade por falta de engajamento, de tempo e disponibilidade dos próprios moradores, ressalta Sr. Pedro.

Em virtude das restrições contidas na lei, percebe-se que o bairro, desde seu nascimento, constituiu-se como transgressor dos ideais racionalistas dos construtores da cidade planejada e saneada, e, sobretudo, pelos administradores que lhe sucederam. A partir da década de 1930, quando se anunciou a abertura de uma avenida sanitária – a Antônio Carlos –, a Lagoinha tem vivido sob a ameaça constante das grandes intervenções viárias, consequência de sua localização e topografia acidentada. (RUGANI, 1996). Tais intervenções, como a construção de avenidas e viadutos de forma deliberada pela administração pública, conferiram-lhe uma característica de corredor de passagem da região norte-sul.

A Lagoinha é um bairro de limites dispersos, confrontando com os bairros Bonfim, Carlos Prates, Santo André, Colégio Batista e Centro da cidade. Ela abriga uma das favelas mais antigas de Belo Horizonte, a Pedreira Prado Lopes. Esses bairros têm nas Avenidas Pedro II, Antônio Carlos e Tereza Cristina suas principais articulações viárias e de acesso ao Centro da cidade, além dos complexos rodoviários e ferroviários internos à área. Tais bairros são predominantemente de classe média e têm sua história de ocupação como área proletária e de surgimento concomitante ao do município de Belo Horizonte.

A área pericentral, como dito anteriormente, começa a perder população em termos absolutos a partir dos anos 1980 e intensifica sua verticalização a partir dos anos 1990. O bairro sofreu e continua sofrendo intervenções viárias, sem garantia, contudo, de uma mudança nos usos residenciais. O Cemitério, a favela, o Conjunto IAPI e as intervenções viárias revelaram-se fatores estruturantes muito sólidos para ocupação dessa região. Além disso, *nem mesmo a presença de centros universitários nos anos mais recentes asseguraram a participação de moradias para estratos superiores de renda.* (FUNDAÇÃO JÓAO PINHEIRO, 2007, p.312).

A Lagoinha é bem situada na malha urbana de Belo Horizonte, no entanto o bairro não passou por mudanças significativas nas últimas décadas do século passado em relação ao padrão socioeconômico dos moradores, bem como no padrão de moradias. No bairro ainda é possível encontrar parte da população que remonta a sua origem, embora já envelhecida, e com a presença de filhos e netos residindo no bairro, como se pode aferir com as entrevistas. Na pesquisa de campo, percebemos a verticalização presente nas imediações do bairro

Floresta e Colégio Batista. A verticalização mais expressiva na Lagoinha, considerando o recorte espacial da pesquisa, pode ser observada no Edifício Paulete – construído em 1972 –, localizado na Rua Jequeri, entre as Ruas Além Paraíba e Itapecerica, cujo número de pavimentos é de 5 andares, divididos em 3 blocos, com 184 apartamentos (Figura 12).

**Tabela 1**

**Total da população, total de domicílios, tipos de domicílios e condição de ocupação dos domicílios do bairro Lagoinha**

<b>Variáveis</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>
Total da população	7.758	8.689
Total de domicílios	2.389	3.128
Domicílios particulares permanentes	2.366	2.922
Domicílios particulares permanentes tipo casa	1.505	1.263
Domicílios particulares permanentes tipo apartamento	850	1.492
Domicílios particulares permanentes tipo cômodo	11	167
Domicílios particulares permanentes condição de ocupação próprio quitado	1.535	1.372
Domicílios particulares permanentes condição de ocupação alugado	603	1.160
Domicílios particulares permanentes condição de ocupação cedido	208	117

Fonte: Censo Demográfico do Brasil 1991 e 2000 – IBGE

Obs.: tabela construída pela autora a partir dos dados dos censos de 1991 e 2000 do IBGE

Por meio dos dados do Censo do IBGE de 2000 foi possível aferir algumas características que o bairro vem assumindo. A Lagoinha abriga 8.689 habitantes e 3.128 domicílios. Destes, 93,41% (2.922) são domicílios particulares permanentes. Dos 2.922 domicílios particulares permanentes, 43,22% (1.263) são casas; 51,06% (1.492) são apartamentos; e 5,71% (167) são do tipo cômodo (Tabela 1).

Comparando os dados censitários de 2000 com os de 1991 pode-se aferir que houve um crescimento de 12% da população e 30,93% nos domicílios. O bairro possuía 2.389 domicílios em 1991 e foi para 3.128 em 2000. Os domicílios particulares permanentes também tiveram aumento: passaram de 2.366 em 1991 para 2.922 em 2000, um aumento de

23,49% nesse período. No que se refere ao número de domicílios particulares permanentes tipo casa em 1991, o total era de 1.505 e passou para 1.263 em 2000, uma redução de 16,07%; já o número de domicílios particulares permanentes tipo apartamento em 1991 teve um crescimento de 75,52%: passou de 850 para 1.492 em 2000; os domicílios particulares permanentes tipo cômodo aumentaram 14 vezes, passaram de 11 em 1991 para 167 em 2000.

Os domicílios particulares permanentes em condição de ocupação próprio quitado tiveram uma redução no período: em 1991, número era de 1.535 e foi para 1.372 em 2000, uma queda de 10,61%. Os domicílios em condições de ocupação alugado cresceram 92,37%: o número foi de 603 domicílios em 1991 para 1.160 em 2000. Por último os domicílios em condição cedido tiveram uma redução de 43,75%, passando de 208 domicílios para 117.

Esse cenário demonstra que, mesmo com o aumento do número de domicílios, o número de casas diminuiu, sugerindo que nesse período houve demolições por conta das intervenções viárias – obras nas imediações da Avenida Antônio Carlos –, sobretudo na área da pesquisa. O número de domicílios tipo apartamento cresceu, ao que tudo indica, com a observância de verticalização nas imediações da Rua Diamantina e não que tenham surgido novas construções na área de estudo. O crescimento de domicílios permanentes tipo cômodo e na condição de ocupação alugado corrobora a entrada no bairro de moradores de baixa renda e uma rotatividade de pessoas em função dos aluguéis, o que pode ser atribuído também à existência da Pedreira Prado Lopes inserida em parte do bairro Lagoinha.

Conforme a Tabela 2, a análise do rendimento nominal mensal dos responsáveis pelos domicílios nos mostra que o bairro é constituído predominantemente por população de baixa renda. Quando comparamos os dados dos censos demográficos de 1991 e 2000. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2002), verifica-se uma pequena melhora na renda da população, o que não deve ser traduzido como uma particularidade do bairro, mas uma tendência nacional. Os domicílios sem rendimento passaram de 3 em 1991 para 158 em 2000, aumentaram 52 vezes. O aumento de 3 para 158 é expressivo, porém ele atinge pequena parte da população. Os responsáveis por domicílios com rendimento mensal inferior a 5 salários mínimos tiveram uma melhora de 58,44%; o rendimento nominal mensal de 5 a 10 salários aumentou 58,90%.

**Tabela 2**  
**Rendimento nominal mensal dos responsáveis pelos domicílios**

<b>Variáveis</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>
Pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes – rendimento nominal mensal – sem rendimento	3	158
Pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes – rendimento nominal mensal – mais de ½ a 1 salário mínimo	55	193
Pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes – rendimento nominal mensal – mais de 1 a 2 salários mínimos	109	287
Pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes – rendimento nominal mensal – mais de 2 a 3 salários mínimos	119	265
Pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes – rendimento nominal mensal – mais de 3 a 5 salários mínimos	226	480
Pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes – rendimento nominal mensal – mais de 5 a 10 salários mínimos	339	825

Fonte: Censo Demográfico do Brasil 1991 e 2000 – IBGE

Obs.: tabela construída pela autora a partir dos dados dos censos de 1991 e 2000 do IBGE

Conforme a tabela 3, o Atlas do Índice de Desenvolvimento Humano de 1991 e 2000 demonstra que a população do bairro está envelhecendo, embora a unidade espacial analisada compreenda também os bairros Carlos Prates e Bonfim. A população jovem menor de 15 anos caiu 37,69% de 1991 a 2000, e a população de idosos aumenta em 12,44%: passa de 2.708 em 1991 para 3.045 em 2000.

**Tabela 3**  
**Estrutura etária dos bairros Carlos Prates, Lagoinha e Bonfim**

<b>Indicadores</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>
População com menos de 15 anos	6.105	3.804
População com 65 anos e mais	2.708	3.045

Fonte: Atlas do Índice de Desenvolvimento Humano 1991 e 2000

Obs.: tabela construída pela autora a partir do Atlas do Índice de Desenvolvimento Humano, 1991 e 2000.

### 2.3 Narrativas sobre o bairro no/do passado

Adeus, Lagoinha, adeus  
 Estão levando o que resta de mim  
 Dizem que é força do progresso  
 Um minuto eu peço  
 Para ver seu fim  
 Praça Vaz de Mello da folia  
 Da gostosa boemia  
 E de muito valentão  
 Vou lembrar Joel compositor  
 E os amigos lá da praça  
 Lembrarei com emoção  
 Coisas da matéria eu não ligo  
 Mas preciso de um abrigo  
 Pro meu coração  
 Adeus, Lagoinha. (Samba de Gervásio Horta e Lagoinha *apud* SILVEIRA, 2005).

A epígrafe tem a intenção de traduzir um pouco da atmosfera com que se costuma aludir ao bairro Lagoinha. Ela insinua também o teor das relações na época: amizade, conflitos, namoros, diversão, encontro e violência, com a intensidade da época. O que ficou? Lembranças?! O abrigo, tal como os autores se referem, é aquele proporcionado pela memória de tempos vividos, da experiência e dos lugares que não existem mais. A memória de um lugar que alenta os corações de quem lá viveu ou o experienciou e se vê em um outro lugar completamente transformado pela necessidade de progresso e crescimento, inevitáveis nas grandes cidades.

Esta seção terá como objetivo tornar conhecidas as representações e narrativas sobre o bairro a partir do olhar do “outro”. Esse “outro” diz respeito aos detentores do poder simbólico, à mídia, representada por cronistas, jornalistas e compositores de Belo Horizonte. Para tanto, serão realizadas leituras sobre algumas reportagens e obras literárias que trazem o bairro como cenário emblemático da boemia e da tradição na cidade e como essa representação mantém viva a sua memória. (BOURDIEU, 1996).

A mídia retrata a Lagoinha dos bordéis; da boemia na Praça Vaz de Melo; do comércio diversificado – de móveis antigos e usados, das feiras, dos tecidos, das louças populares; dos alfaiates; do *luthier* que nutria o núcleo musical; das famílias tradicionais simples ou mais abastadas; dos trabalhadores; da Pedreira, que já se mostrava agitada naquele tempo. Mas nada comparado à dinâmica da cidade hoje, com todo o aparato tecnológico e, sobretudo, com a violência que vem crescendo e dominando os espaços.

As obras literárias narram um bairro denso sob o aspecto histórico e cultural da cidade. Algumas com uma carga maior de significação e afetividade, que se justifica pelo fato de seus

autores terem vivenciado o lugar cotidianamente como morador; outras pelo reconhecimento e atribuição de sentido que a Lagoinha imprimiu na memória e na história de Belo Horizonte. (BARRETO, 1995; COSTA, 1998; PIROLI, 2003; SILVEIRA, 2005). Todas as narrativas o caracterizam de forma multifacetada e fluida ao mesmo tempo. O fragmento abaixo diz que:

**... A Lagoinha pode ser considerada a região suburbana mais antiga de Belo Horizonte. Mais que isso, a mais cosmopolita, efervescente, voluptuosa.** Um lugar onde, desde o início, se agregaram harmonicamente obreiros, novos empreendedores e a folclórica malandragem. **Onde a religiosidade não se fez nodoar pela prostituição e a vadiagem foi inócua ao trabalho e aos preceitos morais familiares. Não há como adjetivar a Lagoinha, porque no melhor sentido a Lagoinha é inqualificável, tanto quanto suas histórias são inesquecíveis, inesgotáveis.** [...] Este bairro, não reconhecido oficialmente como tal, inquietante e inquietador, atravessou este mais de um século de existência assistindo a inoperantes ações do poder público. Talvez mais. Assistindo à depredação de suas ruas, edificações, hábitos, costumes e movimentos populares pela cidade, que para ele vira suas costas e o inocula com suas necessidades emergentes. (SILVEIRA, 2005, p.8). (Grifo nosso).

Um artigo do Jornal Estado de Minas de 1938 assinala que, por volta de 1913, os governantes da época queriam transferir a zona boêmia do centro – Rua Tupinambás, avenidas Paraná e Amazonas – e do bairro Floresta para a região do Ribeirão Arrudas e da Rua Guaicurus, pois os meretrícios eram tidos por eles como mal social e, portanto, deveriam ser isolados<sup>30</sup>. (PEDERSOLI, 1992).

Mais precisamente na década de 1950, surge a Lagoinha como espaço emblemático da boemia na cidade, a “Lapa mineira” e a Praça Vaz de Melo, ou Praça da Lagoinha, ou Praça do Bedeco, como lócus da vida boêmia, segundo afirmam os documentos consultados e corroborado pelas entrevistas. Nessa época a Lagoinha despontou como zona boêmia em substituição ao chamado “quadrilátero da zona” – ruas Guaicurus, Caetés, Curitiba e Avenida Oiapoque –, como ressalta Pedersoli (1992).<sup>31</sup>

Outro fator que permitiu a fixação da prostituição na região foi a presença da estrada de ferro. A linha de bonde – conforme figura 01 – dividia a praça em direção à Rua Mauá

<sup>30</sup> A boemia no bairro Floresta se instalou onde hoje está o hotel de mesmo nome, na Avenida do Contorno com Avenida dos Andradas.

<sup>31</sup> A Praça da Lagoinha a partir de 1934 recebeu o nome de Praça Coronel Guilherme Vaz de Melo – o Bedeco (VAZ DE MELO, 1998), em homenagem ao importante comerciante local na época. Sua família era proprietária de farmácia na praça, além de muito respeitada e tradicional.

(atualmente Avenida Nossa Senhora de Fátima), Rua Bonfim e Além Paraíba à esquerda; à direita em direção à Rua Itapeperica e à frente a ponte sobre o Ribeirão Arrudas<sup>32</sup>.

**A Lagoinha não se fez somente na praça, que foi apenas um vértice de um retângulo que cobria toda a região,** até o conjunto IAPI, a praça como um sol nascente e as ruas que nasciam à beira da linha do trem levavam a mística da Lagoinha pelos bairros vizinhos: a Rua Além Paraíba pela esquerda; a Rua Itapeperica e a Av. Antônio Carlos pelo centro; a Rua Diamantina pela direita. **E quem fez a Lagoinha não foram aqueles que a viram nascer, mas sim os que ajudaram a desenvolver sua vida noturna e, por que não dizer, a sua vida familiar.** (...) Vamos recordar – nós os lagoinhenses de 35 a 45 anos – a praça e o produto da praça, do Cine Paissandu e São Geraldo, até a sede do Esmeril, onde a sola do sapato se gastava nos bailes de fim de noite. A Praça da Lagoinha sempre foi um ponto de partida do bairro (...). À esquerda da Praça, logo depois dos trilhos, quem não era da Lagoinha seguia as ruas da perdição: a Mauá e a Bonfim. Quem era gente de bem subia a Além Paraíba. (CARNEIRO, 1974, p. 10). (Grifo nosso).

A Praça concentrava o movimento do comércio que atendia a população do bairro, tais como lojas de tecidos, de utensílios domésticos, de peças, serviços, bares e restaurantes. À noite concentrava os boêmios vindos de todas as partes da cidade e recebia cantores da época vindos do Rio de Janeiro e de São Paulo. Em 1974, conforme artigo supracitado, o bairro ainda guardava fortes traços identitários de boemia e de tradição familiar.



Figura 01: Praça Vaz de Melo 1929  
Fonte: Acervo do Museu Histórico Abílio Barreto

<sup>32</sup> À esquerda, em direção à Rua Bonfim, está a Paquequer e a Avenida Pedro II, maior foco da prostituição; à direita, sentido Rua Itapeperica, era considerada área bem frequentada. A praça como um todo foi área de comércio variado e zona boêmia.

Pedersoli (1992, p.46), ao referenciar a questão do estigma do bairro, analisa uma reportagem de jornal da década de 1935 denunciando a violência na favela Pedreira Prado Lopes, que desde então vem contribuindo para a má fama que se estende ao bairro. Embora a proximidade com a favela viesse desde a origem da cidade, nessa época inicia-se uma tendência marginal que caracterizaria a população da Lagoinha contribuindo para a construção de uma imagem negativa. Já nesse período o bairro vinha assumindo uma característica heterogênea, tipos sociais diferentes convivendo em um mesmo espaço.

O trecho de reportagem da época, como na citação abaixo de 1974, mostra o tipo de comércio característico do bairro e os lugares preferidos por aqueles que o frequentavam. Lugares como o Cine Paissandu e a Feira de Amostras fazem parte da memória de muitos moradores como importante espaço de convívio na época<sup>33</sup>.

... Só não se pode ignorar uma coisa: **A Lagoinha** era uma cidade dentro de Belo Horizonte. Ela **começava na praça com seus 23 botecos e ia se alastrando**. Passava pela Guaicurus e entrava na sua gente, nos seus botecos, onde com uma fichinha de metal enfiada em estranhos toca-discos americanos, a gente podia ouvir Moreira da Silva cantando a vida besta ou Nelson Gonçalves cantando a dor de Menelau. A Lagoinha **incluía o Montanhês, Elite. Aí vem a Marinha, o Paissandu, a rádio Inconfidência, a Feira de Amostras. Era o velho Brechol, que por algum dinheiro emprestava ternos ou smoking, ou ainda, vendia qualquer tipo de roupa usada. (...) A Pedreira abastecia com generosidade as páginas de polícia.** O Buraco Quente lavava a roupa suja do bairro. (PEDERSOLI, 1992, p. 65). (Grifo nosso).

Nessa época, os moradores, segundo a reportagem, tinham vergonha de falar que moravam na Lagoinha e inventavam nomes para o bairro por causa de sua má fama – prostituição e boemia. Observa-se que desde essa época o bairro vem sendo isolado da ala direita da Antônio Carlos, que é a Rua Diamantina. Antigamente pela má fama causada pela boemia e prostituição, hoje o bairro está isolado dessa porção territorial em função da construção da Avenida Antônio Carlos. Os moradores dessa área se sentem pertencer ao bairro Colégio Batista e à Floresta, e não à Lagoinha, como nessa passagem<sup>34</sup>:

... Mais ao lado, a rua Diamantina reunia “os pó-de-arroz” da Lagoinha, rapazes e moças que tinham vergonha de dizer que eram da Lagoinha e inventavam nomes para o bairro. As turmas da Diamantina morriam de medo das ferozes brigas do

<sup>33</sup> A identificação e importância desses lugares para os moradores serão abordadas no capítulo quatro, sobre a memória.

<sup>34</sup> De acordo com o morador Antônio, entrevista em 28/06/2008, eles inventavam nomes como Praça XII para o bairro e diziam que moravam no bairro Bonfim, mas nunca na Lagoinha, para não perder a namorada.

bairro, preferindo subir a íngreme Ponte Nova e fazer parte da turma da Floresta. (CARNEIRO, 1974, p. 10).

Em uma reportagem da *Folha de Minas*, o bairro Lagoinha já se fixava como lugar de trânsito – mesmo que de maneira incipiente – e reunia tipos sociais das mais diversas roupagens culturais e identitárias. A ponte que ligava a Praça Vaz de Melo (ver Figura 01) à Avenida do Contorno abraçava a todos esses tipos sociais<sup>35</sup>.

**... O seu movimento ao cair da tarde é um dos espetáculos mais humanos que a cidade apresenta, o espetáculo de regresso do trabalhador ao lar.** Pela ponte existente, na Praça Vaz de Melo, ponte que liga a cidade com um mundo inteiramente diferente, passam centenas de operários que empregaram o dia no elevamento material da metrópole e sua indústria. (...) **aspecto que nos põe à vista a lavadeira junto ao guarda civil, o operário junto ao soldado de polícia, o carroceiro junto ao padeiro, o jornaleiro atrás da normalista, e toda uma mescla de complicada fauna humana.** (LAGOINHA, 1936, p. 7). (Grifo nosso).

O bairro é emoldurado por duas importantes avenidas da capital: a Pedro II e a Antônio Carlos. A Avenida Pedro II possui atividade ligada a comércio de peças para autos, oficinas mecânicas e pequenos consertos, o que confere ao lugar uma característica de frequência predominantemente masculina. O baixo valor do solo nessa área também propiciou a proliferação de casas de prostituição nas Ruas Jaguarão, Arceburgo, Paquequer e Mariana. Isso contribuiu para que a imagem se estendesse a toda a Lagoinha. A Avenida Antônio Carlos, por sua vez, divide o bairro Lagoinha em dois e vem alterando sobremaneira suas características, que, além de tudo, a colocam como um corredor de passagem.

Além disso, o bairro é aludido como lócus detentor de importantes exemplares da arquitetura eclética da época da construção da cidade, que ainda resistem. Alguns estão em ruínas ou em mal estado de conservação e descaracterização; outros mantêm-se, ao que tudo indica, pela falta de interesse do mercado imobiliário, e algumas edificações foram restauradas a partir do “Projeto Lagoinha”, que não teve continuidade. A isso se deve a preocupação, por parte da mídia, com a questão do patrimônio histórico e cultural do bairro. As narrativas querem a Lagoinha revitalizada, desejam o resgate de sua memória e o seu

---

<sup>35</sup> O bairro ainda se configura como um local de trânsito, só que de forma exacerbada e fluida, e o faz por uma passarela erguida sobre a mesma Avenida, ligando a rodoviária e o metrô ao bairro. Tais percepções só foram possíveis de apreender com a observação e no decorrer das entrevistas com os moradores do bairro que vivenciaram essa época. Além disso, a citação acima revela com sensibilidade o que ainda é possível vivenciar na travessia centro/bairro e vice-versa. Mesmo considerando a temporalidade em que a matéria foi escrita, essa característica do bairro ainda é percebida fortemente.

reconhecimento enquanto patrimônio cultural da cidade de Belo Horizonte. (ANDRADE CRISTIANA, 2004; DUARTE, 1990; JANUZZI, 1990; LAGOINHA, 1995; LINHARES, 2000; LOPES, 1996; PBH, 1997; PROJETO, 1994; PROJETO, 1995; VIEIRA, 1994).

Um artigo do Jornal *Estado de Minas*, de 2004, traz questionamentos a respeito da realização do levantamento histórico e arquitetônico de diversos bairros da capital mineira por parte da Prefeitura, e, no entanto, regiões tradicionais como a Lagoinha e o Bonfim não estão incluídas. A mídia reconhece a importância histórica do bairro e questiona junto à municipalidade sua consolidação enquanto patrimônio. Ao mesmo tempo em que o poder público pactua desse discurso pelo patrimônio na Lagoinha e afirma sua importância, por outro lado coloca os entraves para sua consolidação:

Projeto de revitalização do bairro Lagoinha lançado há mais de dez anos não foi adiante, e bairro aparece abandonado [...] Na região noroeste, bairros como Bonfim, Lagoinha e São Cristóvão guardam grande parte da história da capital e poderiam receber mais atenção dos proprietários de imóveis e do próprio poder público. [...] Em 1993, a prefeitura deu início ao Projeto Lagoinha, de revitalização do bairro e recuperação das casas, que não vingou. (ANDRADE, CRISTIANA, 2004, p. 18)

Noutro artigo o bairro Lagoinha também é listado como patrimônio histórico e cultural de Belo Horizonte, junto com outros bairros igualmente importantes para a história da cidade. O texto diz que bairros como o Floresta, Lagoinha, Santa Tereza, Cidade Jardim e o conjunto arquitetônico da Pampulha são protegidos pela prefeitura e vivem sob o olhar dos especuladores imobiliários. Em comparação com os demais, o bairro Lagoinha está sob ameaça constante das intervenções urbanas, e não do mercado imobiliário<sup>36</sup>. (BEZERRA, 2001).

Ao mesmo tempo em que a mídia reclama pelo resgate da memória e da identidade do bairro, ela convida seus moradores a se “olharem” nesse espelho e a reagir contra o que vem acontecendo com a Lagoinha; e tenta contribuir para que a sua memória não se perca no grande complexo de concreto que se ergueu em boa parte do seu espaço. Esse discurso parece contribuir para a manutenção das bases históricas da Lagoinha e, ainda, convida os interlocutores a não deixar que essa história se perca. E assim a Lagoinha continuará sendo a transgressora, boêmia, da prostituição, do comércio popular, perigosa, feia. Mas, acima de tudo, tradicional.

---

<sup>36</sup> A Lagoinha é considerada uma ADE – Área de Diretrizes Especiais – pela Legislação de Parcelamento Uso e Ocupação do Solo da Prefeitura de Belo Horizonte e não está regulamentada como a do bairro Santa Tereza.

As diversas linguagens utilizadas para se referir ao bairro – crônica, música ou até mesmo o próprio ato de reivindicar do morador e que são proporcionadas pelos detentores do poder simbólico – cumprem a função de despertar em seu interlocutor um posicionamento diante da realidade e, ao mesmo tempo, a mensagem é lançada com uma carga de significado e subjetividade passível a interpretações. Pois a fala nesse caso é mais que um ajuntamento de enunciados. É uma prática social que vive numa dinâmica entre desejo e poder. E os interlocutores se apropriam dessa fala ou discurso conforme seus poderes, saberes e subjetividades. (FOUCAULT, 1996; IÑIGUEZ, 2004).

Pode-se dizer que, de certa forma, uma parcela considerável dos artigos de jornal descritos neste trabalho tem a preocupação com o bairro enquanto patrimônio cultural, pois o trazem com uma grande carga de significado para os belorizontinos, por ter contribuído para a história da cidade. Alguns desses jornais são mais diretos ao tratar da existência de medidas de salvaguarda em outros bairros, buscando uma justificativa para o caso da Lagoinha. Outros dão voz a seus moradores ao relatar os problemas vivenciados no cotidiano, ao tratar de questões relacionadas à memória e à identidade do bairro, sobretudo no que diz respeito às transformações que têm contribuído para sua degradação.

Crônicas, músicas, depoimentos, reivindicações. Como dito antes, os temas e linguagens variam em intensidade e conteúdo para lembrar a Lagoinha e garantir sua permanência na cidade. Os processos de revitalização idealizados para o bairro têm sido abordados pela mídia desde 1994, com o “Projeto Lagoinha”.

Conforme Choay (2001), ao pensarmos em patrimônio como aquilo a que atribuímos valor e significado, seja a um objeto ou a um bem histórico edificado que tem o poder de vincular o indivíduo à sua história, memória, vivência e pertencimento, julga-se pertinente imputar à Lagoinha tal reconhecimento. Além disso, *o modus vivendi*, os modos de se fazer e criar de uma sociedade assumem um importante papel como legado cultural.

*“Os patrimônios culturais são estratégias por meio das quais grupos sociais e indivíduos narram sua memória e sua identidade, buscando para elas um lugar público de reconhecimento, na medida mesmo em que as transformam em ‘patrimônio’”.* (GONÇALVES, 2002, p. 121). Os objetos e as edificações arquitetônicas são transformados em patrimônio cultural por grupos sociais, com a intenção da ‘representação’ de memórias e identidades, estabelecendo um diálogo constante com gerações futuras, a fim de preservar o que um dia foi significativo para essa sociedade, com o objetivo de permanência e rememoração.

Os significados de um imaginário que se edifica entre contradições e emblemas tanto podem descrever o bairro como espaço privilegiado da boemia, da prostituição, do profano, dos despossuídos – como do sagrado, da tradição. Essa elaboração de retratos ambíguos e contrastantes vem sendo consolidada a partir do que o bairro foi no passado. Muito do que era permanece: “a fauna humana”, como relatou o jornal Lagoinha (1936): No entanto, a boemia e a prostituição ficaram nesse passado, são imagens que historicamente vão se reproduzindo – ou, se é que podemos pensar – se perpetuando, alterando ou não os personagens, as ações e as circunstâncias, portanto o bairro continua a ser lembrado intensamente.

O capítulo a seguir tem como propósito descrever o bairro Lagoinha, as práticas cotidianas de seus moradores, seus espaços de sociabilidade e as relações de vizinhança para tornar conhecida sua situação atual. A abordagem conceitual de espaço e lugar servirá para compreender como os espaços do bairro são apropriados ou não. A descrição dos seus limites oficiais e subjetivos a partir da percepção dos moradores procura entender a que porção o bairro se estende ou se limita. É a partir desse aspecto que se fará uma abordagem sobre as relações de vizinhança e os lugares de sociabilidade no bairro, trazendo relatos sobre os equipamentos que foram significativos para os moradores e como eles estão hoje, considerando suas características.

### 3 O COTIDIANO NO BAIRRO: LUGARES, SOCIABILIDADE E VIZINHANÇA

O bairro aparece assim como o lugar onde se manifesta um “engajamento” social ou, noutros termos: uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição. (MAYOL, 1996, p. 39).

O bairro se torna para o morador, uma parte familiar do espaço urbano, na qual positiva ou negativamente ele se sente reconhecido. A prática do bairro nos coloca em posição identitária, nos posiciona e faz-se reconhecer no espaço. O viver em um bairro atesta uma origem, um jeito de viver, de se apropriar do espaço, de se relacionar com os vizinhos. Cada um se relaciona com o seu bairro de forma particular, considerando as características espaciais, das apropriações por outrem – no sentido dos de fora – das pessoas daquele lugar: os de dentro. Deve-se considerar, sobretudo, as formas de se viver em um bairro de uma grande cidade. O bairro é um espaço social que, por meio da apropriação, se torna privatizado. (BOURDIEU, 1999; LEFÉBVRE, 1975; MAYOL, 1996).

O objetivo deste capítulo é descrever o bairro tal como ele se encontra, como os moradores se relacionam e experienciam o bairro tendo como ponto de partida conceitos-chave como o de espaço e lugar, sociabilidade e vizinhança, buscando identificar seus lugares de sociabilidade e as relações de vizinhança. Procurei mostrar os lugares de sociabilidade preferidos pelos moradores no bairro, tais como bares, mercados, praças e igrejas, e os significados atribuídos a eles sendo um espaço detentor de uma diversidade de tipos sociais.

#### 3.1 Discutindo espaço e lugar

Espaço e tempo estão intrinsecamente ligados, podendo o espaço sofrer transformações a cada período de tempo e fazer-se dependente de inúmeras variáveis<sup>37</sup> para sua concretude. Da mesma forma se relacionam espaço e lugar, sendo que o segundo necessita do primeiro para sua realização. Alguns espaços se mostram mais sensíveis a influências que outros. Uns se rendem a elementos modernos, outros resistem em menor ou maior grau, dependendo da intensidade e das características de seus habitantes. Mas nenhum

---

<sup>37</sup> Milton Santos se refere às variáveis econômicas, financeiras e sociais para que o espaço se realize.

deles escapa das transformações impostas na contemporaneidade. O bairro Lagoinha, nesse sentido, pode ser tomado como um belo exemplo dessas transformações com as infindáveis intervenções em seu tecido urbano que vêm modificando sobremaneira os modos de vida de seus moradores.

Lefévre (1991) pensa o espaço como *espaço social*, que é visto como uma simbiose entre o tempo e a sua concretude, definindo-o como ação coletiva das sociedades ao longo dos tempos, que transcendem às formas físicas e antropológicas. Ou seja, o espaço transcende as suas características biomórficas (estruturais), interagindo com as determinantes antropológicas na produção do espaço social.

... O espaço social contém uma grande diversidade de objetos, ambos naturais e sociais, incluindo as redes e caminhos que facilitam as trocas de coisas materiais e informações. Tais objetos não são somente coisas, mas relações. Como objetos, eles possuem peculiaridades, contorno e forma. O trabalho social os transforma, rearranjando suas posições dentro de uma configuração espaço-temporal sem necessariamente afetar suas materialidades, seu estado natural (LEFÉVRE, 1991, p. 77. (Tradução Nossa)<sup>38</sup>.

Rogério Proença Leite corrobora Certeau (1994) e Lefévre (1991), ao entender o espaço também como lugar praticado e significado.

Categoria sociológica constituída pelas práticas que atribuem sentidos diferenciados e estruturam lugares, cujos usos das demarcações físicas e simbólicas no espaço nos qualificam e lhes atribuem sentidos de pertencimento, orientando ações sociais e sendo por estas delimitados reflexivamente. Enquanto espaço de poder, o espaço público não está imune à assimetria de poder e das desigualdades sociais que perpassam sua construção social. (LEITE, 2004, p.23).

As formas de classificação do espaço são dinâmicas e deve ser considerado de forma particular, de acordo com a atividade e o tipo de relação com ele estabelecido. Se considerarmos o uso das categorias faixa etária, classe social, sexo e nível de instrução para classificar a ocupação do espaço urbano, essas nutrem uma classificação particular com o espaço dado. Um jovem de classe média residindo em um ponto mais valorizado do espaço

---

<sup>38</sup> Social space contains a great diversity of objects, both natural and social including the networks and pathways which facilitate the exchange of material things and information. Such “objects” are thus not only things but also relations. As objects, they possess discernible peculiarities, contour and form. Social labour transforms them, rearranging their positions within spatio-temporal configurations without necessarily affecting their materiality, their natural state. (LEFÉVRE, 1991, p. 77).

urbano e um menos abastado residindo na periferia apresentarão leituras diferenciadas em relação ao espaço pela diversidade de interesses. Da mesma forma pessoas com grau de instrução diversa. A Praça Sete, no centro de Belo Horizonte, para quem trabalha nela como vendedor ambulante possui significados e usos diferentes em relação a quem a utiliza como local de trânsito, passagem apenas. As relações sociais definem, por assim dizer, as relações com o espaço. Um morador da Lagoinha há 80 anos atribui significado e se apropria do espaço diferentemente do morador há 39 anos e, conseqüentemente, do de 20 anos. Os diferentes modos de apropriação se manifestam, sobretudo, ao levar em consideração a diversidade cultural, a geração e as próprias transformações do espaço inerentes à contemporaneidade, que muitas vezes, senão na maioria delas, requerem novos usos.

Espaço é condição para ação, pressupõe vivência e experiência das mais variadas formas que nos são oferecidas pelo mundo mágico das relações sociais. A relação de continuidade estabelecida entre sujeito e espaço se dá por via do cotidiano. E o cotidiano pressupõe cooperação e conflitos, bases para a vida em comunhão. Já nos dizia Simmel, citado por Vandenberghe (2005), que todo conflito é necessário e positivo, pois nos proporciona reflexão e interação. Embora pareça o contrário, o conflito é uma forma de associação entre os atores sociais. A própria vida em sociedade é por si só conflitante e nem sempre cooperativa, mas a atmosfera de comunidade é dada justamente pela possibilidade que essa dicotomia traz de, ao mesmo tempo em que se estabelecem os conflitos, convidar a uma reflexão sobre a realidade, engendrar novas possibilidades de cooperação entre os indivíduos em seu cotidiano.

Esse quadro de ações condicionadas de cooperação, criatividade, espontaneidade, comunicação, conflitos, permanência e afetividade, assentados ao longo do tempo em um mesmo espaço, adquire a forma de lugar. Quando a dona Maria P. nos apresenta o relato sobre os conflitos vivenciados nos tempos de boemia no bairro ao se transitar pela Rua Paqueta – reduto da prostituição no bairro – fica claro o sentido de apropriação daquele espaço para aquelas mulheres, o de *privatização do espaço público*. (MAYOL, 1996). A privatização do espaço, como assinala Pierre Mayol, surge a partir do conhecimento desse espaço, das relações nutridas nele e do vínculo que a ele é estabelecido. O relato nos mostra que todas as “moças” que ali passassem eram vistas como competidoras do espaço com as prostitutas. Os conflitos ali tinham de ser negociados todo o tempo para que a permanência ou o uso no/do mesmo espaço fosse possível<sup>39</sup>.

---

<sup>39</sup> Depoimento coletado a partir do documentário sobre o bairro Lagoinha produzido pela UNI-BH. Ver Lima (2008).

Michael de Certeau concebe também o espaço enquanto trânsito de móveis. Mobilidade traduzida por movimentos que nele se “desdobram”. O espaço é polivalente, cabendo nele relações conflituosas ou de proximidade pactuadas em uma determinada temporalidade. “*O espaço é um lugar praticado*”. (CERTEAU, 1994, p. 202); assim a rua, o bairro e a cidade são geometricamente definidos por um urbanismo e são imediatamente transformados em espaço por quem deles se apropria: pedestres, moradores do bairro, cidadãos. O uso cotidiano dos espaços os transforma em lugares. O movimento nos conduz à produção do espaço e o associa a uma temporalidade. O espaço sucede a ação.

Para Halbwachs (1990) o espaço é uma realidade duradoura, e não há memória coletiva que não se desenvolva em um quadro espacial. O lugar santo, a exemplo de Jerusalém, existe em nossa memória sem que necessariamente o tenhamos conhecido; e, no entanto, não deixamos de acreditar nele.

Certeau (1994), em diálogo com Merleau-Ponty, diz que o espaço geométrico é diferente do antropológico. O espaço antropológico, para ele, é para nós o lugar. É o espaço existencial em comunhão com o mundo da experiência e da estabilidade da casa, do íntimo, do doméstico.

A concepção de lugar é menos genérica e abrangente que a de espaço: “*podemos entender os lugares como demarcações físicas e simbólicas no espaço, cujos usos os qualificam e lhes atribuem sentidos de pertencimento, orientando ações sociais e sendo por estas delimitados reflexivamente*”. (LEITE, 2004, p. 35). São demarcações espaciais, como diria Certeau (1994), aliadas às subjetividades que a ele são conferidas, ou seja, os sentidos, afetividades e o pertencimento. Os lugares mantêm íntima relação com aspectos duradouros da vida social, do passado e da essência das pessoas.

O lugar é a ordem em que se ajustam os elementos numa relação de coexistência, portanto indica estabilidade, permanência, pausa e afetividade, como o lar, o bairro, a cidade, a família. O espaço sugere movimento, liberdade, e se mostra abstrato em relação ao lugar. O espaço é demarcado e defendido enquanto instância da sobrevivência, sobretudo por animais. (AUGÉ, 1994; CERTEAU, 1994; TUAN, 1983). O espaço é a direita, a esquerda, de frente, de costas, em cima, embaixo, a esquina, a rua, o prédio, a cidade planejada, toda a abstração que nosso cérebro é capaz de mentalizar; e não é diferente com os sentimentos que somos capazes de materializar, assim como as imagens e os pensamentos.

Para Yi-Fu Tuan, a experiência de um lugar se totaliza na medida em que o apreendemos por meio de todos os sentidos. E essa apreensão do espaço em sua totalidade nos

coloca diante do lugar. Lugar que foi experimentado em todas as suas dimensões: visual, tátil, sensorial, auditiva e motora.

... Um objeto ou lugar atinge a realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva. Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência. A outro lugar pode faltar o peso da realidade porque o conhecemos apenas de fora – através dos olhos de turistas e da leitura de um guia turístico. É uma característica da espécie humana, produtora de símbolos, que seus membros possam apegar-se apaixonadamente a lugares de grande tamanho, como a nação-estado, dos quais eles só podem ter uma experiência direta limitada. (TUAN, 1983, p. 20).

O lugar reclama por conhecimento, intimidade, afetividade e se transforma em porto seguro em um mundo de relações fugazes e espaços cada vez mais convertidos à efemeridade das relações de produção e consumo. Quando nos sentimos perdidos em determinado espaço, cidade, rua ou bairro e retornamos à nossa origem, isso imediatamente causa uma sensação de segurança. Tanto que, frequentemente, nos deparamos com afirmações que mostram que, por mais singelos que pareçam sua casa ou seu bairro, é neles que se encontram a acolhida e a permanência dos valores de família, de comunidade, de lar, de lugar.

### **3.2 O bairro Lagoinha: localização, observações, limites oficiais e simbólicos**

Muitos são os conceitos de bairro existentes na literatura. Alguns o percebem apenas como corpo físico, delimitado, mensurável, frio e como instrumento de controle administrativo. O dicionário Aurélio o define como “*Cada uma das partes em que se costuma dividir uma cidade ou vila, para mais precisa orientação das pessoas e mais fácil controle administrativo dos serviços públicos*”. (FERREIRA, 2004). A menor porção física em que se divide uma cidade, ou melhor, várias unidades heterogêneas que compõem um todo.

A existência de bairros antes de tudo está vinculada à existência da cidade como totalidade. Além disso, a estrutura do bairro depende completamente de outras mais vastas e complexas, tais como a municipalidade, o poder político, instituições. Portanto, bairro é uma unidade sociológica relativa, subordinada, que não define a realidade social, mas que é necessária. “Sem bairros, assim como sem ruas, pode haver aglomeração, tecido urbano, megalópoles. Mas não há cidade”. (LEFÉBVRE, 1975, p. 201).

O bairro pode ser considerado como uma “microsociedade urbana”. Essa denominação de microsociedade é dada no sentido genérico de “*entidade social e espacial mais limitada que a cidade*” se produz nas unidades de vizinhança e de difícil identificação fronteiriça. (NOSCHIS *apud* CORDEIRO, 1997, p. 39).

Ainda nesse sentido, Gonçalves (1988) define bairro como uma unidade sociológica de ordenamento territorial com idênticas e sucessivas estruturas morfológicas, residenciais, funcionais e práticas socioculturais.

Bourdieu (1989) o reconhece como um espaço de vida social, real e imaginário onde se concretizam suas representações. Vivenciar e experienciar um lugar requer um exercício de incorporação dessas experiências, significa considerar as relações sociais nele incorporadas e uma gama de significados trazidos pela história de vida naquele lugar.

“*O bairro é o espaço de uma relação com o outro como ser social, exigindo um tratamento especial*”. (MAYOL, 1996, p. 43). O fato de sair de casa e andar pela rua é concretamente um ato cultural e inscreve o habitante em um conjunto de símbolos sociais que lhe são apresentados e coadunam com a dinâmica cotidiana.

O bairro, é por sua vez, construído a partir de experiências e vivências, de relações e de referências cotidianas locais. Tais elementos definem a vida de bairro, pois cada bairro possui identidade própria porque tem nome, história, memória e sociabilidades partilhadas, sendo traduzido como um espaço social construído tanto pela população local como por unidades administrativas e, sobretudo, pelos processos dinâmicos da vida na cidade. (CORDEIRO, 2001).

O primeiro contato com o espaço da Lagoinha para investigação de seus limites simbólicos se deu com um exercício para se chegar ao bairro. Nas primeiras visitas o desafio era o de encontrar a melhor maneira de acesso. O bairro ao mesmo tempo nos dá a ideia de proximidade e distância do centro de Belo Horizonte e de outros bairros como o Cidade Nova, de onde partia frequentemente para a pesquisa. Era ao mesmo tempo próximo do centro e distante, pela dificuldade de acesso. Tinha à disposição quatro opções de acesso ao bairro, considerando que teria de transpor as barreiras físicas existentes – os viadutos<sup>40</sup> (ver Figura 02), o Ribeirão Arrudas e a Avenida Antônio Carlos – que isolam o bairro do centro da capital ou que, no caso da Avenida Antônio Carlos, divide o bairro em duas partes, “o lado de lá e o lado de cá”.

---

<sup>40</sup> Ressalta-se a transformação que o Complexo da Lagoinha vem sofrendo desde que iniciei a pesquisa e observação no bairro. O sentido literal da palavra demonstra o gigante em que se transformou o Complexo viário da Lagoinha que vem, a meu ver, “engolindo o bairro pelas bordas”. Para mim, pesquisadora, do período inicial da investigação – julho de 2007 até o final da pesquisa em dezembro de 2008 – parece um outro lugar, mais “complexo”, duro, transitório, indecifrável. Imaginemos, agora, o impacto desta obra para os moradores. A sensação é a de que o bairro será tragado por essas intervenções viárias que vêm aos pouquinhos como quem não quer nada, mas que no final mostram a que vieram realmente. Ver foto do início das obras e destas concluídas. (ver Figura 02).



Figura 02: Vista do complexo da Lagoinha – início das obras e concluída em outubro de 2008

Fonte: Acervo da autora

Experimentei ir ao bairro de carro, de ônibus e de metrô. A ida ao bairro de carro se tornou inviável devido à existência dos viadutos que obrigam a ir primeiro ao centro para então ter acesso a um desses viadutos que nos levam até o bairro. A saída do bairro para o centro era da mesma forma. Voltava ao centro para depois ter acesso ao viaduto que dava acesso ao meu bairro de origem (ver Mapa 01, com o percurso de carro).

A ida de ônibus exigia um transporte até o centro da cidade e outro para o bairro e vice-versa, sendo que o mesmo é atendido por uma linha de ônibus que sobe a Rua Além Paraíba rumo ao bairro Caiçara. Contudo, existem várias opções de transporte via Avenida Antônio Carlos no sentido da região da Pampulha (ver Mapa 02, com o percurso de ônibus). A opção do metrô, inicialmente, pareceu-me a mais interessante e a mais rápida, considerando o ponto de partida – Estação José Candido da Silveira –, desembarcando na estação Lagoinha, com acesso ao bairro tanto pela Rua Além Paraíba quanto pela Rua Itapeçerica (ver Mapa 03, com o percurso partindo da Estação do metrô José Cândido da Silveira à Estação Lagoinha).

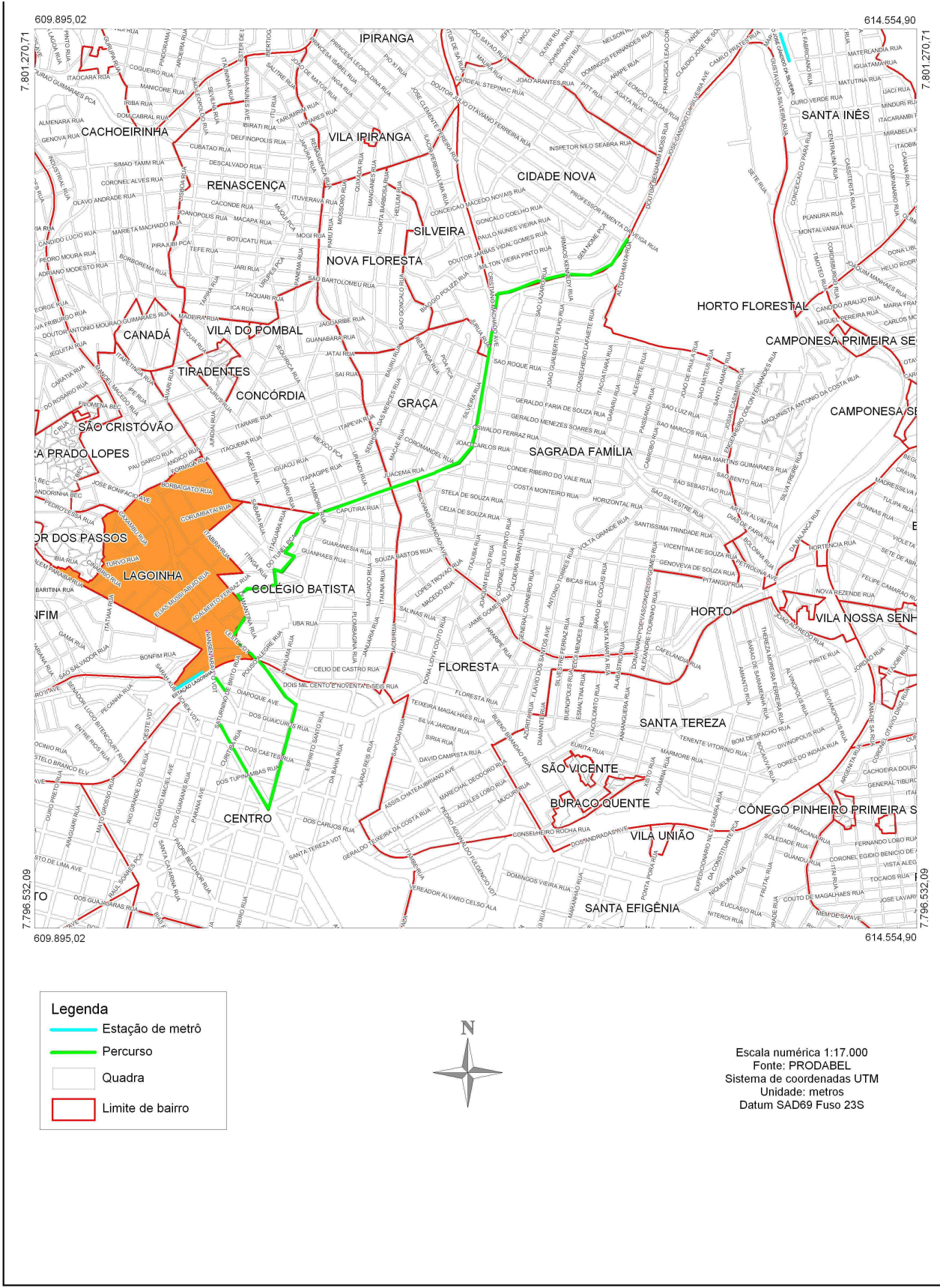


Figura 03: Mapa 01 - percurso de carro  
Fonte: PRODABEL

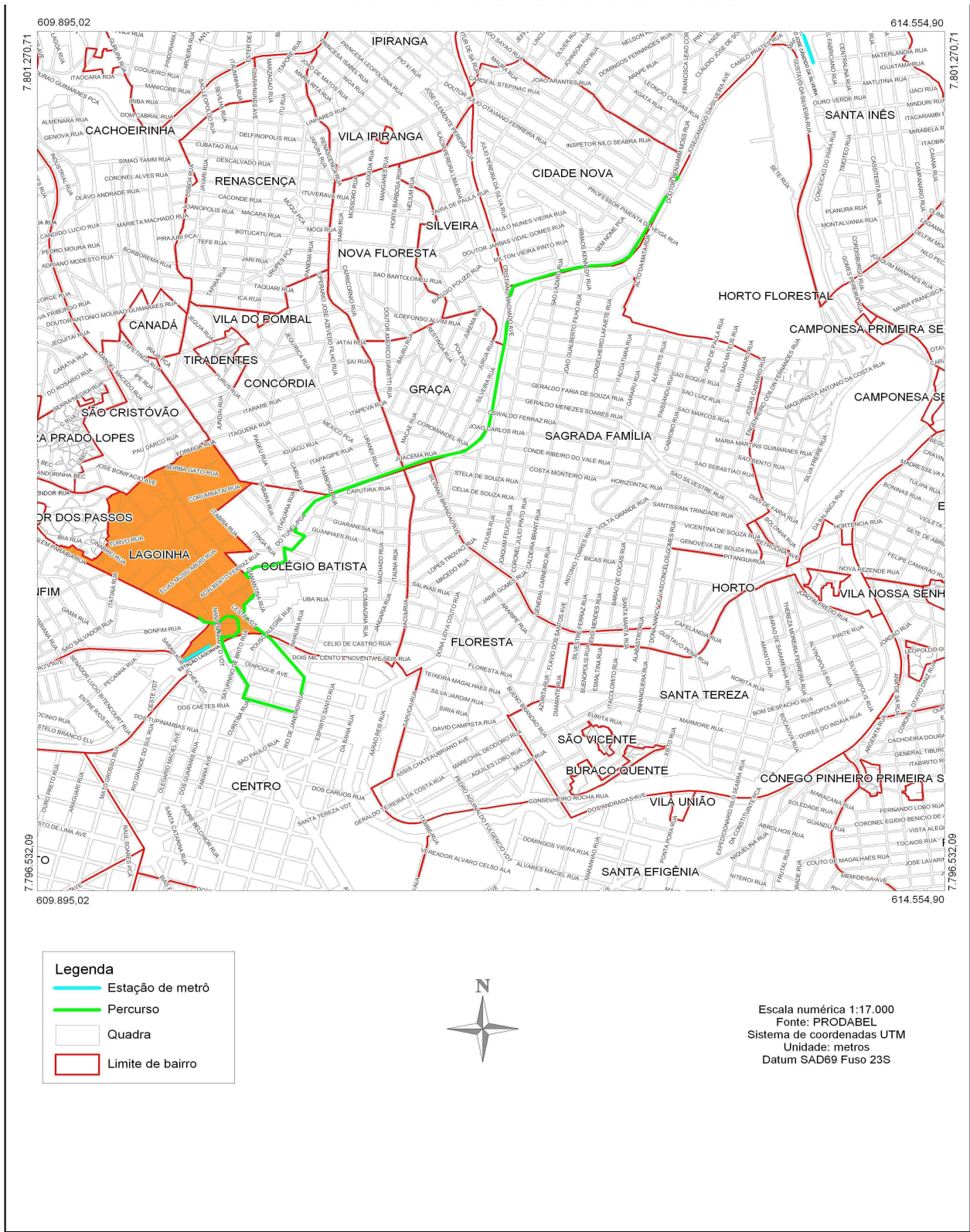


Figura 04: Mapa 2 – percurso de ônibus  
Fonte: PRODABEL

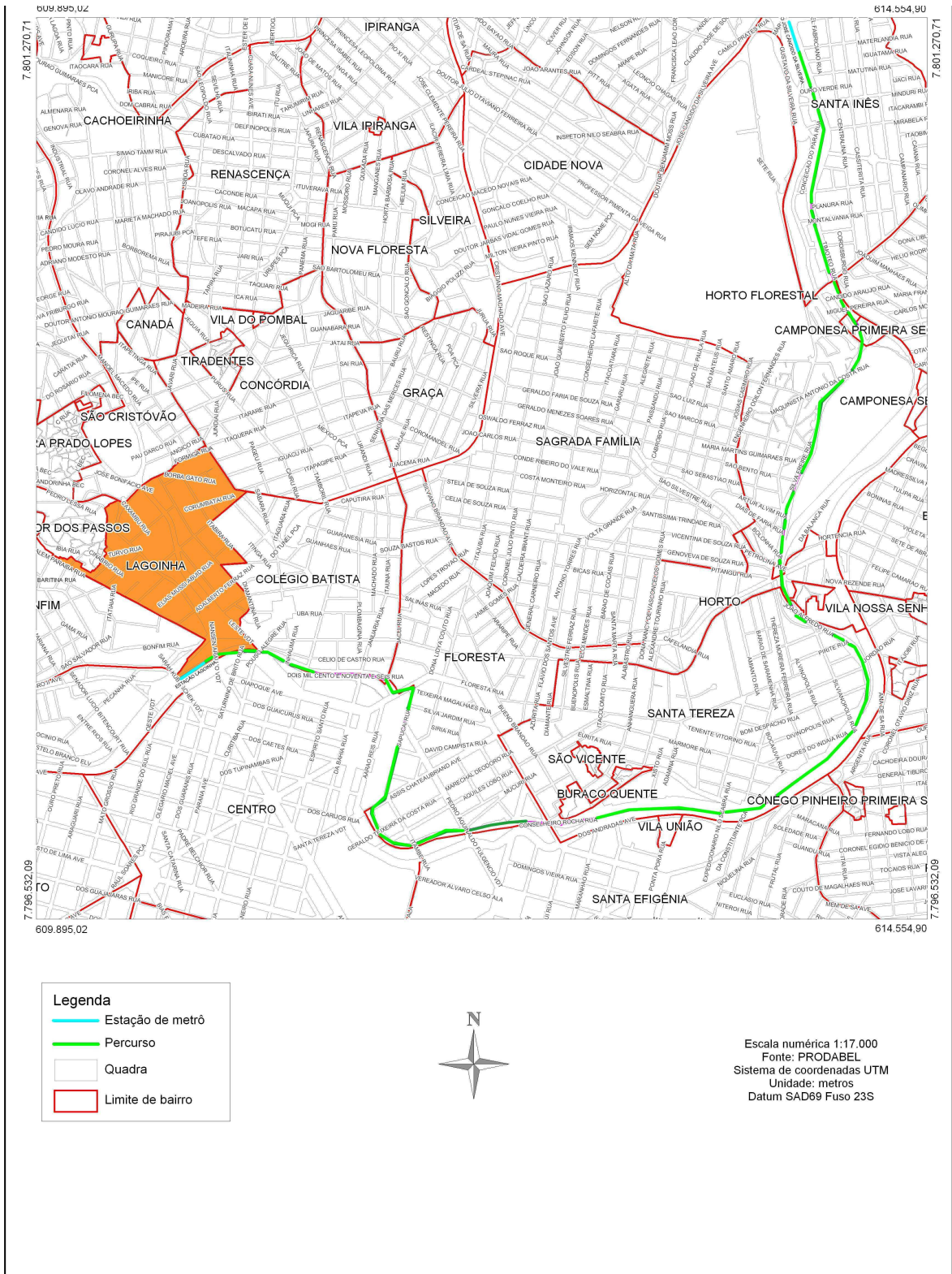


Figura 05: Mapa 3 – percurso metrô  
Fonte: PRODABEL

As visitas ao bairro a pé, partindo do centro e adentrando o terminal rodoviário ou atravessando a passarela do metrô, trouxeram-me um olhar diferente à dinâmica cotidiana do local estudado, tanto que a partir disso as constantes visitas ao bairro se deram de metrô e ocasionalmente a pé. O relato de Antônio sobre a acessibilidade ao bairro traduz um pouco a sensação que se pode ter quando temos o objetivo de chegar a um destino vivendo em uma metrópole e encontramos à disposição tal comodidade – a de ir a pé – sem a obrigatoriedade do transporte coletivo urbano. A intenção não é a de comparar as sensações – nativo/pesquisador – desse percurso, mas são subjetividades. A proximidade da Lagoinha com o centro é também um fator importante de ligação com o bairro:

Eu trabalhava até o ano passado ali na Espírito Santo no centro da cidade [...] O pessoal... Principalmente sexta-feira ou à noite naquele trânsito complicado pra voltar pra casa no ponto de ônibus. Eu vim tranquilamente a pé pra casa. Isso era muito bom. Isso eu senti: **nossa que bom morar na Lagoinha**, que bom poder morar na Lagoinha! Eu lembro... Meu pai até comentava a gente andando ali pela cidade, Avenida Santos Dumont (...) E ele... A gente andando junto, ele via aquele povão, 6 horas no ponto de ônibus... Pra pegar ônibus, pra ir pra longe. Ele falava assim: isso não é vida de gente, não, olha só. Ter que pegar ônibus... **Essa proximidade do centro é muito importante**. (Antônio, 39 anos, servidor público)<sup>41</sup>. (Grifo nosso).

Algum tempo depois, outra tentativa foi a de desembarcar do ônibus nas proximidades do Colégio Batista e atravessar o bairro, a pé, descendo a Rua Ponte Nova até a Rua Diamantina para então atravessar a Avenida Antônio Carlos (ver Mapa 04). Essa sensação foi a de completo isolamento que as barreiras simbólicas e físicas, referidas por Barros (2001) Tuan (1980) e Villaça (2001) impõem. Não conseguia transpô-la; por mais perto que fosse, atravessar a Avenida Antônio Carlos para o lado de lá – Rua Adalberto Ferraz / Rua Itapeverica – era impossível, sobretudo perigoso porque a cidade tem urgência em caminhar e o trânsito flui intensa e rapidamente para dar conta do ritmo que ela mesma impôs. Apesar de existir um semáforo no cruzamento entre a Avenida Antônio Carlos e a Rua Rio Novo – próximo ao SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), o tempo de duração para o pedestre é muito curto, a travessia é perigosa e as vias locais também não param. Quem reside no lado da Rua Diamantina não atravessa para o outro lado, o que deixa claro que os dois lados não dialogam enquanto espaço social. “*Não costumo ir pro lado de lá porque é perigoso atravessar e não vou mesmo pra lá...*” (Célia, moradora da Rua Diamantina)<sup>42</sup>. A Avenida cumpre com exatidão o seu papel de fluir o trânsito e o de corredor de passagem para o centro da capital, que, por sua característica efêmera, exala impessoalidade. É terra de todo mundo e de ninguém ao mesmo tempo, porque nela não há permanência, diálogo, troca, mas todos transitam.

<sup>41</sup> Entrevista em 28/06/2008

<sup>42</sup> Entrevista curta sobre os limites do bairro em junho de 2008.

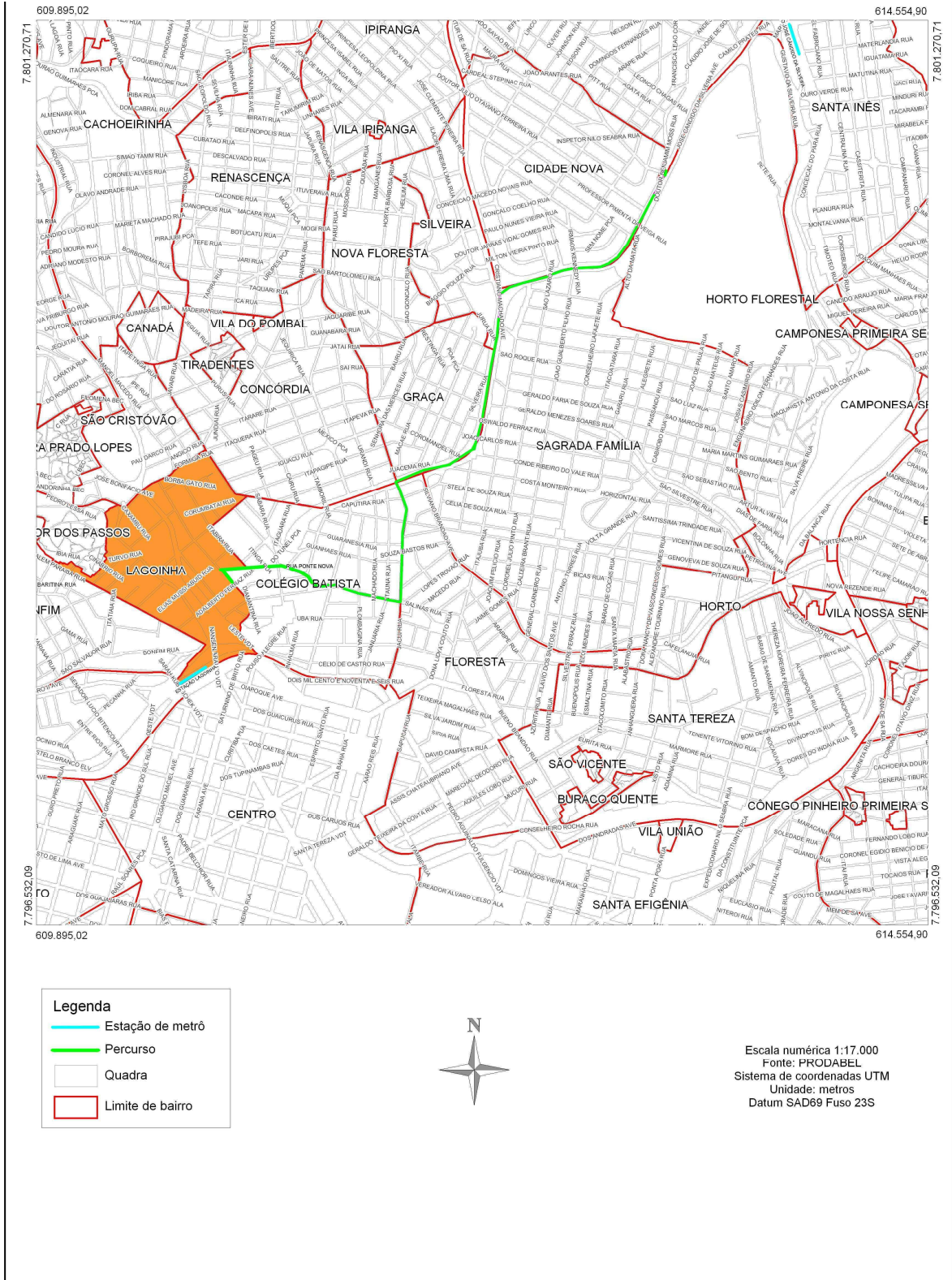


Figura 06: Mapa 4 – percurso a pé  
Fonte: PRODABEL

Após essa experiência, optei por percorrer as ruas Araxá, Ubá, Francisco Soucassaux, Rio Novo – ainda do lado da Rua Diamantina –, a fim de tentar captar um pouco da atmosfera

do bairro e foi interessante perceber como essa porção do bairro não possui a mesma pulsação que o lado de lá – Rua Itapeperica. Com toda a movimentação de moradores de rua, do comércio intenso, de “maloqueiros” que às vezes incomodam os moradores e transeuntes, nas imediações da Igreja Nossa Senhora da Conceição, existe uma vitalidade muito particular e as pessoas se fazem presentes o tempo todo.

Nas incansáveis caminhadas pelas ruas do bairro, desbravando cada esquina com a intenção de perceber os ritmos e o cotidiano de viver em um bairro mal falado por suas ruas cheias de lixo, dos “vizinhos” bastante familiares – moradores de rua –, deparei-me com os lugares de tensão e conflito já referenciados por algumas pessoas com que havia conversado. Esses lugares existem em função do tráfico de drogas, como é o caso da Pedreira Prado Lopes e Vila Senhor dos Passos, que estão inseridos em parte do bairro Lagoinha.

Logo que iniciei as caminhadas pelo bairro, as fronteiras de tensão não me foram apresentadas com clareza. Somente com o passar do tempo e vivenciando um pouco o seu cotidiano, essas zonas de tensão e conflito foram se revelando de maneira que eu pudesse cautelosamente enveredar por esses locais sem causar estranhamento e desconfiança nos moradores, sobretudo àqueles da zona de conflito – Pedreira Prado Lopes e Vila Senhor dos Passos. Alguns bairros possuem fronteiras fortes, bem definidas e precisas enquanto outros as têm incertas e de difícil percepção ou não visíveis de imediato; no caso da Lagoinha, as fronteiras se definem à medida que se adquire alguma familiaridade com o lugar. (CORDEIRO, 1997; COSTA, 1999; ELIAS; SCOTSON, 2000; LYNCH, 1997).

No mês de maio de 2008, quando me preparava para uma entrevista no bairro, logo na subida da Rua Além Paraíba esquina com a Rua Alexandre Stockler, me deparei com uma dessas fronteiras de tensão existentes no bairro<sup>43</sup>. Esse ponto da rua até chegar à Praça 15 de Junho, no início se mostrava sempre mais vazio em comparação com outros locais no bairro. Com o tempo, passei a encontrar pessoas da Vila que mantinham uma frequência no local e se comunicavam por códigos<sup>44</sup> muito particulares para avisar quando a área estava tranquila ou se havia presença da polícia ou alguma situação que oferecesse risco. “*A rua Além Paraíba tá tranquila...*” “*Ah, falcatrua*”: repetia a frase, dava um intervalo e voltava a falar. Um dos companheiros ficava sentado à porta de um bar na esquina da Além Paraíba, que durante a semana se encontra fechado, e o outro se posicionava na rua transversal observando o

<sup>43</sup> A Rua Alexandre Stockler é uma das portas de entrada para a Vila Senhor dos Passos e local de permanência de alguns moradores que ficam na esquina observando o movimento da Rua Além Paraíba.

<sup>44</sup> Nesse trecho da rua – entrada para a Vila Senhor dos Passos –, as pessoas fumam crack e observam o movimento da rua na subida para a Praça 15 de Junho, outra área de tensão no bairro. Tal constatação foi possível com visitas e observação no local.

movimento e conversando. Foi preciso subir a rua muito calmamente para que os usuários de drogas daquele ponto não se sentissem incomodados com a minha presença. E a cena descrita nesse mesmo ponto da rua foi, por mim, frequentemente presenciada (Figura 07).



Figura 07: Rua Alexandre Stockler vista da Vila Senhor dos Passos  
Fonte: Acervo da autora

A Praça 15 de Junho da mesma forma constitui-se como uma área de tensão no bairro, por ser porta de entrada para a Pedreira Prado Lopes e a Vila Senhor dos Passos. E muitas outras situações de tensão foram vividas no campo durante o percurso (Figura 08).



Figura 08: Praça 15 de Junho vista a partir da Rua Além Paraíba – A rua à direita e no final da praça é uma das portas de entrada para a Pedreira Prado Lopes  
Fonte: Acervo da autora

No primeiro contato com o mapa oficial do bairro, com o intuito de conhecer seus limites, percebe-se uma precisão em relação a tais demarcações físicas no espaço da cidade. À medida que avancei na observação e nas entrevistas, o bairro foi ganhando contornos elásticos e flexíveis. Menezes (2004), em seu estudo sobre o bairro lisboeta da Mouraria, nos diz que o território do bairro aos poucos foi ganhando certa elasticidade à medida que os moradores relatavam suas impressões e subjetividades sobre o lugar. Essas impressões variam de pessoa para pessoa, considerando seu engajamento e/ou formas de se relacionar com e no bairro. Nesse sentido, as subjetividades e maleabilidades atribuídas ao espaço habitado são corroboradas por Michael de Certeau, ao nos dizer que:

Os limites são traçados pelos pontos de encontro entre as apropriações progressivas e os deslocamentos sucessivos (movimentos internos ou externos) dos actantes. Devem esses limites a uma distribuição dinâmica dos bens e das funções possíveis, para constituir, sempre mais complexificada, uma rede de diferenciações, uma combinatória de espaços. (CERTEAU, 1994, p. 212-213).

O espaço físico tende a assumir contornos diferenciados à medida que os moradores se apropriam do lugar e com ele estabelecem laços afetivos, sejam eles duradouros ou transitórios. Em vista disso, tanto para as pessoas que estão conectadas a ele cotidianamente por motivos laborais quanto para os que nele residem ou o frequentam aos finais de semana, os limites tendem a variações de acordo com a frequência com que se consome ou se apropria do espaço.

Por outro lado, aos nos referirmos ao início do bairro, existe uma clara noção sobre sua “circunscrição administrativa”. (COSTA, 1999). Todos relatam que o bairro tem o início no Complexo Viário e na Praça Vaz de Melo. Os viadutos estão, inconfundivelmente, inscritos na memória das pessoas ao se referirem à Lagoinha.

Administrativamente o bairro Lagoinha pertence à Administração Regional Noroeste da cidade, havendo de acordo com alguns moradores uma divergência com relações às regionais a que o bairro pertence. A moradora Lúcia diz que recebe correspondência constando três regionais – a noroeste, a nordeste e a leste. De acordo com alguns moradores, o lado esquerdo do bairro no sentido sul/norte – imediações da igreja – pertence à Regional Noroeste; já uma parte da ala direita da Avenida Antônio Carlos, no sentido sul/norte, pertence à Regional Nordeste, o que gera alguns equívocos e desconfortos na população.

De acordo com o mapa da PRODABEL, o bairro tem início na confluência dos viadutos Nossa Senhora de Fátima e parte do viaduto Leste – Praça Manoel Jacinto Coelho no

Complexo Viário –, segue a Rua Diamantina até a Rua Ponte Nova na esquina com a Rua Itabira. Daí sobe a Rio Novo até encontrar a Pitangui. Vira-se à esquerda na Rua Pitangui, vira-se novamente à esquerda na Rua Formiga. Atravessa-se a Avenida Antônio Carlos rumo à Pedreira Prado Lopes passando pela Praça Agostinho Martini, descendo a Rua Fagundes Varela e cruzando a Rua Cinábrio e a Rua Quinze de Abril. Subindo em direção à Praça 15 de Junho, o bairro corta uma parte da Rua Alexandre Stockler, indo até a Rua Leopoldo. Descendo a Rua Além Paraíba até encontrar a Praça Vaz de Melo, retorna-se ao Complexo Viário. Esses são os limites considerados pela municipalidade (ANEXO B). Isso implica que o bairro, oficialmente, incorpora os dois lados da Avenida Antônio Carlos.

A opção de pesquisar o bairro do lado esquerdo da Antônio Carlos – imediações da Igreja Nossa Senhora da Conceição – pode ser corroborada com o resultado da investigação sobre os limites do bairro. As entrevistas curtas realizadas com o objetivo de verificar seus limites subjetivos revelaram que de fato muitos moradores da ala direita, entorno da Rua Diamantina, se percebem moradores do bairro Colégio Batista. Inclusive para alguns dos alunos do UNI-BH, a Universidade está inserida nos bairros Colégio Batista e Floresta. “... quem morava depois da Diamantina ali, mesmo sendo Lagoinha, considerava-se morador da Floresta, Colégio Batista” (Antônio, 39 anos, servidor público)<sup>45</sup>. Percebe-se que alguns moradores mais velhos, ao serem arguidos sobre os limites, inicialmente respondem bairro Colégio Batista, mas em seguida justificam que na verdade é bairro Lagoinha, mas todos consideram como Colégio Batista.

Os moradores, ao mesmo tempo em que relatam o seu entendimento sobre os limites do bairro, se referem aos moradores da ala direita em tom de brincadeira, irônicos às vezes, por se considerarem moradores do Colégio Batista, e não da Lagoinha.

Ao mesmo tempo foi percebida uma ambiguidade nessa relação de pertencimento ao bairro. No lançamento do documentário sobre o bairro Lagoinha – em maio de 2008 –, produzido pelo UNI-BH, os moradores tanto da ala esquerda quanto da direita compareceram ao evento, sobretudo, os moradores que concederam entrevista para o documentário<sup>46</sup>. Interessante perceber que, naquele momento, mesmo aqueles que disseram pertencer ao Colégio Batista estavam ali imbuídos de orgulho e sentimento de pertencimento por morar no

---

<sup>45</sup> De acordo com o morador Antônio, em sua adolescência, época em que ainda havia boemia no bairro, os moradores já se consideravam moradores da Floresta ou Colégio Batista. Entrevista em 28/06/2008.

<sup>46</sup> O UNI-BH tem sua trajetória na Lagoinha, desde quando ainda era localizada na Avenida Antônio Carlos, sendo, posteriormente, transferida para a Rua Diamantina, no mesmo bairro. O referido documentário foi produzido como atividade de extensão acadêmica em homenagem ao bairro de origem. Ver Lima (2008).

bairro Lagoinha. Reconhecem-se enquanto personagens na trajetória histórica do bairro, mas no cotidiano vivenciam outra realidade.

As percepções acerca dos limites simbólicos do bairro na maioria das vezes transcendem a noção de espaço administrativo para o lugar significado, ou seja, o modo de se apropriar influencia na percepção espacial, embora não haja uma aceitação plena dos limites estipulados pela administração municipal.

A minoria dos depoimentos se aproxima dos limites construídos pela administração municipal – com a exceção de onde se inicia o bairro, o complexo viário –, e muitos concordam com o fato de que o bairro vem perdendo espaço para outros, como é o caso do São Cristóvão. Contudo as percepções variam de acordo com a idade e a intensidade com que o morador vivencia o bairro.

Para o morador Bruno, de 20 anos, o bairro inicia-se na Rua Itapecerica e termina na Praça 15 de Junho, próximo à sua residência. A noção espacial e de experiência para ele é limitada, talvez até pela pouca vivência nos espaços do bairro. Ele relatou que não tem o hábito de andar pelo bairro e demonstrou conhecer muito bem apenas a rua em que mora, a Sete Lagoas – considerada por ele ainda como Lagoinha –, a Rua Além Paraíba, onde possui um estabelecimento comercial, e a Rua Itapecerica.

Um outro morador enfatiza, “*Ah... isso tudo aqui é Lagoinha. Da Praça Vaz de Melo até o Bonfim e até a Praça 15 é Lagoinha*”<sup>47</sup>. Os vínculos afetivos com o bairro são maiores e a dimensão espacial assume contornos mais amplos ao contar sua trajetória de vida no bairro quando foi proprietário de estabelecimento comercial de gêneros alimentícios na Feira dos Produtores quando ela ainda era onde, hoje, está localizado o metrô; e se ressentia ao ver as transformações ocorridas no bairro. Quando o entrevistado se refere a “Isso tudo” gesticula abraçando o bairro Lagoinha e apontando para o Bonfim até a Praça 15 de Junho. O abraço simbólico ao bairro veio acompanhado de lembranças de bons momentos vividos<sup>48</sup>.

O morador Antônio relata que não existe com precisão um limite para o bairro Lagoinha. Alguns não aceitam plenamente os limites construídos pela municipalidade, outros os descrevem conforme sua percepção e significado.

Olha... A Lagoinha tem diversos limites (...) No meu entendimento o que seria Lagoinha hoje... Seria da passarela até o IAPI, no sentido norte/sul. E leste/oeste da Diamantina, porque depois da Diamantina já é considerado o bairro Floresta, até o

---

<sup>47</sup> Entrevista em junho de 2008. Entrevista curta, sobre os limites do bairro, com o Sr. Geraldo, de 74 anos, morador do bairro há 50 anos.

<sup>48</sup> A Feira dos Produtores hoje está localizada no bairro Cidade Nova.

cemitério do Bonfim. Seriam estes limites que eu considero como realmente Lagoinha. (Antônio, 39 anos, servidor público)<sup>49</sup>.

O bairro ao longo do tempo vem perdendo espaço e população. “A Lagoinha ficou reduzida... porque de primeiro a Lagoinha ia até no conjunto IAPI, tudo ali... Agora dividiram... é até a rua...onde é o banco hoje? é Bradesco... e o limite é a rua Mariana (...) Ia até na Vila Lagoinha... essa... (Favela) do Santo André... ali tudo era Vila Lagoinha” (Terezinha, 80 anos, dona de casa e musicista)<sup>50</sup>. A rua a que a depoente se refere é a Formiga – final da Rua Itapeverica – que dá acesso ao Mercado da Lagoinha e ao conjunto IAPI. Para ela o bairro começa na Praça Vaz de Melo e vai até a Praça 15 de Junho, na Rua Mariana próximo ao cemitério e termina na Rua Formiga; depois dali inicia-se o bairro Santo André. (...) A Lagoinha é tudo isso aí... Antigamente o bairro Bonfim, Santo André e São Cristóvão eram considerados Lagoinha, hoje se encontram desmembrados. Ainda o outro lado da Antônio Carlos para ela também é Lagoinha, mas os moradores de lá dizem que é Colégio Batista: (...) tem pessoal que mora na Diamantina fala que já pertence ali a... é... ao colégio Batista... o povo mesmo é que divide essas coisas... risos (Terezinha, 80 anos, dona de casa e musicista)<sup>51</sup>.

A moradora nos conta ainda que antes da construção da Avenida Antônio Carlos o lado da Rua Diamantina era predominantemente constituído por chácaras; as construções - residências - existiam do lado onde se encontra a Igreja Nossa Senhora da Conceição. Com o passar do tempo, as pessoas foram vendendo as chácaras e loteando para a urbanização.

De maneira geral os moradores consideram que o bairro inicia na Praça Vaz de Melo e termina no conjunto IAPI e na Praça 15 de Junho formando simbolicamente um triângulo com o vértice na Praça Vaz de Melo. “Começa aqui na Praça Vaz de Melo ... e vai até o... São Cristóvão (...) até a Praça Quinze... o mercado da Lagoinha tá na Lagoinha... tanto que o nome é Mercado da LAGOINHA...”. Nesta passagem perguntamos se o mercado pertencia a Lagoinha porque alguns diziam que ele fazia parte do bairro São Cristóvão: “Ah...é porque ninguém quer falar que mora na Lagoinha”(...) eles fala que morar na Lagoinha é ruim.....é

---

<sup>49</sup> Entrevista em 28/06/2008.

<sup>50</sup> Entrevista em 30/04/2008.

<sup>51</sup> Entrevista em 30/04/2008.

*porque tinha essas casa de gente que.... fazia bagunça... de mulheres sabe?... agora que acabou....não tem mais não”(Maria, 81 anos, professora aposentada)<sup>52</sup>.*

As percepções sobre os limites são imbuídas de uma subjetividade apoiada na experiência de vida no bairro que nem sempre coincide com as limitações propostas pela administração. Além disso, estas delimitações estão muito ligadas a um simbolismo que remonta ao tempo de criança vivido no bairro que denota um alargamento do espaço geográfico do bairro e, mesmo o bairro perdendo espaço como já relatado, as percepções de outrora tendem a permanecer.

O relato do Sérgio ilustra com clareza esse alargamento geográfico do bairro e ao mesmo tempo uma imprecisão em relação aos seus limites, porque para ele toda a região do bairro Bonfim era Lagoinha e hoje não é mais. Mas, em seu entendimento, ele pertence ao bairro Lagoinha.

Da Lagoinha seria Praça Vaz de Melo pegando o início [...]era a Praça Vaz de Melo, pegava um pedaço da Bonfim até aqui onde hoje vem a ser Rua Itatiaia...na época era Rua Coromandel. Pegava aqui Rua Jequiri, pegava a Itapecerica e ia ali até na rua que hoje é Rua Nohme Salomão...mas na época era Rua Rutilo....ela mudou de nome...hoje ela é Nohme Salomão. Ela pegava aquilo ali e descia a Antônio Carlos...SENAC...aquilo ali era Lagoinha...entendeu...[...] Aqui era a Praça Vaz de Melo, estação do metrô você pegava a Além Paraíba, clínica Nossa Senhora da Conceição, Rua Itapecerica, Rua Jequiri...(Sérgio, 52 anos, comerciante)<sup>53</sup>.

Para os moradores, os bairros vizinhos da Lagoinha são os bairros Bonfim, Santo André, Carlos Prates, São Cristóvão e Floresta. O bairro Colégio Batista foi mencionado como vizinho quando a Rua Diamantina era citada. Muitas vezes os bairros supracitados tendem a uma elasticidade geográfica, chegando a serem confundidos com a própria Lagoinha. Para Antônio as ruas consideradas como o “coração da Lagoinha” são a Além Paraíba e a Itapecerica. A Praça Vaz de Melo foi citada como espaço emblemático no bairro.

A Lagoinha, no início do trabalho, foi referenciada como bairro de limites difusos por sua contiguidade com outros, tais como o Carlos Prates, o Bonfim, o Floresta, o São Cristóvão e o Santo André. Alguns equívocos relacionados à Administração Regional permanecem. Contudo, parece que os outros bairros tomaram o espaço da Lagoinha. O que mais se identifica e se confunde com a Lagoinha é o Bonfim, como um só bairro e uma

<sup>52</sup> Entrevista em 11/05/2008.

<sup>53</sup> Entrevista em 13/05/2008.

mesma história, que na realidade se confundem. As fronteiras e limites, contudo, se alargam e se estreitam ao sabor das experiências e afetividades que se nutrem no espaço do bairro.

### 3.3 Relações de vizinhança

Um encontro na esquina, no portão de casa, no elevador, no ônibus, ao abrir a porta de casa no corredor do prédio, um encontro casual no supermercado, na padaria, na farmácia, no bar, na lanchonete, na igreja, na fila do banco. O contato entre as pessoas nesses casos é inevitável, sendo definido pelo acaso das idas e vindas pelo bairro, onde é impossível não se encontrar um vizinho ou o comerciante que a ele pertence ou o frequenta. (MAYOL, 1996).

A interpretação de vizinhança pode ser percebida em Weber ao caracterizar a cidade como um “povoado grande”, um quantitativo de casas contíguas que tornam as relações impessoais, situação típica das cidades – claro que devem ser levadas em consideração a escala e a situação cultural –, em contraposição às ‘pequenas comunidades’, (ELIAS; SCOTSON, 2000) onde subsiste a associação de vizinhos. (WEBER, 1999, p. 408-409). Wirth (1987) se aproxima da idéia de Weber (1999) quando nos diz que a vizinhança nas grandes cidades deixaria de existir em função do modo de vida urbano, da efemeridade das relações imposta pelo ritmo frenético das grandes cidades.

Já para Park (1987), a relação de vizinhança nas cidades não deixaria de existir, mas perderia o significado que possui em sociedades mais simples. Os canais de comunicação existentes nessas sociedades fariam com que os ritmos dos cidadãos andassem de forma harmônica e todos viveriam em sintonia semelhante. Isso nos reporta às cidades do interior, onde a vida pacata dita os ritmos e solidifica as relações sociais, a vizinhança.

A vizinhança, de acordo com Georg Simmel, é uma forma de interação que pode assumir vários conteúdos. (ANDRADE; MENDONÇA, 2007). Em um bairro mais elitizado, os moradores se reuniam para tratar de interesses comuns, o que conferiria uma vizinhança do tipo associativista, outro se conformaria em uma vizinhança comunitária, como pode ser percebido em alguns bairros populares; cada bairro é uma unidade sociológica analisada separadamente.

Andrade e Mendonça (2007) propõem pensar a vizinhança como a possibilidade de ação recíproca entre pessoas que vivem próximas e ressaltam que a natureza das relações de vizinhança muda, podendo guardar diferentes conteúdos, desde os mais distanciados e mais urbanizados até os mais pessoais, mas essa mudança não significa que ela deixe de existir.

A característica de desconhecimento entre os moradores de bairros centrais pode ser observada na Lagoinha. Embora seja um bairro tradicional, é também próximo do centro e possui uma peculiaridade que é a moradia de baixo custo e a oferta de imóveis para alugar, o que favorece a rotatividade de pessoas no bairro. É interessante notar que, ao se referir àqueles moradores mais antigos no bairro, o morador diz que: *“tem os moradores mesmos aqui né... mas muitos moradores têm casas....como é o nosso caso também que tem imóvel pra alugar aqui... aí... nesse caso tem que manter a ordem, porque se deixar vira bagunça...”* (Pedro, 52 anos, servidor público)<sup>54</sup>. O “morador mesmo” é o que reside no bairro há muito tempo e todos o conhecem; o que mora no bairro de aluguel precisa ser orientado para que a ordem seja mantida, ou seja, o novo habitante do bairro deve ser vigiado e orientado para não causar incômodos aos demais. Além disso, a relação com o vizinho deve ser de *“cooperação, de colaboração e a mais cordial possível”*, afirma.

Conforme o relato de Dona Terezinha, o ritmo e a intensidade das relações de vizinhança na contemporaneidade inclinam-se para um enfraquecimento em que nem os adultos nem as crianças nutrem relações próximas com os vizinhos como antigamente. O sentido que a moradora atribui a “não-distração” dos tempos de criança é o de oposição à realidade vivida hoje. Ou seja, nos tempos de sua juventude, a convivência com vizinhos era constante e mais próxima; nos dias atuais, o convívio tem dado lugar ao isolamento que a vida moderna nos impõe, e faz uma observação sobre a televisão.

Ah... é gente boa... tudo gente boa... tem boas amizades até hoje... mas não é igual de primeiro não... de primeiro a gente não tinha distração não... hoje em dia tem televisão que você fica preso dentro de casa... televisão te prende muito né? você não pode fazer uma visita a uma pessoa... pode? Vai visitar a televisão tá ligada... a pessoa não te dá atenção e quer assistir novela dela (risos) ... não é mesmo ... fala a verdade? Hoje em dia você não pode visitar ninguém não... a não ser que tenha uma festa e não liga a televisão [...] e também as crianças de hoje não tem... sai de manhã... de tarde... às vezes fica o dia inteiro no colégio... chega de noite ainda em que fazer dever... tem que levantar cedo... vida apertada desses meninos coitadinhos. (Terezinha, 80 anos, dona de casa e musicista)<sup>55</sup>.

O sentido que a moradora supracitada imprime ao se referir à televisão pode ser entendido também a respeito de um momento de (re)valorização da vida em todas as suas dimensões, pois se trata de uma situação em que a temporalidade traz à baila uma prática

<sup>54</sup> Entrevista em julho de 2008.

<sup>55</sup> Entrevista em 30 de abril de 2008, por dona Terezinha, filha do fundador da Corporação Nossa Senhora da Conceição – Sr. Manoelzinho – que mantém o ritmo de ensaios da banda em sua residência e permanece com o coral da igreja.

espacial – porque os espaços deixam de ser apropriados para se limitar ao uso da casa. (CARLOS, 2001).

A televisão se contrapõe ao período da infância, marcando o tempo das relações sociais. A expressão *a gente não tinha distração* pode ser traduzida no viver fora da casa com os amigos brincando na rua e longe da televisão, bem diferente de hoje, quando as crianças passam muito tempo em casa. A vida no bairro, como assinala D. Terezinha, não permite mais a conversa na porta de casa, porque ficou perigoso e nele circula muito “maloqueiro”. É uma realidade não só da Lagoinha, que se transformou muito em lugar de trânsito, mas trata-se de uma tendência atual de isolamento.

A relação intervizinhos requer a observância de alguns princípios muito simples, mas cruciais para que seja possível a vida em comunidade, seja ela na cidade, onde é mais impessoal e esporádica, seja nos casos nos quais a associação entre vizinhos é construída em bases sólidas de convivência e sociabilidade, como é o caso de pequenas comunidades. A relação de vizinhança é engendrada de forma tácita e nela as pessoas estabelecem e reconhecem os códigos que definirão a extensão dessas relações de forma que acaba por se transformar em um contrato social. O comportamento, nos diz Pierre Mayol, seja ele ditado pelo movimento da rua, dos modos de vestir ou de se portar nos espaços sociais do bairro, ou seja, o “bom comportamento”, trará benefícios simbólicos para o viver bem com os vizinhos.

... Os vizinhos aí estão, cruzo com eles na escada do prédio, na minha rua; impossível evitá-los sempre; “é preciso conviver”, encontrar um equilíbrio entre a proximidade imposta pela configuração pública dos lugares e a distância necessária para salvaguardar a sua vida privada. Nem longe demais, nem demasiadamente perto, para não se aborrecer, e também para não perder os benefícios que se espera obter com uma boa relação de vizinhança. (MAYOL, 1996, p. 47).

Simmel, citado por Andrade e Mendonça (2007), corrobora o pensamento de Weber ao dizer que as relações de vizinhança se mostram debilitadas nas grandes cidades, referindo-se a essas relações como conflituosas no momento da proximidade extrema. Deve haver uma relação de proximidade e distância capaz de garantir que a relação seja amistosa em oposição às hostilidades. O estudo de Costa (1999) sobre o bairro lisboeta de Alfama, dissertando sobre as relações de vizinhança e o bairrismo que caracterizam a identidade cultural daquele bairro, ilustra o que seria o conceito de “bom vizinho” na concepção de Mayol (1996), que é também a dinâmica contemporânea, o respeitar a privacidade do outro.

As discussões teóricas corroboradas por depoimentos se apoiam no pensamento de Georg Simmel, que versa sobre os modos de vida urbanos e sustenta a tese de que o homem metropolitano, com suas visões intelectualistas e individualidade própria do meio em que vive, se torna apático e indiferente às coisas e pessoas na metrópole, a chamada *atitude blasé*. (SIMMEL, 1987).

O depoimento de Bruno mostra uma relação com os vizinhos próximos de sua casa, os amigos de infância – o vizinho de porta –, o espaço da rua, mas que hoje não tem tanto contato porque cada um seguiu um caminho. Alguns de seus vizinhos seguiram o caminho das drogas, ressaltando ele que o lugar onde mora é perigoso. (Bruno, 20 anos, comerciante)<sup>56</sup>. Mas o significado de vizinho para o morador permanece como aquele criado junto, próximo de sua residência.

O sentimento de perda e o afastamento das relações cotidianas têm sido unanimemente percebidos no relato dos moradores.

**“o pessoal era muito assim solidário um com o outro... não é igual hoje... eu mesmo... tem vizinho aqui que eu não sei nem quem é... naquela época não... era muito comum né... devido à proximidade da igreja tinha aquelas rezas... “ah... vão fazer uma reza na casa de fulano” era coisinha mesmo de interior... hoje não... é muito corrido... você nem sabe... eu nem sei... eu moro aqui tem dez anos... eu conheço uns quatro aqui em volta... o resto eu não sei quem é... (Sérgio, 52 anos, comerciante)<sup>57</sup>. (Grifo nosso).**

Os depoimentos revelaram uma reserva nas relações com os vizinhos em função da correria do dia-a-dia, sempre em comparação com o que era antigamente, na infância ou na juventude. Há sempre o cuidado em manter uma relação amistosa e solícita com o outro sempre que houver a necessidade de aproximação, pois a ressalva garante o equilíbrio da relação intervizinho e a privacidade da casa.

Aqui? ... **vizinho é um pelo outro aqui...** (...) óh... a Maria Alice... não morava aqui...ela morava lá no Soucassaux... depois mudou pra qui... mas eu já conhecia ela por causa do Coral... e assim vai seguindo... **a gente conhece todo mundo... mas só vai na casa dele no dia que precisa ...** porque você já pensou se toda hora você tá na casa de vizinho sabendo o que ele tá comendo... o que ele tá fazendo?...Cê vê que

---

<sup>56</sup> Entrevista em 24/06/2008.

<sup>57</sup> Entrevista em 13/05/2008.

aqui tá tudo quieto... não tem ninguém na casa do outro. (Maria, 80 anos, aposentada)<sup>58</sup>. (Grifo nosso).

O edifício Paulete, localizado na Rua Jequeri, também foi apontado como um lugar diferente de se viver no bairro. *O Paulete é uma cidadezinha, todo mundo se conhece e frequenta a mercearia... as pessoas vêm aqui porque têm afeto.* (Elaine, 42 anos, dona de casa)<sup>59</sup>.

Além disso, os moradores, embora reclamem da vizinhança – os catadores de papel, os mendigos, os sem casa – que divide o mesmo espaço do bairro, convivem de certa forma harmoniosamente com tal realidade. De certo modo, esse parece ser um traço identitário do bairro, um espaço heterogêneo e que comporta tipos sociais diferentes em seu cotidiano.

Os bairros vizinhos, como o Bonfim, o Santo André e o São Cristóvão, estão em constante diálogo com a Lagoinha. Os moradores desses bairros frequentam a Lagoinha, sobretudo nas atividades da igreja, como pude perceber nas observações e frequência a seus eventos.

### ***3.3.1 A vizinhança no Conjunto Nossa Senhora da Piedade: “Aqui tem uma convivência maior”***

O conjunto Nossa Senhora da Piedade foi construído na década de 1960, segundo depoimento dos entrevistados. Está localizado no início da Rua Itapeverica, possui 84 casas e 28 apartamentos distribuídos em dois andares de frente para a rua. O conjunto será denominado como condomínio fechado. É fechado porque possui guarita e porteiro 24 horas, com portão de entrada e saída de veículos (Figura 09).

---

<sup>58</sup> Entrevista em 11/05/2008.

<sup>59</sup> Entrevista curta sobre os limites do bairro concedida à autora em agosto de 2008. O edifício Paulete foi construído na década de 1970, possui 5 andares distribuídos em 3 blocos, com apartamentos de um ou dois quartos.



Figura 09: Conjunto Nossa Senhora da Piedade, com prédio à frente  
Fonte: Acervo da autora

No decorrer da pesquisa no bairro tive a oportunidade de realizar entrevistas e observação do conjunto. Com isso, pude captar sensações muito particulares do modo de vida no conjunto como um lugar à parte da Lagoinha, como se fosse uma outra cidade, um outro bairro. Dentre as singularidades de se viver no conjunto, tais como a proximidade da relação com os vizinhos, a tranquilidade e a sensação de segurança que um condomínio fechado possibilita, o morador salienta que ocorreu uma valorização imobiliária do mesmo, independente da do bairro, e esclarece que essa valorização foi em função da valorização de Belo Horizonte, e não do bairro, ao relatar que comprou o imóvel no conjunto por trinta e cinco mil reais e hoje está avaliado em sessenta, setenta mil. Perguntei a que ele atribuía tamanha valorização

[...] Primeiro pela própria valorização imobiliária de Belo Horizonte, não do bairro. [...] O bairro vem numa decadência muito grande. [...] Segundo, que aqui tem duas coisas que a população está buscando hoje em dia. Proximidade do centro, facilidade de deslocamento e uma certa segurança. Pronto. Numa cidade grande pra morar é tudo. Casa aqui pra alugar ou pra venda não fica muito tempo. Rápido. (Antônio, 39 anos, servidor público)<sup>60</sup>.

O condomínio parece um lugar externo ao bairro e parece não acompanhar suas transformações, configurando-se em um estilo de viver oposto ao da Lagoinha, com as complexidades do habitar em um bairro de cidade grande. A fim de compreender as subjetividades de viver em um condomínio, mesmo que em bairro popular, far-se-á

<sup>60</sup> Entrevista em 28/06/2008.

considerações sobre o estudo de Andrade (2006) sobre os condomínios fechados na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

O estudo de Andrade (2006) sobre o “Estilo de vida nos condomínios residenciais fechados” aborda as subjetividades e motivações das pessoas que procuram esse tipo de moradia nos dias atuais. O estilo de morar em condomínios fechados teve sua trajetória histórica nos Estados Unidos, já no final do século XIX, como um estilo de vida exclusivista e destinado aos estratos mais ricos. Atualmente esse estilo de morar não se limita apenas às classes sociais mais abastadas, há uma tendência de disseminação do estilo nas classes populares da sociedade. Nos estudos analisados por Andrade (2006), têm-se como motivações desse estilo de vida a tranqüilidade, a segurança, a vivência com os vizinhos e a liberdade, sendo que os três primeiros elementos foram valorizados pelo morador da Lagoinha.

Dentre uma dessas motivações apresenta-se o viver em um lugar tranquilo longe da violência sentida fora dos muros do condomínio. O morador relata que viver no conjunto é tranquilo e proporciona certa segurança em relação ao bairro, os vizinhos têm o hábito de conversar na varanda de casa e as crianças podem brincar tranquilamente na rua do condomínio. Quando digo “rua”, me refiro ao espaço externo do conjunto, que é ao mesmo tempo rua – lugar de trânsito dos carros – e espaço de lazer para as crianças (Figura 10) (Antônio, 39 anos, servidor público)<sup>61</sup>.



Figura 10: Rua do Conjunto N. Sra. da Piedade, fim de semana  
Fonte: Acervo da autora

<sup>61</sup> Entrevista em 28/06/2008.

Durante a semana a permanência das crianças na rua é menor em função da atividade escolar, mas aos finais de semana o ritmo é agitado, as crianças brincam por muito tempo na rua e com os vizinhos.

[...] as relações eram muito boas... as pessoas conviviam aqui fraternamente... era como uma cidade do interior... o que um pouco retrata esse conjunto aqui que a gente vive... essa vila Nossa Senhora da Piedade retrata essa questão, essa característica de interior, **as pessoas assim com um laço de afinidade bem interessante... bem solidário... cê ainda vê aqui ... não na Lagoinha porque ela não permite mais...** mas aqui no conjunto as pessoas colocando a... as cadeiras pra fora, sentando e conversando... a coisa bem de interior mesmo...[...]. (Antônio, 39 anos, servidor público)<sup>62</sup>. (Grifo nosso).

Andrade (2006) explica a sensação de liberdade que o condomínio propicia, dizendo que as pessoas sentem confiança em fazer no espaço do condomínio o que na cidade seria inviável. E, por isso, compara o seu espaço com as cidades de interior nas quais as crianças brincam sozinhas e os vizinhos cultivam o hábito da conversa na calçada. É claro que a convivência não pode ser comparada literalmente com a vida interiorana em decorrência do estilo de vida moderno, da correria do dia-a-dia, mas os laços tendem a um estreitamento.

Ao contrário da rua do conjunto, as ruas do bairro permanecem vazias, as crianças não se apropriam dela para as brincadeiras cotidianas e muito menos aos finais de semana. Mesmo porque o bairro possui uma característica de centro de cidade, agitado e movimentado de carros e transeuntes, o que inviabiliza o espaço da rua como espaço de lazer, sobretudo pela violência nas grandes cidades, que não é exclusiva do bairro, mas de forma geral.

### **3.4 Os lugares de sociabilidade no bairro: ruas, bares, mercados, praças, igrejas**

As Ciências Sociais têm condensado suas investigações no intuito de entender a complexidade das relações sociais nos centros urbanos, tendo em vista as múltiplas identidades dos indivíduos que nele habitam e suas construções simbólicas na dinâmica das cidades. Portanto, as interações sociais têm conquistado um notável olhar e significado no tocante às experiências do cotidiano dos atores sociais nos espaços da cidade.

---

<sup>62</sup> Entrevista em 28/06/2008.

Em uma de minhas deambulações pelo bairro a fim de identificar seus lugares de sociabilidade e os lugares apropriados pelos moradores, deparei-me com certa dificuldade em encontrá-los. Embora os moradores reclamem por espaços que se possa frequentar com a família e os filhos, existem lugares de apropriação pelo morador; mesmo que não sejam ideais.

O conceito de sociabilidade foi instituído no campo da Sociologia por Simmel e ao longo do tempo tem sido (re)significado por meio do diálogo entre a Sociologia e a Antropologia orientada à vida urbana, como a chamada Escola de Chicago. (FRÚGOLI, 2007).

Em primeiro lugar, Georg Simmel pensa a sociedade como um *continuum*, constituído pelos indivíduos unidos por meio de interações mútuas, trocas que unem tais indivíduos e os colocam em convívio uns com os outros, uns para os outros, ou uns contra os outros. O indivíduo exerce influência sobre os demais e, por sua vez, também sofre efeito por parte deles. (SIMMEL, 2006, p. 60). Essa interação surge sempre a partir de impulsos ou objetivos que formam uma unidade, ou seja, a sociedade. Os sujeitos interagem sempre com a intenção de atingir seus objetivos pessoais ou não, sejam eles momentâneos ou duradouros, conscientes ou inconscientes, ideais, sensoriais, e assim formam a base da sociedade humana. Simmel (2006) nos diz ainda que em cada sociedade é possível diferenciar forma e conteúdo. A forma são os modos pelos quais os indivíduos se dispõem a viver juntos e são assumidos como grupos socialmente constituídos, tais como os profissionais, as famílias, as irmandades de sangue, as organizações, os vizinhos, os partidos políticos e os festejos. Pode-se dizer que a forma parte da idéia do objetivado, do concreto. O conteúdo da sociação, por sua vez, diz respeito às abstrações e pulsões dos indivíduos conectados no espaço da cidade, do bairro e que se pode entender como as subjetividades das pessoas, tais como o impulso, as intenções, os interesses, os ideais conscientes e inconscientes, parte indissociável do ser humano.

Maffesoli (2001) corrobora o pensamento de Simmel (2006) ao assegurar que a sociabilidade em suas diversas características, ao lado de sua feição temporal, contém uma importante dimensão espacial, existindo nas situações do cotidiano tais como na casa, no bairro, na cidade, no vilarejo, nos lugares, ou seja, onde existir a possibilidade de convívio.

As interações sociais percebidas no espaço do bairro de forma geral são traduzidas como algo fragmentado ao considerarmos a diversidade de tipos sociais transitando nas ruas. O bairro não é um conjunto uniforme. Convivem no mesmo espaço moradores de rua; trabalhadores dos ferros velhos; catadores de papel; pedintes; sem casas que chegam ao bairro à procura de abrigo; moradores antigos que nutrem sentimento de pertencimento ao lugar;

moradores há pouco tempo e que não gostam do bairro ou até mesmo aprenderam a gostar dele; moradores que estão de passagem até conseguir moradia “melhor”<sup>63</sup>, que vão ficando e acabam criando laços afetivos; moradores das favelas no entorno, onde o tráfico de drogas é intenso e grande responsável pela violência e pelo perigo que as assola. A Lagoinha, ao mesmo tempo e de forma ambígua, tem o poder de atração e repulsão. Os sujeitos mantêm uma relação de proximidade e distância. (SIMMEL, 2003). Pode-se dizer que toda relação é permeada por proximidade e distância, dependendo da hierarquia que se estabelece. Mesmo em relações em que há distanciamento, não significa que haja completa ausência de envolvimento.

Diante dessa diversidade de pessoas e atividades coabitando, frequentando o bairro, os lugares de sociabilidade, de convívio dos moradores se mostram pontuais e restritos a determinados grupos, dependendo da localização no bairro, com exceção da igreja que todos frequentam.

O que estamos denominando como lugares de sociabilidade, António Firmino da Costa nomeia como *sítios de vizinhança*, que nada mais são do que pequenas unidades de vizinhança formadas em um determinado ponto da rua. Estes *sítios* variam entre espaços de rua, bares, restaurantes, estabelecimentos comerciais de forma geral.

[...] os elementos componentes do sítio de vizinhança variam de unidade para unidade e também no decurso do tempo, uma vez que os estabelecimentos podem abrir e fechar, tornar-se locais de encontro mais ou menos importantes. Os próprios troços de rua podem ir variando quanto à respectiva intensidade de frequência ou quanto aos grupos que deles fazem locais preferidos de interação. (COSTA, 1999, p.323).

Em alguns locais as interações tendem a uma solidez, noutros tornam-se rarefeitas ou mesmo deixam de existir. A Lagoinha se mostra relativamente pobre em espaços públicos de convívio familiar, ou seja, pobre no sentido de que não foi percebida uma praça ou outro local em que as famílias – crianças – sobretudo pudessem frequentar. *Sinto falta de praça para conversar... a Praça Vaz de Melo tá ali sem uso e a gente aqui querendo tomar um sorvete e sentar pra conversar.* (Elaine, 42 anos, dona de casa)<sup>64</sup>.

Praça, mercado e bar não são apropriados por moradores no cotidiano. Uma exceção é a mercearia localizada na Rua Jequeri, que surge como um lugar diferente no/do bairro

<sup>63</sup> O termo moradia “melhor” é frequentemente citado por alguns moradores entrevistados – entrevistas curtas – que se sentiram à vontade em relatar sua experiência no bairro e, por isso, disseram que estão no bairro de passagem, mas esse “de passagem” já dura 11 ou 15 anos.

<sup>64</sup> Entrevista curtas sobre os limites do bairro.

(Figuras 11 e 12). A Rua Jequeri é um pequeno quarteirão, localizado em posição perpendicular entre as duas principais ruas do bairro, a Itapecerica e a Além Paraíba. É diferente das demais, porque os moradores têm uma permanência na rua e frequentam uma mercearia nela existente. Seus frequentadores são predominantemente moradores do Edifício Paulete, situado em frente à mercearia. É um outro perfil de morador do bairro, que de acordo com outro entrevistado é detentor de melhor poder aquisitivo – de fato não foi observada a presença de moradores da Pedreira ou da Vila Senhor dos Passos no estabelecimento. Os amigos e vizinhos, à noite, após o trabalho e nos finais de semana, se reúnem para uma conversa. A mercearia tem a função de atender os moradores, oferecendo desde o pão francês à cerveja. “Na mercearia as pessoas vêm pra encontrar a turma depois do trabalho pra uma cerveja, conversar e voltar para casa... fora isso não tem outro lugar não” (Antônio, 39 anos, servidor público)<sup>65</sup>.

Aqui parece uma cidade do interior, todo mundo vem aqui pra conversar... sei da vida de todo mundo aqui... é mais homem que frequenta... vem mulher também... aqui durante a semana fecha às 20:30 e fim de semana às vezes 21 horas... A mercearia só não abre na semana santa... o pessoal até me espera fechar pra ir embora... mesmo morando no conjunto também. (Lúcia, 28 anos, funcionária da mercearia)<sup>66</sup>.



Figura 11 : Rua Jequeri e mercearia  
Fonte: Acervo da autora

<sup>65</sup> Entrevista em 28/06/2008. O Edifício Paulete possui 184 apartamentos, distribuídos em 5 andares, blocos A, B e C.

<sup>66</sup> Entrevista em agosto de 2008.



Figura 12 : Edifício Paulete – Rua Jequeri  
Fonte: Acervo da autora

A Rua Itapecerica, como assinala um morador, “é o centro nervoso da Lagoinha”, por conta de seu comércio variado, mas, sobretudo, pelo comércio de móveis usados e antiquário. Além disso, convivem no mesmo espaço os trabalhadores do comércio e atividades como ferros-velho, galpão para material reciclável, igrejas, centro espírita, mercearias, sorveteria, açougue e a Escola Estadual Silviano Brandão. A escola Silviano Brandão foi inaugurada em 1914 e teve importante papel na vida dos moradores. Os entrevistados relatam que a escola era atuante na comunidade, promovendo eventos no bairro e conhecida antigamente pela fama de suas diretoras rigorosas e disciplinadoras. (Figuras 13 e 14).



Figura 13: Grupo Escolar Silviano Brandão – Rua Itapecerica  
Fonte: Acervo do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte



Figura 14: Grupo Escolar Silvano Brandão – Festa da comunidade 1960 e atual, Escola Estadual 2008  
Fonte: Acervo da Escola Estadual Silvano Brandão e acervo da autora

Na rua estão as duas edificações tombadas do bairro: um casarão no número 373 encontra-se em ruínas, e a outra no 251 abriga uma empresa e está em bom estado de conservação. (Figuras 15 e 16). Além disso, a emblemática casa da Loba se encontra descaracterizada e habitada por uma família encarregada de cuidar dela. (Figura 44).

A Rua Itapecerica é uma das mais sujas do bairro. Na segunda-feira, como foi possível observar, as ruas amanhecem cheias de lixo e cheirando mal<sup>67</sup>. (Figura 17).



Figura 15: Edificação tombada Rua Itapecerica, 373 – vista de frente e lateral  
Fonte: Acervo da autora

<sup>67</sup> O acesso à Rua Itapecerica de carro é feito a partir da Avenida Afonso Pena, sentido Avenida Antônio Carlos; outra forma de acesso é a partir dos bairros Carlos Prates e Floresta, via Avenida Pedro II e Avenida Antônio Carlos.



Figura 16: Edificação tombada – Rua Itapecerica, 251  
Fonte: Acervo da autora



Figura 17: Rua Itapecerica. Comércio, galpão de material reciclável e situação de lixo na rua  
Fonte: Acervo da autora

O comércio e o movimento de pessoas transitando nessa rua durante a semana são intensos por conta dos trabalhadores dos comércios, moradores, catadores de papel, transeuntes, sem casa e os visitantes que, por vezes, desembarcam na rodoviária e têm no bairro seu destino. No bairro, na Rua Itapecerica principalmente, nos finais de semana há uma permanência de moradores de rua e de vendedores ambulantes que têm na Praça Vaz de Melo o seu lugar. Mesmo com esse movimento o bairro tende a um esvaziamento aos finais de semana e feriados, o que denota uma característica de centro da cidade em função do comércio. (Figura 18).



Figura 18: Rua Itapecerica durante a semana  
Fonte: Acervo da autora

Além disso, percebeu-se no final do mês de dezembro de 2008 que três lojas tradicionais de móveis usados fecharam as portas e deram lugar a lojas de móveis novos do tipo popular. Parece haver uma mudança no cenário do bairro com a entrada desse tipo de comércio.

À noite não foi possível manter uma permanência na rua, inclusive no bairro, devido a seu esvaziamento. Os bares da rua são frequentados por moradores da Pedreira e pessoas de fora, como informou Bruno, morador da Rua Sete Lagoas, enfatizando que se deveria tomar cuidado ao permanecer no bairro durante a semana após as 18 horas e aos finais de semana após as 13 horas, quando fecha o comércio<sup>68</sup>. No sábado após às 13 horas a rua se encontra praticamente deserta e perigosa.

No domingo pela manhã há um movimento tímido de pessoas – na maioria homens – da Pedreira descendo em direção ao bairro. Uns tinham como destino trabalhar tomando conta dos carros nas imediações da igreja nos horários das missas das sete e das dez horas da manhã; outros, presumo, iriam desempenhar a mesma função noutros espaços da cidade. (Figura 19). A Itapecerica é, como relatam os moradores, considerada o “centro nervoso do bairro”, assim como a rua mais feia e suja. No passado era a rua mais animada e bem servida de comércio. Tais percepções serão abordadas no último capítulo.

<sup>68</sup> O alerta dos moradores para que a pesquisadora não permanecesse no bairro nesses horários foi unânime. E nas tentativas de observação, quase tive a câmera fotográfica roubada. A receptividade no bar da Rua Itapecerica num sábado à noite não foi das melhores, pois um frequentador disse que não queria que ninguém pesquisasse o seu bairro, portanto achei por bem me retirar do local e não insistir.



Figura 19: Rua Itapecerica no fim de semana  
Fonte: Acervo da autora

A Rua Além Paraíba é outra importante via coletora do bairro e o acesso a ela pode tanto ser feito pela Praça Vaz de Melo quanto por vias locais como a Rua Rio Novo ou a Rua Bonfim – outra via coletora. Nela estão localizadas empresas tais como a Viação Serro, a gráfica Formato, oficinas mecânicas, lava-jato, bares, restaurantes de comida a quilo, unidade da pastoral da arquidiocese, a Igreja Nossa Senhora da Conceição; Sindicato dos trabalhadores da Construção Civil; a Maternidade BH Mater, antiga maternidade Ernesto Gazzoli; Editora Saraiva, escolas infantis e um mini-*shopping*. A circulação de veículos durante a semana é intensa e uma linha de ônibus apenas transita nela. O ponto mais tranquilo de se transitar é até a Rua Serro; após, especificamente da Rua Alexandre Stockler até a Praça 15 de Junho, a rua fica mais vazia e as pessoas mais cuidadosas. (Figura 20).



Figura 20: Rua Além Paraíba vista a partir da passarela e Praça 15 de Junho  
Fonte: Acervo da autora

O *Center Shop*, um conjunto de 38 lojas localizado em frente à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, foi construído em 1994 com o objetivo – e o discurso – de dinamizar e modernizar o comércio da região. Atualmente, no empreendimento encontram-se várias lojas vazias e um movimento tímido no que diz respeito ao comércio. (Figura 21).



Figura 21: *Center Shop* – Rua Além Paraíba

Fonte: Acervo da autora

No percurso da Rua Além Paraíba as moradias ora se apresentam de forma precária – com pequenas casas com barracões ao fundo –, ora se apresentam tradicionais, com casas bem conservadas e construções mais modernas. Mas de forma geral são bastante heterogêneas.

A Rua Adalberto Ferraz é dividida pela Avenida Antônio Carlos. Nela compartilham o mesmo espaço residências, ferro-velho, oficina mecânica, bar e uma unidade do AA – Alcoólicos Anônimos – próximo à Igreja Nossa Senhora da Conceição. Na parte da rua próxima à igreja o espaço é frequentemente dividido com moradores de rua. Na outra porção, após atravessar a avenida, existe uma escadinha que dá acesso à Rua Diamantina; é um lugar mais sujo, embora existam algumas edificações um pouco melhores que as do outro lado. (Figuras 22 e 23).



Figura 22: Rua Adalberto Ferraz vista a partir da Igreja e da escadinha na Rua Diamantina  
Fonte: Acervo da autora



Figura 23: Uma das poucas residências na Rua Além Paraíba  
Fonte: Acervo da autora

A Rua Paquequer, foco da prostituição do bairro no passado, está modificada por conta da implantação da Praça do Peixe na Rua Bonfim. A Paquequer hoje concentra um movimento de lavadores de carro, abriga estabelecimento dito como pensão, o que não descarta que a prostituição no local tenha sido banida. “*Aqui melhorou muito... hoje não tem mais prostituição do jeito que era... o tráfico atrai prostituição né*” (Wesley, 32 anos, lavador de carro)<sup>69</sup>. Como ressalta o entrevistado, trabalhando há 19 anos na região, ainda existem resquícios de prostituição nas imediações da Rua Jaguarão, próximo à Avenida Pedro II. Além disso, as peixarias da rua ganharam fama por – e de certa isso se transformou em tradição – distribuir peixes a pessoas carentes na Semana Santa. (Figura 24).

<sup>69</sup> Entrevista curta sobre os limites do bairro em junho de 2008.



Figura 24: Rua Paquequer  
Fonte: Acervo da autora

Embora tenha sido transformada, na Rua Bonfim ainda pode ser encontrado movimento de travestis, que de acordo com alguns moradores são agressivos. *“Ainda existem os travestis na Bonfim sexta, sábado à noite... os travestis são extremamente agressivos e as putas da época não... elas conversavam com a gente”*. (Elaine, 42 anos, dona de casa)<sup>70</sup>.

A Rua Bonfim possui movimento intenso durante a semana e sábado de manhã por conta da Praça do Peixe (o início do quarteirão concentra as peixarias); do comércio popular e de flores em função do cemitério do Bonfim; de empresa de telefonia no lugar que antes abrigava a antiga fábrica de macarrão Orion. (Figuras 25 e 26).

A chegada de empresas de telefonia – GVT e Claro – levaram emprego e crescimento para a população e melhoria da imagem do bairro, como assinalou o morador *“Então a coisa já melhorou... ali era um lugar que tava abandonado... sujo... é uma coisa que tá melhorando pra trazer desenvolvimento pra região”* (Pedro, 52 anos, servidor público)<sup>71</sup>. Por outro lado, a entrada dessas empresas no bairro não garante emprego aos moradores como ressalta um morador ao dizer que os moradores, da Lagoinha são discriminados, sobretudo, os que moram próximo à Pedreira (Bruno, 20 anos, comerciante)<sup>72</sup>.

<sup>70</sup> Entrevista curta sobre os limites do bairro em agosto de 2008. Tal constatação está fundamenta em observação no local.

<sup>71</sup> Entrevista em julho de 2008.

<sup>72</sup> Entrevista em julho de 2008.



Figura 25: Rua Bonfim – Praça do peixe  
Fonte: Acervo da autora

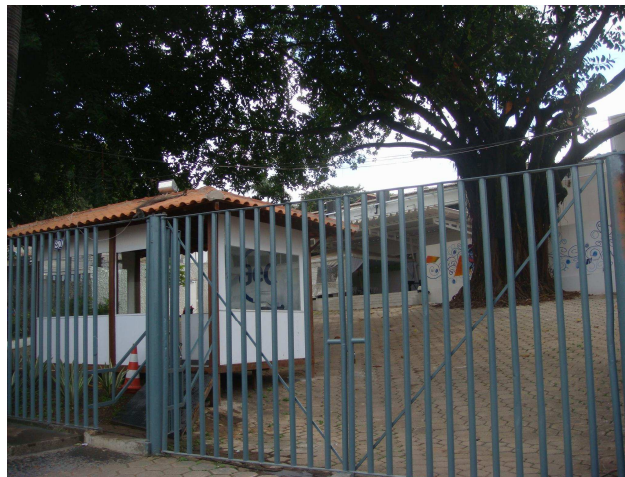


Figura 26: Antiga fábrica de massas Orion, atual grupo A&C  
Fonte: Acervo da autora

A Rua Serro está localizada em posição perpendicular às ruas Além Paraíba e Itapecerica, abriga casarões antigos, uns se encontram em bom estado de conservação e até restaurados, outros ainda mal cuidados. É um local de pouco movimento. No início da rua existe um centro geriátrico, um restaurante no meio do quarteirão e uma padaria ao final. (Figura 27).



Figura 27: Rua Serro  
Fonte: Acervo da autora

A Rua Turvo está localizada próximo à entrada da Vila Senhor dos Passos – antigo Buraco Quente. Essa rua já é mais vazia que as outras também próximas à entrada da favela e normalmente se encontra cheia de lixo. Ao nos aproximarmos dessa rua, a paisagem se modifica, as moradias vão se apresentando mais simples.

Com a observação foi possível captar muitas curiosidades e conseqüentemente situações constrangedoras: em um sábado decidi chegar cedo ao bairro para iniciar minhas deambulações, quando deparei-me com uma moça bem vestida e trajada com roupa de festa saindo da direção da favela, rasgada e com a aparência de quem tinha passado a noite usando drogas. É cena comum na Lagoinha, como afirma uma moradora, se você permanecer um pouco mais no bairro. Ao comentar com a depoente o que tinha presenciado ela afirmou que *“isso é muito comum aqui... já vi até pai vindo buscar a filha perto da boca de fumo... e você vê que é gente só de carrão... isso é a Lagoinha... você tem que tomar muito mais cuidado do que em outros lugares* (Elaine, 42 anos, dona de casa)<sup>73</sup>. (Figura 28).

---

<sup>73</sup> Entrevista em agosto de 2008.



Figura 28: Rua Turvo – entrada para a Vila Senhor dos Passos  
Fonte: Acervo da autora

As demais ruas, como a Fortaleza, Alexandre Stockler, Sebastião de Melo, Pedro Leopoldo, Borda da Mata e Botelhos – já se aproximando à Praça 15 de Junho e do lado esquerdo da Rua Além Paraíba sentido bairro Bonfim – são mais vazias tanto durante a semana quanto nos finais de semana. A Rua Comendador Nohme Salomão é um pequeno quarteirão que abriga estabelecimentos comerciais, algumas residências e a Igreja Sírian Ortodoxa São Pedro.

Já na Rua Itatiaia, nas proximidades da rádio de mesmo nome, foi percebida uma maior movimentação de moradores na rua, sobretudo em uma quadra de esportes nela existente onde as pessoas se apropriam do espaço para o lazer com uma característica diferente das ruas da Lagoinha que ficam mais desertas. A própria rádio proporciona uma dinâmica diferente para o bairro.

Os bares ou, como denominam alguns moradores, os “botequins” que existem no bairro são frequentados por pessoas diversas, desde o morador de rua que vive esse cotidiano; aquele frequentador que vive mesmo no botequim dia e noite; os passantes sem compromisso que são frequentadores desses estabelecimentos com maior permanência durante a semana.

Alguns abrem em finais de semana, como é o caso do bar Força Jovem, localizado à rua Além Paraíba esquina com a Alexandre Stockler. Esse espaço é frequentado, predominantemente, por moradores da Vila Senhor dos Passos e Pedreira que não interagem com os demais moradores do bairro, ficando restrito a pessoas da vila e aos que permanecem

na esquina atuando como agente das atividades ilícitas<sup>74</sup>. Outros bares espalhados pelo bairro possuem movimento tímido, sobretudo nos finais de semana, quando no bairro há um fluxo maior de moradores e alguns desses lugares ficam vazios. O único bar/mercearia que é frequentado por uma parcela detentora de melhor poder aquisitivo no bairro é o da Rua Jequeri, como dito anteriormente, e tal constatação pode ser corroborada por depoimento de morador quando diz: *“essa rua é diferente... os moradores do Paulete vivem na mercearia... sábado... domingo... na rua... acho que é por causa do Paulete mesmo... o povo aqui tem condição melhor”*. (Figuras 29, 30 e 31). (Elaine, 42 anos, dona de casa)<sup>75</sup>.

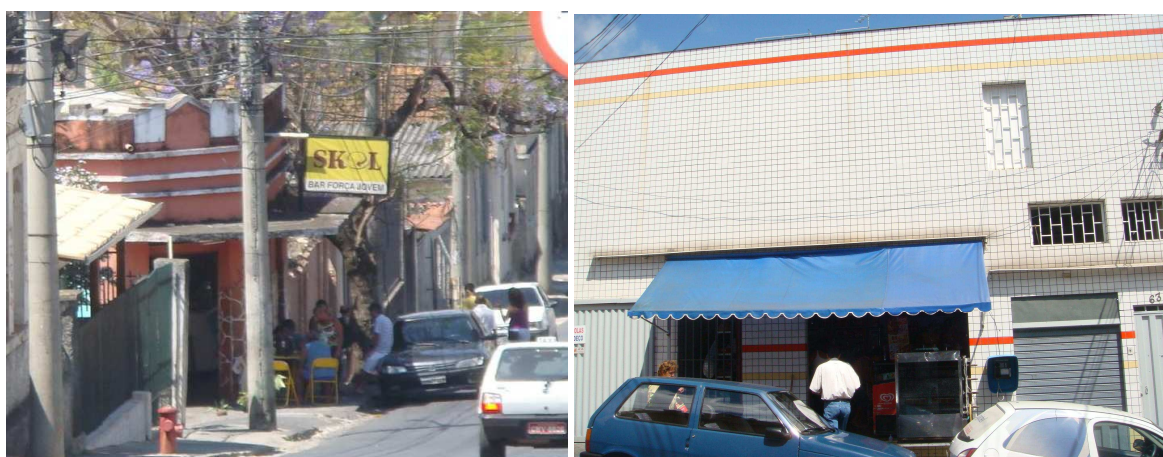


Figura 29: Bar Força Jovem, na Rua Além Paraíba, e mercearia da Rua Jequeri  
Fonte: Acervo da autora



Figura 30: Bares na Rua Além Paraíba  
Fonte: Acervo da autora

<sup>74</sup> As atividades ilícitas são as de pessoas que permanecem na esquina fumando crack e observando o movimento da Rua Além Paraíba e do bairro.

<sup>75</sup> Entrevista em agosto de 2008.



Figura 31: Bares na Rua Itapeceira  
Fonte: Acervo da autora

O Mercado Popular da Lagoinha, como dito anteriormente, foi construído pela BEPREM na década de 1950. Ficou um bom tempo abandonado e em 1995 foi entregue à população totalmente revitalizado com o projeto Lagoinha. Logo no início de sua re-inauguração funcionou por algum tempo com um comércio variado e com restaurantes para que a população se apropriasse dele. Atualmente, nele está instalada uma padaria-escola, uma cozinha experimental, uma unidade do Pró-jovem – Programa Nacional de Inclusão de Jovens, que visa a capacitação profissional de jovens com idade entre 18 e 24 anos e é realizado com os recursos do governo federal e municipal –, uma biblioteca comunitária e um restaurante popular (área externa). Existe também um sacolão da rede Abastecer do lado de fora do mercado.

O mercado possui um uso frágil e parece não cumprir a função a que se propôs, que é a de espaço de encontro da população. A partir de observação (de março a setembro de 2008) no mercado durante a semana foi possível constatar tais percepções e nos finais de semana o mesmo se encontra fechado. (Figuras 32 e 33).



Figura 32: Mercado Popular da Lagoinha na Avenida Antônio Carlos – Rua Formiga – restaurante popular da Prefeitura

Fonte: Acervo da autora



Figura 33: Mercado Popular da Lagoinha – vista interna e biblioteca comunitária

Fonte: Acervo da autora

Existem duas Praças: a Praça 15 de Junho, localizada no final da Rua Além Paraíba; e a emblemática Praça Vaz de Melo, dos tempos da boemia no bairro e que hoje se encontra revitalizada. A primeira é timidamente frequentada por alguns moradores das imediações da mesma, que ora se apropriam dela para a leitura do jornal ou para uma conversa rápida. O tempo de permanência é limitado; talvez por estar próxima à Pedreira Prado Lopes e à Vila Senhor dos Passos, área de conflito e tensão em função do tráfico de drogas na região, que unanimemente é relatada por moradores como local perigoso e impraticável<sup>76</sup>.

<sup>76</sup> A pertinência dessa constatação está fundamentada em observação no local em vários dias da semana e em horários diferentes.

De acordo com a pesquisa de Machado e Pereira (1997), a Praça 15 de Junho era um importante espaço de convívio dos moradores no bairro. Interessante observar a mudança ao longo do tempo, porque a Praça hoje permanece vazia. Nesse local é comum nos depararmos com o carro da polícia subindo em alta velocidade em direção à Pedreira<sup>77</sup>. Claro que o esvaziamento dos espaços públicos tem na violência uma justificativa atual, mas o que ressaltamos é o aumento dessa, sobretudo nessa região, em função do crescimento do tráfico de drogas nas favelas. (Figura 34).



Figuras 34: Praça 15 de Junho  
Fonte: Acervo da autora

Já a Praça Vaz de Melo, reduto da boemia do bairro no passado, se encontra revitalizada desde o projeto Lagoinha em 1995, que propôs várias ações de recuperação para o bairro. Desde a construção dos viadutos e a sua revitalização, ela tem sido alvo de críticas por parte dos moradores que não veem nela um espaço de sociabilidade. Para esses moradores, a Praça não cumpre a função a que se propôs, que é o de espaço para encontro porque os moradores de rua se apropriaram dela. *“Dizem que a praça era pra gente encontrar... mas ninguém vai lá... você vê que foi uma praça que não tem utilidade”*. (Maria Alice, dona de casa, 80 anos)<sup>78</sup>. Essa percepção da praça é unânime entre os entrevistados.

Durante a semana, a praça, nas proximidades da passarela, serve como lugar de trânsito e de comércio. Sábado e domingo o movimento de transeuntes é menor, mas permanece e intensifica o comércio de produtos variados como Cd's e Dvd's piratas, painéis usados, roupas e sapatos de procedência, ao que tudo indica, duvidosa.

<sup>77</sup> Tal fato foi constatado em observação no local em dias e horários variados.

<sup>78</sup> Entrevista em março de 2008.

Mesmo com o espaço revitalizado, para os moradores do bairro, a praça não é apropriada por eles. A praça de hoje já não permite esse encontro, o brincar das crianças ou o lugar pra tomar sorvete, como se referem alguns moradores, porque é um local de passagem e de trânsito pesado na cidade. A existência da passarela, da rodoviária e do metrô no local impossibilita esse uso por conta da rotatividade que conseqüentemente o torna perigoso. A frequência no local por moradores de rua ou vendedores ambulantes nem sempre define essa relação de lugar impraticável, pois em muitos espaços essas pessoas convivem sem maiores problemas com os habitantes do bairro. (Figura 35)<sup>79</sup>.



Figura 35: Atual Praça Vaz de Melo  
Fonte: Acervo da autora

Na Lagoinha atual, assim como na Lagoinha de outrora, encontra-se uma diversidade de manifestações religiosas convivendo no mesmo espaço. “*Aqui tem pra todos os gostos*”. (Antônio, 39 anos, servidor público)<sup>80</sup>. Igreja Cristã Ortodoxa, Protestante, Centro Espírita, de Umbanda e a católica Nossa Senhora da Conceição, que exerce maior influência e centralidade no bairro.

<sup>79</sup> Antiga Praça Vaz de Melo, ver Figura 01.

<sup>80</sup> Entrevista em 28/06/2008.

A Igreja Nossa Senhora da Conceição foi fundada pelos padres redentoristas, teve sua pedra fundamental lançada em 1914 e foi oficialmente inaugurada em 1923. Está localizada na Rua Além Paraíba, no encontro da Rua Adalberto Ferraz. A grande festa realizada no bairro é a de sua Padroeira de mesmo nome, comemorada no dia 8 de dezembro. A igreja concentra grande parte das atividades no bairro com eventos que vão desde um Bingo dançante, um almoço para arrecadar fundos para a festa da padroeira e a grande festa no dia 8 de dezembro. A Lagoinha é sempre lembrada como bairro boêmio e, no entanto, hoje sua maior característica, pode-se dizer, é a de religioso. Já era considerado religioso nos tempos de boemia quando era tido como um lugar das contradições – alguns jornais se referiam a ele como lugar da tradição e da transgressão. (Figuras 36, 37 e 38).



Figura 36: Festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição – 08 de dezembro de 2007 e 2008  
Fonte: Acervo da autora

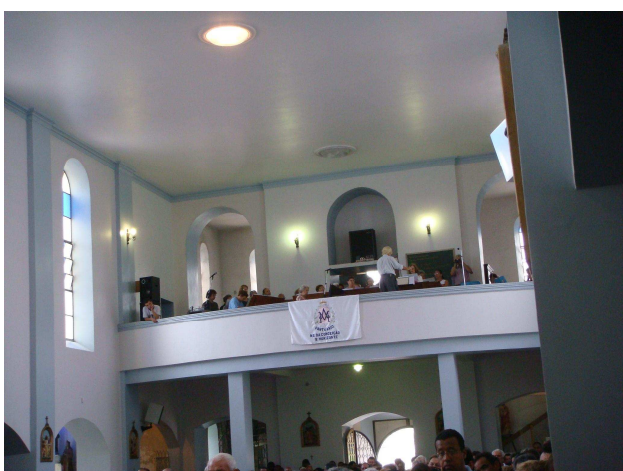


Figura 37: Coral da Igreja e Corporação Musical na Festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição – 08 de dezembro de 2007 e 2008  
Fonte: Acervo da autora



Figura 38: Coral da Igreja e procissão da Festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição – 08 de dezembro de 2008

Fonte: Acervo da autora

É tradição no bairro na ocasião da festa de sua padroeira a participação da Corporação Musical Nossa Senhora da Conceição. Interessante foi presenciar a banda tocando o hino nacional brasileiro em homenagem a Nossa Senhora, como honraria de autoridade conferida a santa. O bairro mantém as características de religiosidade realizando eventos ligados à igreja e se constituindo em um importante lugar de encontro e sociabilidade dos moradores, que congrega não apenas os moradores do bairro, mas de bairros limítrofes como Santo André, Bonfim, São Cristóvão.

Toda terça-feira a banda ensaia na residência de D. Terezinha, onde permanece um estúdio para os ensaios e guarda dos instrumentos musicais<sup>81</sup>. (Figura 39)



Figura 39: Local de ensaio da Corporação Musical Nossa Senhora da Conceição

Fonte: Acervo da autora

<sup>81</sup> Dona Terezinha é filha de Sr. Manoel, fundador da corporação que assumiu todas as atividades ligadas a ela.

Mesmo com essas atividades, os moradores entrevistados relatam que o bairro hoje tem poucos eventos e que antes era muito mais animado. O carnaval no bairro era animado, havia a comemoração da Semana Santa e festas do mês de junho, que hoje perderam força. Conforme relatos, quando muda o padre as atividades diminuem consideravelmente: o padre exerce grande influência sobre as atividades e atuação das pessoas na igreja. Especialmente no ano de 2008 muitas comemorações não foram realizadas em função da mudança de padre. (Figura 40).



Figura 40: Bingo e almoço no salão da Igreja setembro de 2007  
Fonte: Acervo da autora

Essa descrição do bairro nos possibilitou captar um pouco do seu cotidiano. Sabe-se que o bairro, além de abrigar uma população de baixa renda e de certa forma circulante – moradores de aluguel –, também mantém uma parcela de moradores tradicionais que nasceram, cresceram no bairro e construíram uma história de vida. É um bairro popular, tradicional, perigoso, carente por melhorias públicas e heterogêneo.

Quando solicitei aos moradores que relatassem os lugares por eles frequentados no bairro, em um primeiro momento foram unânimes em dizer que não existiam. Em seguida, a Igreja aparecia como o lugar possível de se frequentar no bairro, no presente e que, provavelmente no futuro, a igreja continuaria sendo o lugar no/do bairro. Se as relações que os indivíduos nutrem com os espaços habitados se expressam cotidianamente nos modos do uso, nas condições mais corriqueiras, no secundário, no acidental, é o espaço passível de se tornar afetivo, pensado, apropriado.

De fato, a Igreja é o lugar onde todos afirmavam se apropriar no cotidiano. É o lugar da permanência, da acolhida, longe da imensidão de pessoas e do movimento que o bairro tem assumido. Quando um indivíduo desce na rodoviária sem destino e vê a Lagoinha, a Igreja imediatamente se transforma em porto seguro<sup>82</sup>. Entretanto, à medida que me propus a conhecer as pessoas e participar desse dia-a-dia, os lugares foram surgindo aos poucos. Cada lugar assumia sua forma, movimentos e significados diferentes, porque cada grupo demarca o seu lugar no bairro. A mercearia, o bar próximo à Vila Senhor dos Passos, os “botequins”, o comércio. É clara a percepção de que cada um desses locais é apropriado por uma parcela dos moradores com determinado poder aquisitivo, embora seja um bairro basicamente de população de baixa renda.

A Lagoinha descrita pela mídia e cronistas não existe mais. Quando o bairro é revisitado via lembrança na pessoa de seus moradores, nos deparamos com uma forte ligação afetiva com os lugares do passado, já demolidos, em contraposição ao presente. Se pensarmos nessa relação com a memória, os “lugares” de hoje realmente deixarão de existir. A memória traz de volta o bairro dos espaços memoráveis, da vida cultural intensa, da Praça Vaz de Melo, da boemia, da prostituição, do comércio, das feiras, do carnaval. O capítulo a seguir trará exatamente essas representações do passado do bairro na voz de seus moradores.

---

<sup>82</sup> Tal constatação foi possível a partir das entrevistas com os moradores e com observação no local em dias e horários diferentes.

## 4 REPRESENTAÇÕES DO PASSADO NA VOZ DOS MORADORES

Somente palavras que andam, passando de boca em boca, lendas e cantos, no âmbito de um país mantêm o povo vivo.  
(CERTEAU, 1994, p. 221).

O que dizem as pessoas sobre sua cidade? Sobre seu bairro, sua rua? Cada geração tem de sua cidade a memória de acontecimentos que são colocados como a união da história de cada um e a memória do grupo no qual se está inserido. Assim como a cidade, os bairros possuem sua infância, juventude e velhice. (BOSI, 2003). A história contada e recontada possibilita acompanhar as transformações urbanas puxadas pelo fio da memória.

A memória está imbuída de vastidão de possibilidades, que a tornam infinitamente rica em suas manifestações. É um instrumento valioso para a construção de narrativas, que registram modos de frequentar o mundo, fazendo a trama da vida existir como drama ou comédia. (GROSSI *apud* DELGADO, 2006, p. 59).

As concepções de memória são muitas. Não se trata apenas de uma simples ação de recordar. A memória revela a base da existência, fazendo com que a vivência se incorpore ao presente, proporcionando-lhe significado e permitindo que tenhamos raízes.

A memória dos moradores traz de volta um bairro cheio de contradições. Sua vida cultural foi intensa tanto pela boemia como é retratada pela mídia quanto por seus lugares famosos, carnavais, religiosidade, festas de rua e cinemas. Diante dessa Lagoinha degradada, como salientou Antônio, morador há 39 anos, corroborando o que vem sendo dito sobre o bairro, o que ela foi e o que ela representa para os seus moradores?

Este capítulo tem por objetivo captar as representações da memória na voz de seus moradores a fim de conhecer o universo simbólico dos mesmos sobre o bairro.

### 4.1 Discutindo memória e identidade

O processo de construção de identidades e memória torna-se possível à medida que o sujeito está em interação com o outro, seja numa relação contextual histórica ou por motivações e significados de suas ações em uma dada temporalidade. O indivíduo se forma

dentro da sociedade<sup>83</sup> e a sociedade se molda por meio dele. A busca incessante pelo porvir nos move e nos encanta. Nos dizeres de Sartre, referenciado por Santos (2002), o homem é sempre projeto, no sentido de estar em constante reinvenção e em busca incessante por superação, poder e satisfação de seus desejos, sejam eles pessoais ou coletivos. E nesse cenário se constroem a identidade e a memória dos cidadãos em comunhão com o espaço.

Não só os acontecimentos, mas também os sujeitos envolvidos e os lugares onde eles se dão podem ser revisitados via lembrança, seja ela pessoal ou ligada a grupos. A memória enquanto construção de identidade se alimenta na fonte do passado. (PINTO, 1998; D'ALÉSSIO, 1998). Hobsbawn e Ranger (1997) entendem a memória como 'invenção das tradições'. Mesmo apresentando uma característica de continuidade e repetição, a tradição não é imutável e estática. Adaptações em antigas estruturas podem ocorrer à medida que as sociedades (ou grupos fechados) percebem sua necessidade. Tradições extremamente rígidas talvez corram o risco de uma possível fragmentação ou até mesmo de esquecimento, ao passo que as "ressignificações" podem incorrer em novas possibilidades de fortalecimento. Muitas tradições consideradas autênticas foram criadas e modificadas recentemente, despertadas por razões ideológicas diversas.

Por "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. [...] o objetivo e a característica das 'tradições', inclusive as inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. (HOBSBAWN; RANGER, 1997 p. 9-10).

Essa tradição está atrelada a um exercício consciente de valorização e significação de acontecimentos sociais e nem sempre está relacionada a um passado longínquo, mas se constitui pela atribuição de significados. Em vista disso, torna-se pertinente a analogia entre a memória enquanto construção de identidade e a invenção das tradições. A ideia é a de que a tradição estabelece um elo entre o passado e o futuro, aproximando-os por meio da repetição de hábitos e pensamentos traduzidos na experiência do cotidiano. Segundo Giddens (1991), a tradição é uma forma de lidar com o tempo e o espaço dentro de uma noção de passado, presente e futuro, tendo de ser (re)inventada a cada geração, de acordo com o legado cultural de seus ascendentes.

---

<sup>83</sup> Para Elias (1994), a sociedade se constitui na pluralidade das pessoas e tudo o que não se destina a justificá-la ou o indivíduo como "mais importante" ou o "objetivo mais alto" é algo sobre o que não vale a pena refletir.

A ação da memória traz em seu arcabouço certa ambiguidade porque o esquecimento possibilita ao indivíduo selecionar o seu passado e excluir tantos elementos se assim desejar. Esquecer e lembrar são também selecionar. A memória também implica seleção e escolha, especialmente a memória coletiva. No caso, a memória do bairro Lagoinha veiculada por escritores que têm acesso a mecanismos de imposição dessa, a mídia impressa, e que de certa forma se fazem ouvir e são sujeitos detentores do poder simbólico não é uma leitura da realidade em que o bairro se encontra, mas de certa forma contribui para a permanência e o fortalecimento dessa memória construída, e que está arraigado em vivências e experiências que fizeram parte da história do bairro e conseqüentemente da cidade.

A memória coletiva inscreve-se em memória social; é ao mesmo tempo espontânea e anônima. Mesmo correndo o risco de acabar, acredita-se na continuidade do tempo social que se abre para ressignificações. (CATROGA, 2001; HALBWACHS, 1990). A memória atua nos processos de construção de identidades enquanto experiências vividas. Identidade é jeito de ser, de valores e de códigos nos quais as pessoas se reconhecem e desenvolvem um sentimento de pertença.

Novos tempos, novas memórias se edificam ao longo do tempo. Da mesma forma são os “lugares de memória”. (NORA, 1993; HUYSSSEN, 2000). Para Nora (1993), os lugares de memória – esses lugares não necessariamente são lugares físicos que se referem a locais eleitos para representar o desejo de retomar a ritos que determinam os grupos e suas formas de autorreconhecimento ou diferença que, com o passar do tempo, são atribuídos com novos significados. E a Praça Vaz de Melo assume esse papel de *lugar da memória* no imaginário dos moradores e dos belorizontinos. Muitas pessoas, mesmo que não tenham vivido e sequer conheçam quem experienciou a vida no bairro, certamente dele já ouviu falar, seja em jornais, livros, músicas ou vídeo.

D’Aléssio (1998) nos diz que a busca pelo espaço remete a uma busca de identidades e que esse mesmo espaço localiza o tempo, fazendo com que o indivíduo se reconheça no tempo e no espaço. Se ele busca o espaço, conseqüentemente busca sua identidade. A procura pelo espaço possibilita-nos encontrar traços pessoais possivelmente adormecidos pela ação do tempo e da mobilidade dos lugares. Tal mobilidade provocará mudanças em nós mesmos. Dito de outra forma, Giddens (1991) nos fala da noção de *deslocamento* por ele denominado desencaixe: refere-se ao *deslocamento* das relações sociais para novos contextos locais de interação e a dinâmica de sua reestruturação é indefinida em relação ao tempo e espaço, ou seja, são as novas práticas sociais que se organizam sem as referências espaciais a que estão habituados. “... *A estabilidade do alojamento e de seu aspecto interior impõe ao próprio*

*grupo a imagem apaziguante de sua continuidade...”. (HALBWACHS, 1990, p. 132). À medida que nos colocamos em contato novamente com o espaço que nos é familiar, nos reportamos à nossa identidade. A identidade, nesse sentido, se configura como autorreconhecimento.*

Nesse sentido, desloco o olhar para o objeto de investigação a que esta pesquisa se propôs. Numa situação hipotética, temos dois indivíduos habitando o mesmo espaço: o bairro Lagoinha. No exercício de rememorar o espaço da Praça Vaz de Melo, onde a boemia se instaurou, um determinado sujeito se reconhece e atribui a ele significados; portanto, esse espaço carrega traços identitários para esse indivíduo. Não só a boemia se instaurou na Praça, mas ela representou um importante lugar de comércio, de trabalho e espaço de sociabilidade no bairro. Cada morador atribuirá a ela um significado diferente, seja ele para a sociabilidade, ou para atender às necessidades de comércio, diversão, trabalho.

Já o outro não se reconhece ali. Para ele, o espaço de autorreconhecimento passa pelo Cine Paissandu ou a Feira dos Produtores, espaço memorável para uma outra parcela dessa sociedade. É preciso estar atentos à dicotomia presente: o que cada um desses indivíduos vai querer relembrar e não rememorar? A Lagoinha da boemia se faz presente na memória de quem a viveu, a percorreu, e viveu no bairro mas, para muitos, ela ficou para trás e não deixou saudades. Por outro lado, pode significar uma marca de representação que mantenha viva sua memória em face das transformações contemporâneas que vem sofrendo<sup>84</sup>.

A memória reside no campo das experiências vividas quando é carregada de significados e, como conceito, está vinculada a várias concepções. Na modernidade existe uma linearidade construída entre o tempo passado, o presente e o futuro. Para Maurice Halbwachs, os traços de personalidade se formam dentro dos “quadros sociais de memória” de apropriação e releituras. A memória deve ser compreendida como um fenômeno coletivo e social – nesse sentido o autor se identifica com o pensamento durkheimiano –, sobretudo, passível de transformações constantes. “... *Não é o indivíduo isolado, é o indivíduo como membro do grupo, é o próprio grupo que, dessa maneira, permanece submetido à influência da natureza material e participa de seu equilíbrio...*”. (HALBWACHS, 1990, p. 133).

A memória individual e coletiva se funde e se desmancha na mesma proporção, engendrando quadros referenciais ligados ao espaço e ao tempo. A memória coletiva evoca os

---

<sup>84</sup> O Cine Paissandu (no local hoje está o Senai, na Av. Antônio Carlos) não existe mais, assim como a Praça (Vaz de Melo) boêmia também não. Portanto, se fazem espaços de rememoração no imaginário das pessoas (Figura 41). O cine, espaço identitário para famílias tradicionais do bairro, e a praça, da boemia. Importante ressaltar que isso não significa que o Cine Paissandu tenha sido frequentado só por famílias e da mesma forma a praça por boêmios.

outros, o todo, mesmo porque não vivemos sós. Mesmo em se tratando de acontecimentos passados nos quais estivemos envolvidos, o outro sempre nos fará lembrar. A memória só alcança o outro via narrativa, e só tem sua função de memória quando exposta ao outro. Um grupo, mesmo que disperso em seu espaço material, conservará sua lembrança coletiva. Experiências vividas se convertem em memória se quem rememora se sente afetivamente ligado à coletividade à qual pertenceu. O material se torna matéria-prima da memória. As imagens-lembranças ativadas pela percepção podem até ser desencadeadas pela matéria, mas diz respeito ao espírito. (BERGSON, 1990). A imagem é o material e a percepção é a subjetividade em contato com o objeto. Halbwachs (1990) sublinha ainda que memória e história não se confundem: a história inicia onde termina a memória social, ou seja, quando não há mais memória, há a necessidade de registrá-la por meio de narrativas, de história.

Nora (1993) dialoga com Halbwachs (1990) quando diferencia memória e história. Para ele, a memória é continuidade vivida pelo grupo enraizada no espaço, no gesto, nas imagens e no objeto, portanto, ela é suscetível a transformações ao longo do tempo, sobretudo com a dinâmica da contemporaneidade que a coloca muitas vezes em posição de uma mercadoria na vitrine. O sentido de mercadoria aqui colocado é dado pelo significado que Nora (1993) atribui à história, como “os lugares de memória”. A história, nesse sentido, é a reconstrução do que não existe mais. É o que ainda restou do plano do vivido, das tradições e costumes de um povo. A história é, portanto, uma “representação do passado” e não sua vivência. O autor se refere aos locais de memória com ressentimento pelo fato de termos a necessidade desses lugares para rememorar.

A memória histórica possui uma dimensão transmissível e subjetiva, embora cada indivíduo se perceba em comunhão com os outros. A memória coletiva eterniza-se em memória social. Mesmo correndo o risco de terminar, há uma possibilidade de persistência do tempo social que vislumbra novas memórias. (CATROGA, 2001).

De acordo com Delgado (2006), a partir da memória se insere no indivíduo uma sucessão de processos identitários. A memória extrapola a existência no campo individual e permite ao indivíduo experienciar e dimensionar seus significados. A memória traduz sentimentos do passado, vivências em família, experiências em que se entrecruzam múltiplos tempos, coletivos e individuais, e está intimamente ligada ao espaço e ao tempo. “*A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos*”. (BOSI, 1994, p. 90). A memória transmitida de geração a geração constrói culturas, tradições, tem multiplicidade e uma

diversidade de fios de diferentes meadas. Ela não se perde, mas também não é estática e produz uma dinâmica peculiar de (re)significação ao longo do tempo.

Na busca incessante pela memória de tempos e acontecimentos passados, tenta-se estabelecer um novo elo com o passado supostamente esquecido, como se fosse uma vontade de *recordação total*. Não restam dúvidas quanto à *musealização* do mundo; de certa forma somos responsáveis por esse processo devido a um desejo de recordação total ou a emergência de um *boom* de memórias. (NORA, 1993). Há uma vertiginosa busca pelo passado em um cotidiano individual marcado pelo surgimento de vários suportes para a memória que vão além da produção editorial e imagética, chegando até mesmo à internet, por meio dos blogs, vlogs, entre outros, que possibilitam o compartilhamento de memórias por qualquer pessoa, em qualquer meio. Percebe-se uma extensa reelaboração da memória pela sociedade, o que implica uma dinâmica e complexa relação entre lembrança e esquecimento. “*A memória se tornou uma obsessão cultural de proporções monumentais em todos os pontos do planeta*”. (HUYSSSEN, 2000, p. 16).

Em um exercício constante de interação com o espaço e o outro, construímos nossas redes de relacionamentos e laços de solidariedade e afetividade no grupo, em uma relação de vizinhança. As relações engendradas no cotidiano participam da construção de identidades do mesmo modo que da memória. Para tanto, partiremos para uma discussão sobre a identidade que, embora esteja intrinsecamente ligada à memória, faz-se merecedora de considerações.

Partindo especificamente para um estudo conceitual sobre o termo identidade e sua trajetória, Roberto Cardoso de Oliveira discute a identidade como um termo polissêmico por natureza, mas afirma que “*a noção de identidade pressupõe permanência e continuidade*”. (OLIVEIRA, 2006, p. 27). O autor diz ainda que a identidade possui um caráter autônomo em relação à cultura, mas não descarta seu reconhecimento, sobretudo pensando no sentido simbólico, tal como a “*teia de significados*” para Geertz (1999). No entanto, a dimensão da identidade étnica tomada em uma relação com a cultura trará questões críticas nas dimensões individuais e coletivas, sobretudo no que tange às chamadas políticas de reconhecimento, o respeito pela identidade de cada indivíduo.

Os sujeitos têm sua identidade construída a partir das relações com o outro. Os traços identitários tendem à continuidade, manutenção ou a re-construção considerando as (re)significações de acordo com a dinâmica imposta pela era moderna na qual vivemos.

Para Woodward (2000), a identidade está intimamente ligada à diferença. A minha identidade é o que difere do outro. Ela é dividida em dois grupos opostos, Nós e Eles. Tanto no estudo de Woodward (2000) sobre sérvios e croatas quanto no estudo de Elias e Scotson

(2000) sobre os cidadãos da zona 2 e 3 da cidade de Winston Parva, chega-se à conclusão de que a identidade se manifesta pela diferença. No caso do estudo de Woodward, os croatas se julgam melhores que os sérvios, mas ambos se veem na mesma situação de sobreviventes de um país assolado pela guerra, a antiga Iugoslávia, embora social e simbolicamente se pensem em posições diferentes em relação ao outro. Da mesma forma nos referimos aos moradores de Winston Parva. Os cidadãos da zona 2 se pensam em posição superior aos vizinhos da zona 3. Interessante observar que essa comunidade comunga dos mesmos níveis sócio-econômico-culturais, ou seja, trata-se de vila operária em que todos vivem basicamente da mesma atividade. Uma “pequena minoria” detém um pouco mais de recurso financeiro e há uma minoria que possui uma situação mais crítica em termos sociais; no entanto ambas se colocam em posição de conflito. Parece-nos contraditório, mas a relação entre ambas pode se mostrar menos conflituosa porque a comunidade da zona 3, de certa forma, parece ter introjetado o estigma de área inferior imposta pelo grupo opositor, o da zona 2. Para essa última, o tempo de moradia no lugar é fator de coesão social pela tradição e modos de vida ao longo do tempo, ao passo que a primeira é nova no bairro e não comunga das mesmas normas e condutas impostas pela outra comunidade. Desse modo, a representação e os sistemas simbólicos exercem certo poder na relação de identidade grupal<sup>85</sup>.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido a nossa experiência e àquilo que somos... a representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (WOODWARD, 2000, p. 17).

Os indivíduos, na contemporaneidade, podem se identificar com inúmeras representações. A identidade nos é declarada como algo a ser inventado e para isso necessitamos de referências, sejam elas de família ou do grupo do qual fazemos parte. Até mesmo a situação do habitante da cidade vagando por suas ruas – atitude *blasé* – pode ser considerada um traço identitário de determinados grupos citadinos. (SIMMEL, 1987)

Conforme Boaventura Santos, citado por Delgado (2006), podemos nos identificar com múltiplas identidades em momentos distintos devido à pluralidade de significados e

---

<sup>85</sup> O termo zona 2 e 3 está colocado no livro de Norbert Elias, “Os estabelecidos e os outsiders” para se referir a uma divisão de bairros em uma mesma localidade.

representações que nos são apresentadas. As identidades culturais estão sempre em curso, são dinâmicas e obstinadas pela diferença. O sujeito contemporâneo torna-se fragmentado e suscetível aos efeitos da globalização.

As inúmeras transformações e descobertas pelas quais vem passando o indivíduo na contemporaneidade dão lugar, aqui, aos “hibridismos culturais”, isto é, aos multiculturalismos, a união entre diversas tradições culturais. (HALL, 1999; CANCLINI, 1999). Com a compressão do tempo e espaço as distâncias encurtaram, e com ela a permanência das coisas torna-se efêmera. (HARVEY, 1989). A aceleração temporal contemporânea impôs várias mudanças no comportamento dos cidadãos dos séculos XX e XXI, sobretudo no que diz respeito a identidade e cultura. São transformados hábitos de consumo, educação, comportamento, e as relações sociais têm sua estrutura abalada diante dessas transformações contemporâneas. A busca agora é por uma reconstrução/recriação/reinvenção identitária.

A cidade, nesse contexto, atua como multiplicadora do encontro entre culturas distintas, promovendo ressignificações. A cidade é o espaço do encontro entre essas diferentes culturas e produções simbólicas desde sempre, e na contemporaneidade também teve sua transformação e faz-se lugar compartilhado por todos para a promoção desse encontro e de espaço de convivência e convergência das diferenças. Portanto, a identidade “*tanto individual quanto coletiva é então múltipla, inacabada, instável, sempre experimentada mais como uma busca que como um fato*”. (AGIER, 2001, p. 3).

A identidade, por sua vez, possui em seu cerne a interconexão entre indivíduo e sociedade, tornando-os interdependentes. O homem pensa por meio de categorias produzidas pela vida social e não como ser isolado e é por meio das relações em sociedade, na coletividade, que a identidade social é construída. (OLIVEIRA, 1976). A identidade constitui-se como fonte de significados e experiências partilhadas de um povo. Os significados são resultantes do processo de construção dos atores sociais fundados em um conjunto de particularidades culturais inter-relacionadas, podendo o indivíduo assumir múltiplas identidades ao longo do tempo. No campo sociológico, toda identidade é construída. (CASTELLS, 2001; ELIAS; SCOTSON, 2000).

Diante das questões teóricas a respeito de memória e identidade, quais são as representações da memória na voz dos moradores do bairro? Como os moradores lidam com a memória do bairro em diálogo com o que tem representado? A seção subsequente tem como objetivo discorrer sobre as representações do passado na voz dos moradores.

## 4.2 Memórias, impressões e percepções: a voz de dentro

*Ontem eu disse adeus à Lagoinha*  
*Hoje eu digo bom-dia metrô*  
*Mas tudo isso porque só agora que o progresso ali chegou*  
*Minha Praça Vaz de Mello*  
*A nossa Praça de tradição*  
*Naquela famosa Praça que só ficou recordação*  
*Me lembro de Joel Honorato*  
*Que era um compositor de fato*  
*E de Athaíde Machado*  
*Que já foram pro lado de lá*  
*O famoso Rômulo Paes*  
*Os famosos autores de Minas Gerais*  
 (HORTA *apud* SILVEIRA, 2005).<sup>86</sup>

O samba em epígrafe, resposta a *Adeus Lagoinha* – letra da epígrafe do segundo capítulo – e em despedida da boemia, composto por Lagoinha, retrata o saudosismo em relação à Praça Vaz de Melo, que foi cenário privilegiado da boemia no bairro por reunir pessoas de todas as roupagens culturais e sociais.

A impressão que fica é a de que o bairro Lagoinha pode ser traduzido entre o *antes* e o *agora* retratado, partindo de dois momentos distintos, fazendo lembrar Pina Cabral. (CABRAL *apud* MENEZES, 2004, p.221). O primeiro está relacionado com a característica de bairro tradicional, da prostituição, da vida cultural intensa, da boemia e da Praça Vaz de Melo como locus privilegiado da sociabilidade em todas as suas dimensões, o antigamente. O outro momento surge com a demolição da praça e a construção dos viadutos em substituição à mesma – e extinção da boemia – como consequência do crescimento da cidade. Portanto, procuramos mostrar algumas referências sociais, culturais, simbólicas e urbanas que estão na base das representações da memória sobre o bairro. Ressalta-se que serão privilegiados fragmentos de relatos e percepções que nos pareceram mais significativos e tomados como representativos do restante das evidências coletadas.

A intenção não é a de uma percepção de tempo linear, pois se sabe que a memória é descontínua e fragmentada em fatos e episódios isolados ao longo do tempo, como nos diz Velho (1994). Tais momentos implicam em períodos históricos diferenciados no que diz respeito a acontecimentos políticos, urbanos, culturais e socioeconômicos, e as pessoas parecem ter consciência disso ao evidenciar tais momentos. No entanto, o que está em jogo

---

<sup>86</sup> Letra de música de Milton Rodrigues Horta, o Lagoinha, 1980, extraída de Silveira (2005).

são as impressões que tais ações deixaram no bairro e em seus personagens, e isso marcou a visão que o morador tem da Lagoinha.

Os relatos de moradores deram um tom especial à paisagem do bairro. O tom ora tendia ao colorido da vida no passado, ora ao cinza dos acontecimentos que o colocaram em posição desfavorável no espaço urbano por conta das obras viárias que o descaracterizaram. O sentido de bairro na memória dos moradores ganha relevo na ambiguidade de uma memória afetiva com o passado ao mesmo tempo marcante por sua história, sem deixar de ser problemático, mas visto de forma positiva. E se mostram decepcionados ou frustrados ao vê-lo em completa degradação.

Uma característica dos moradores entrevistados e que pode se estender aos demais é a de que seus familiares, quando chegaram à cidade, foram diretamente para a Lagoinha, ou, se não o fizeram imediatamente, tiveram influência de amigos ou parentes e ali acabaram por se estabelecer. Lá constituíram família e criaram seus filhos até a idade adulta. Alguns vieram do interior de Minas, outros da Itália ou de outros estados brasileiros. Mesmo com a saída de famílias tradicionais e com os filhos desses moradores não residindo no bairro, alguns permanecem nele pelo vínculo afetivo.

A trajetória de vida dos entrevistados no bairro vem desde os avós. Alguns começaram com a vinda desses para o bairro, outros com os pais. Alguns moradores na faixa etária de 40 e 50 anos permanecem. Os mais jovens, como Bruno de 20 anos, nasceram no bairro, mas seus pais não tiveram uma história de vida na Lagoinha. Contudo, a saída da maioria das famílias do bairro se deve às transformações que ele vem sofrendo, sobretudo pela violência e isolamento. Para a violência – também uma tendência global – contribuem a presença do tráfico nas favelas, pobreza e a vulnerabilidade dela decorrente. O isolamento, por sua vez, pode ser justificado pela violência como também pelo distanciamento que as obras viárias promovem.

A memória traz de volta uma Lagoinha no passado cheio de contradições e ambiguidades. Tranquilo de se viver e agitado por conta da boemia e da prostituição. Animado no carnaval, nas festas da igreja e dos lugares bem frequentados em contraposição aos locais ditos como boêmios. Bairro de gente pobre, mas também de gente rica, chique e importante. Religiosidade, trabalho e famílias tradicionais que lá se estabeleceram acompanhando o crescimento da cidade. O bairro dos times de futebol, dos cinemas que colocavam a Lagoinha em posição favorável em relação ao centro da cidade, com a exibição de filmes atuais. Belo, ao contrário do que ele vem se configurando ao longo do tempo, cinzento, carrancudo, mas de gente que vale a pena. *“Eu achava que o bairro era cinzento,*

*sisudo, carrancudo... me encantei pelo bairro por causa das pessoas, da história das pessoas... aqui você tem que ter mais cuidado que em outros lugares, mas é bom". (Elaine, 42 anos, dona de casa)<sup>87</sup>.*

O sentido que a moradora atribui às pessoas do bairro, mesmo sendo um lugar complexo de se viver, revela um sentido humanizado em relação ao bairro que é considerado abandonado, feio, degradado e perigoso. Isso nos faz lembrar Bosi (2003), ao dizer que, quando a fisionomia do bairro alcança, graças ao trabalho incomensurável dos moradores, um contorno humano, ele se valoriza. O bairro não despertou o interesse do mercado imobiliário com suas construções voluptuosas e caras, nem atraiu as políticas de revitalização tal como temos visto em outros bairros da cidade de Belo Horizonte, mas, ao contrário, tem sido abandonado pelo poder público no que diz respeito a melhorias concretas que beneficiem os seus próprios moradores e tem sido alvo de obras e mais obras para o trânsito.

Os fragmentos dos relatos abaixo revelam o colorido e a tranquilidade do bairro antigamente em contraposição à feiúra de agora. A moradora se refere à beleza do bairro antigamente e, como nos diz Jeudy (2005), a beleza é subjetiva e pode ser encontrada até mesmo na feiúra da cidade ou do bairro de acordo com os significados e vínculos atribuídos a esse lugar.

Meu avô fazia essas charrete chique, antigamente andava de charrete... a casa dele era ali na Diamantina... até não esqueço... o número era quarenta e dois... e minhas tias também andavam muito bonitas elegantes mesmo sabe. Engraçado... todo mundo gosta desse bairro...é feio...é...mas não era feio...era chique.(...) Deixa eu te contar... essa Lagoinha era famosa pela beleza... pelas pessoas... pelo bairro... pela elegância... tinha um clube bonito aí na esquina... na Adalberto Ferraz com Antônio Carlos... era um bairro chique, tinha famílias importantes. (Maria Alice, 80 anos, dona de casa e integrante do coral da igreja)<sup>88</sup>.

A efervescência do bairro na época imprime na memória das pessoas o desejo por aquilo que já foi um dia como uma fotografia de cidade de cartão postal como nos diz Calvino (1990).

Nasci na Lagoinha no dia 01 de outubro de 1968, na maternidade Ernesto Gazzola ali na Rua Além Paraíba... sempre vivi aqui na Lagoinha... o primeiro ar que entrou em meus pulmões foi o da Lagoinha em plena efervescência final da década de 60 ali... então por isso que eu gosto do bairro... apesar que hoje não existe mais nada né... [...] A Lagoinha era um lugar tranquilo de se viver. (Antônio, 39 anos, servidor público, entrevista em 28/06/2008).

---

<sup>87</sup> Entrevista em agosto de 2008.

<sup>88</sup> Entrevista em março de 2008.

A fama, ou melhor, a má fama do bairro para a moradora foi em função do grande número de “botequins” e da prostituição que tinha como foco a Rua Paquequer. *Era a rua marcada, a zona mais castigada*, mas não a incomodava porque considerava as “mulheres” umas pobres coitadas que tinham a vida difícil e castigada pela situação em que viviam. *Ah... eu acho aqui bom... nasci aqui fui criada aqui não tem queixa nenhuma não... a gente é que faz o bairro né.* (Terezinha, 80 anos, dona de casa e musicista)<sup>89</sup>.

O relato da moradora revela que antigamente, no bairro, havia muito botequim, casa de prostituição. *O povo bebia mesmo mas num matava ninguém(...) era um povo feliz...você não via tanta desgraça que você vê hoje não... Nossa Senhora... hoje em dia o povo mata os outros à toa... Era só aquela convivência... Aqui tem essa fama mas é todo mundo gente boa*”. (Terezinha, 80 anos, dona de casa e musicista)<sup>90</sup>.

Nesse sentido, a boemia e a prostituição parecem não ser mais um mal social que incomodava às famílias no bairro. O mesmo indivíduo que discriminava e não aceitava a condição do bairro, hoje, já não vê mais com os olhos do passado. Hoje as pessoas conseguem relativizar isso em função das mudanças ocorridas ao longo do tempo. A violência tomou proporções absurdas e as pessoas não convivem mais harmoniosamente como antes, o modo de se relacionar e estar no mundo ficou ainda mais complexo.

... porque tinha um botequim ali de um tal Dulcídio...de uma família ali... mas o pessoal trabalhava na Imprensa Oficial mas de tarde eles iam beber lá mas não faziam algazarra não...sabe como é que é?... que o comércio naquele tempo fechava às cinco e meia... então eles iam beber[...] ...mas era um ambiente bom todo mundo amigo. (Terezinha, 80 anos, dona de casa e musicista)<sup>91</sup>.

A respeito da prostituição no bairro, antigamente, a moradora diz que as casas de tolerância se localizavam na beira da linha do trem e que as famílias não queriam morar nesses lugares. Todos sabiam quem eram as prostitutas do bairro porque era tudo bem separado.

... Família nenhuma quer morar na beira de linha... então tinha aquelas casas ali... de prostituição mesmo. Mas tinha separação...elas passavam a gente sabia que tendo o modo de vestir e tudo a gente sabia [...] Mas eram umas pobres coitadas ... problema não... o povo eram mais pra lá ou pra cá... e ficava parecendo que não tinha nada,

---

<sup>89</sup> Entrevista em 30/04/2008.

<sup>90</sup> Entrevista em 30/04/2008.

<sup>91</sup> Entrevista em 30/04/2008.

hoje em dia que é pior... você ainda pega uma pessoa e num sabe nem o que a pessoa é... hoje em dia tá difícil. (Terezinha, 80 anos, dona de casa e musicista)<sup>92</sup>.

Por conta dessa má fama a moradora supracitada assinala que os moradores das imediações da Rua Diamantina falavam e falam que pertencem ao bairro Colégio Batista: “o povo mesmo é que divide essas coisas... ninguém fala que mora na Lagoinha não... mora no alto Colégio Batista...(risos)... a Lagoinha tá sempre assim...coitada...sofrendo”.

O relato abaixo traz os locais e as ruas da prostituição no bairro de antigamente. Mesmo que não exista prostituição como antes, na Lagoinha ficou o estigma de área de meretrício, que ao mesmo tempo reforça um pouco o não pertencer dos moradores da Rua Diamantina.

É, instalou na Paquequer por volta dos anos 60 aí começou lá embaixo na Paquequer, aí veio subindo a Bonfim até a altura aqui da rua do Serro mais ou menos. Depois pegou a Rua Jaguarão, Rua Gama, Rua São Salvador (...) Foi ruim, isso marca o bairro, até hoje ficou aquela imagem da zona que não tem mais nada. Você pode ver, a Paquequer acabou, do lado de lá virou peixaria, do outro lado uma praça. Então aquelas casas velhas sumiu tudo, acabou tudo. Aquilo você não vê mais. Você pegando a Rua Mauá (hoje N. Sra. de Fátima) do lado de cima ali aonde é que tem um posto desativado até a rua Peçanha... aquilo era tudo terreno do Luciano. Então era cheio de casa que ele punha essas mulher... encheu aquilo ali de mulher de programa e aquilo as mulher foi ficando velha... as mulher entrou lá com dezoito e no final tava com sessenta anos. Então hoje lá virou o que... ferro velho...já virou posto de gasolina...então foi virando comércio...mas até hoje tem isso...eu já tive amigas que morava por exemplo na Rua Abaeté...moças...tiveram que vender a casa porque arrumava um namorado.... “onde é que você mora? moro na Abaeté... Mas você mora na Abaeté?”. Então elas venderam por causa disso...porque quem não imagina.... tem aquela imagem antiga... há trinta anos atrás era o quê? Era zona mesmo, mas hoje não tem nada... então o cara tem preconceito... “ah fulano mora na zona” aqui de zona não tem nada. Aquilo durou até mais ou menos setenta e cinco setenta e sete. (Sérgio, 52 anos, comerciante)<sup>93</sup>.

Na perspectiva desse morador a prostituição foi levada para o bairro. Eram sempre pessoas que vinham para o bairro com a intenção de se instalar nas casas de prostituição. As famílias que lá residiam eram tradicionais. Hoje não existe prostituição como antes, mas a marca permanece.

O relato abaixo demonstra que na Lagoinha tudo funcionava na ilegalidade. As casas de prostituição e motéis no bairro funcionavam na clandestinidade porque a área era estritamente residencial.

<sup>92</sup> Entrevista em 30/04/2008.

<sup>93</sup> Entrevista em 13/05/2008.

Eu mesmo montei como se diz o melhor com hidromassagem...com tudo que você possa imaginar... mas eu errei porque não consultei a prefeitura antes. Na hora que eu fiz o negócio, que tava pronto pra abrir me negaram o alvará. Aí eu expliquei... “ó mas aqui é... a minha direita tem um... à minha esquerda tem um...na minha frente tem dois e nos fundos tem outro, com é que... só eu no meio que não posso?”...aí a alegação foi que todos estavam funcionando irregularmente....sem o alvará...ali era zona estritamente residencial...que eu poderia abrir... mas quer dizer se chegasse um fiscal... iria me multar. (Sérgio, 52 anos, comerciante)<sup>94</sup>.

Na época em que existia boemia na Lagoinha as fronteiras eram claras e os conflitos sempre presentes, sobretudo o compartilhar do espaço da rua. A praça era um espaço visivelmente delimitado para quem não era de “família”. O relato da moradora Maria P., mostra que no bairro as relações eram tensas até mesmo no caminhar pelas ruas do bairro. Ela relata que a Rua Paquequer era uma rua “quente”, era o reduto das prostitutas e local de passagem obrigatória para acesso à Avenida Pedro II: “*Ali tinha-se que passar com muito cuidado porque se você insistisse você apanhava [...] elas diziam “olha tá tomando o meu espaço... aqui não tem lugar pra você não, viu....”*”<sup>95</sup>. Apesar disso, ressalta Dona Terezinha, outra entrevistada, as famílias eram respeitadas por essas pessoas.

O lado direito de quem descia a Além Paraíba era o lugar das famílias do bairro, das moças que passavam para estudar, para fazer compras, para trabalhar, era o lado elitizado vamos dizer assim... já o lado esquerdo era o meretrício, das mulheres que frequentavam os restaurantes do lado esquerdo, tudo de mais perigoso era do lado esquerdo, então todo mundo que morava por aqui evitava o lado esquerdo da praça da Lagoinha. Lado esquerdo tendo como referência centro – bairro. (LIMA, 2008)<sup>96</sup>.

A memória é frequentemente evocada em comunhão com os espaços de convívio daquela época. Os moradores relatam que o bairro teve uma vida cultural intensa. A diversão no bairro eram a festa religiosa e as barraquinhas de rua; os blocos carnavalescos, como o Leão da Lagoinha, que originou a Banda Mole; as visitas à Feira de Amostras; as sessões de cinema no Paissandu, no São Geraldo, no São Cristóvão e no Lafaiete não deixavam a desejar em relação ao centro de Belo Horizonte: os filmes que eram exibidos no centro eram vistos no bairro. Além das sessões de cinema, no Paissandu aconteciam as festas de formatura do Grupo Silviano Brandão na época. (Figuras 41e 42).

<sup>94</sup> Entrevista em 13/05/2008.

<sup>95</sup> Esse depoimento foi coletado a partir do documentário produzido pela UNI-BH. Ver Lima (2008).

<sup>96</sup> Depoimento de Dona Maria Pretti coletado a partir do documentário produzido pela UNI-BH (LIMA, 2008).



Figura 41: Vista da Praça Rio Branco<sup>97</sup>:  
Fonte: Acervo do Museu Histórico Abílio Barreto



Figura 42: Cine São Geraldo  
Fonte: Jornal Estado de Minas

No Fluminense aconteciam os bailes todo sábado e domingo que reuniam os moradores. A casa da Loba também foi lembrada por todos como espaço que despertava interesses e admiração por sua beleza arquitetônica e se tornou de certo modo um símbolo do bairro. O prédio localizado na Rua Além Paraíba, esquina com a Avenida Antônio Carlos, onde era o clube, hoje está em ruínas. Esse clube é lembrado por todos os moradores como espaço frequentado pela grande maioria dos moradores da Lagoinha na juventude, sobretudo; enfatizam que o clube era frequentado por famílias tradicionais do bairro e elitizado. (Figura 43).

O Fluminense era um clube excelente... família... as famílias todas do bairro frequentavam o clube... era um clube meio elitizado... então tinha festas memoráveis, festas juninas, casais que se conheceram lá... então era muito bom... muito bom mesmo. O bairro era muito alegre, os bailes eram com orquestra. Na época, o supra sumo de orquestra em Belo Horizonte era a orquestra do Delê. A orquestra do Delê era uma referência, não só no Fluminense, mas todos os clubes de Belo Horizonte aproveitavam o talento da orquestra [...] Lá que era o nosso carnaval, tinha festa junina era muito animado, vinha moças, rapazes, senhoras de outros bairros pra dançar no Fluminense (Maria Pretti, moradora do bairro e ex-gerente da Warner Bros)<sup>98</sup>.

<sup>97</sup> Vista da Praça Rio Branco, da esquerda para a direita: antiga secretaria da Agricultura, hoje, unidade da Polícia Militar. Feira Permanente de Amostras ao centro, Cine Paissandu e estações de bonde. Ao fundo, bairro Lagoinha.

<sup>98</sup> Depoimento de Dona Maria Pretti coletado a partir do documentário produzido pela UNI-BH (LIMA, 2008).



Figura 43: Prédio do antigo Clube Fluminense  
Fonte: Acervo da autora

A casa da Loba está presente na memória de todos os moradores entrevistados como espaço de significado para o bairro e referencial arquitetônico da Rua Itapeverica. A casa era de propriedade de João Abramo, que trouxe para Belo Horizonte um artista italiano para esculpir a loba e pintar a casa. Atualmente o imóvel é de propriedade da família Felício Rocho. “A casa da Loba foi um espetáculo... porque era uma casa maravilhosa...era a casa mais badalada do bairro”. (Maria, 80 anos, dona de casa e integrante do coral da igreja)<sup>99</sup>. Na figura 44, à esquerda encontra-se a casa da Loba original e à direita a mesma casa descaracterizada.



Figura 44: Casa da Loba – edificação original e atual  
Fonte: Acervo do IEPHA – Foto à direita, acervo da autora

<sup>99</sup> Entrevista em 11/05/2008. A casa gera polêmicas a respeito do uso e da questão do patrimônio. Os moradores entendem que a casa é um patrimônio do bairro e não se conformam com o seu abandono e descaracterização. O proprietário da casa reside na cidade do Rio de Janeiro e não tem intenção de vendê-la. Atualmente nela reside uma família como caseiros. De acordo com relato da filha do casal, Joziele, muitos têm interesse na casa tanto para compra quanto para pesquisa.

O Cine Paissandu, como todos se referem, foi um espaço de convívio muito importante para os moradores e jovens da década de 1950. Era um ginásio coberto localizado ao lado da Feira Permanente de Amostras – proximidades da rodoviária – que exibia sessões de cinemas, lutas de boxes às quartas-feiras, festas de formatura e bailes. No lugar do Paissandu, hoje está erguido o restaurante Popular de Belo Horizonte, ao lado da estação rodoviária no centro da capital (Figura 45).

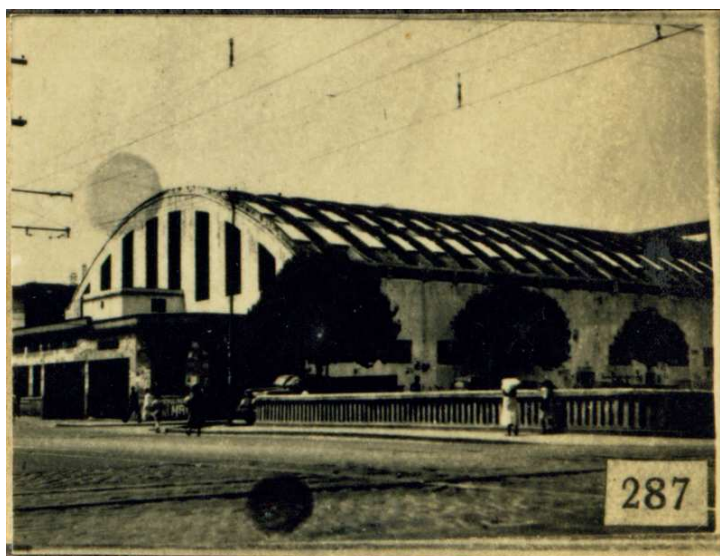


Figura 45: Ginásio Paissandu em 1947  
Fonte: Acervo do Museu Histórico Abílio Barreto

A feira dos produtores foi o espaço que mais resistiu às demolições e foi transferida para o bairro Cidade Nova por volta de 1981. A Feira Permanente de Amostras foi desativada em 1964 para dar lugar à Estação Rodoviária de Belo Horizonte.

A Rua Itapeçerica é evocada como a rua emblemática do bairro, concentrando os principais eventos, o *footing*, o típico comércio de móveis antigos, passarela para os blocos de carnaval considerados por seus moradores como os mais animados. Uma característica bastante peculiar é a disposição dos móveis na calçada, conferindo uma atmosfera popular ao lugar. (Figura 46).



Figura 46: Antônio, Rua Itapeperica, década de 1970.  
Fonte: Acervo do morador

A Praça Vaz de Melo foi um importante espaço de convivência e de comércio para os moradores do bairro e foi suprimida com a construção dos viadutos. As desapropriações ocorridas na praça deixaram marcas profundas na história do bairro, além de desfeita a rede de sociabilidade tecida na praça. Sua demolição levou o desemprego para muitas famílias que tinham no lugar a única fonte de renda, o comércio.

... eu tive muita decepção quando tiraram aquela feira dos produtores... que aí tirou muita gente da praça, deixou muita gente desempregada, inclusive meu marido. Tirou a farmácia, cinquenta anos ali, não foi brincadeira... muitas lojas de gente amiga... lojas boas que tinha na praça (Maria Alice, 80 anos, dona de casa)<sup>100</sup>.

A família Vaz de Melo tinha prestígio no bairro assim como os Gaetano, Silveira e Diniz. A Praça dispunha de comércio variado que atendia o bairro e adjacências como loja de tecidos, sapataria, bar, chapelaria, casa de confete, padaria do japonês – Nonaka, lojas de ferragens e louças dos irmãos Barulli; brechós de roupas usadas; restaurantes, lojas de tecidos, oficinas de bombeiro, farmácias. “*O pessoal saía da Imprensa Oficial...que é na Espírito*

<sup>100</sup> Entrevista em março de 2008.

*Santo e vinha pro bar do senhor Fausto ali... o senhor Fausto criou a família toda na praça...tudo gente boa....ninguém deu ruim”.* (Terezinha, 80 anos, musicista)<sup>101</sup>.

O relato nos mostra também a ambiguidade dessa relação passado-presente. O passado é aqui exaltado como o ideal, em que os conflitos eram contornados. Já o presente é sempre problemático em relação ao passado. Conforme o relato, mesmo as pessoas convivendo ou criando seus filhos no ambiente da boemia, esse não foi considerado fator negativo no sentido de *ninguém deu ruim*, quer dizer, ninguém virou marginal por ter vivido nesse ambiente.

O fragmento abaixo serve para mostrar a relação entre os moradores do bairro e da Pedreira, sobretudo ressalta a questão da violência e isolamento.

A vida era muito boa, a gente andava brincava naquela época... não tinha hoje essa confusão de droga... de tiro... a gente brincava com o pessoal da Pedreira, coisa que hoje já não pode nem passar. [...] Ah...a gente circulava tudo porque tinha no IAPI o Tostão... o Tostão verdadeiro porque depois apareceram vários aí... tudo falso... nós tínhamos um time no IAPI... esse time foi criado dentro do IAPI... então era comum jogar por exemplo contra o time da Pedreira... saía o maior quebra pau... porque um não queria perder pro outro... porque um era favela... o outro era tido o pessoal burguês por causa do conjunto IAPI. Hoje por causa desse trem das drogas, então ficou bem complicado... antes a gente brincava dentro da favela... não tinha problema porque naquela época... se eu não gostasse de você... nós ia brigar era na mão, quem fosse mais forte... hoje não... hoje é no tiro... na faca entendeu. [...] Ó eu trabalhava... saía do restaurante na Paraná eu cruzava a praça Vaz de Melo toda... uma hora da manhã... a pé... por quê? Em partes da Afonso Pena ali...da Drogaria Araújo ali na Curitiba... aqui na rua Jequeri... naquela época era perto... eu não achava táxi pra me trazer por que? Porque a corrida era pequena, então eu vinha a pé, descia passava na Praça Vaz de Melo... na porta do bar do Pedro e vinha a pé. Meu menino não vai ter esse privilégio de andar ali a pé (Sérgio, 52 anos, comerciante)<sup>102</sup>.

A memória traz de volta a Lagoinha da juventude, dos cronistas saudosos daquele tempo, dos encantos, perigos e muitos contrastes. A Praça Vaz de Melo para o ex-morador não é digna da primeira, que era considerada a Lapa de Belo Horizonte. Barreto (1995) também relata que nessa época podia circular tranquilamente pela Pedreira Prado Lopes, existiam as brigas da época, mas nada se comparado ao que ela se transformou hoje. Antigamente:

Havia um restaurante na Praça da Lagoinha, era conhecido como restaurante do Coelho... e sempre vinha cantores pra fazer show, não naquela época era recital. Vinha pra cantar aqui, Orlando Silva, Chico Alves, Silvio Caldas, Carmem Miranda, Araci de Almeida, Carlos Galhardo, Adoniram Barbosa, Ciro Monteiro... eles todos iam na madrugada no restaurante do Coelho levados pelo Rômulo Paes. Foi um

<sup>101</sup> Entrevista em 30/04/2008.

<sup>102</sup> Entrevista em 13/05/2008.

compositor mineiro de maior renome. Então, a Lagoinha diferenciou dos demais bairros pelo lado boêmio, porque no mais a Lagoinha é igual a qualquer bairro que nasce na beira de uma estrada de ferro. Então, o Santa Tereza, o Santa Efigênia, o Calafate, o Floresta, o Lagoinha, Carlos Prates, Gameleira. Teve no seu universo no seu chão, a Praça da Lagoinha, que ficou famosa. [...] O bairro Lagoinha também se destacou pelo seu lado religioso, por causa da Semana Santa, da festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição... vinha gente de fora pra assistir a procissão do dia 8 de dezembro. (Plínio, 86 anos, jornalista)<sup>103</sup>.

Este outro trecho apresenta a Lagoinha após a demolição da praça e o sentimento pela perda do lugar:

Pisando escombros, o velho boêmio aposentado faz sua viagem sentimental pela outrora gloriosa praça. [...] Ele andara lendo os jornais, dera ouvidos ao que diziam as emissoras de rádio e TV, amigos já haviam dito, mas custava a acreditar que a sua praça da Lagoinha e adjacências estavam desaparecendo sob a ação demolidora de homens e máquinas. Teimoso, o velho boêmio aposentado de remotas noitadas precisava ver para crer. “In loco”, foi testemunhar o avanço do progresso urbanizador. Encontrou o inevitável. Escombros por todos os lados. Sentiu um nó na garganta, mas foi em frente, percorrendo a praça desfigurada. Passou por baixo daquele monstrengo de cimento armado, a que dão o nome de viaduto, e tomou rumo da Contorno, sentido estação, até as imediações do velho prédio onde ainda se torrava um cheiroso café. [...] Atravessou sob o viaduto rumo a Padre Paraíso, beira a linha férrea. Em determinado ponto parou, olhou à sua direita e recordou: “Aqui existia uma barbearia, a do Walter Normand, ferrenho torcedor do América” [...] E prosseguiu, lembrando que, ali, havia um cinema. [...] Aqui nesta esquina, uma pastelaria... Ali uma farmácia dos Vaz de Melo [...] Segue em frente justamente no local onde havia a loja de armarinho dos Houri. [...] Mais adiante uma nova parada. Bebia-se, aqui, um bom suco de frutas. As frutas bem dispostas na prateleira de madeira, o liquidificador misturando o leite, a banana, o mamão, o abacate... [...] Lembra-se o velho pardieiro tantas vezes por ele frequentado, as casas de jogos, baralhos viciados, escuros becos por onde transitavam homens e mulheres cambaleantes de sono e de álcool, corredores que levavam a quartos onde o amor era um comércio. [...] As salas de jogos. Mesas de forro desbotado para quatro cadeiras, baralhos trocados a cada rodada, a tosse seca dos homens esqueléticos, olheiras que retratam noites passadas em claro sob a luz de lâmpadas de 80 velas, o cinzeiro a transbordar pontas de cigarro consumidos, o ar irrespirável, a troca de olhares que suspeitam trapaças mútuas, o sorriso nervoso dos que acertaram a jogada, perdedores culpando os azares da sorte.... [...] Do outro lado da praça, ele parece rever, na porta do bar da esquina, o velho italiano Fausto, alisando seus bigodes brancos... a tinturaria do Valente, a alfaiataria do Vitorino Ferri, a loja do judeu que vendia ternos usados, os botecos com suas vitrolas – volumes de som ao máximo, gente saindo e gente entrando no bem afreguesado restaurante do Coelho, o Serravite com sua casa lotérica “Casa da fortuna”. O desfilar de um “curta metragem” onde o personagem é ele próprio e o cenário, aquele mesmo reconstituindo milagrosa e fantasmagoricamente os anos 30-40. (BARRETO, 1995, p. 11-14).

A memória traz também uma Lagoinha perigosa por conta dos acidentes provocados pela linha férrea

Ele se vê, agora, debruçado sobre a murada da velha ponte e a recordar que, certa vez, horrorizado, vira corpos mutilados misturados às águas fétidas do Arrudas.

<sup>103</sup> Entrevista em 15/10/2008.

Pobres vítimas de um acidente pavoroso quando um ônibus da linha “Santo André” fora arrastado pela locomotiva. (BARRETO, 1995, p.15).

Dona Terezinha lembra que, quando seu pai comprou a casa na Rua Adalberto Ferraz era puro mato e tinha um barracão ao fundo e seu pai foi construindo aos poucos. O Sr. Manoel era de Cachoeira do Campo e foi para o bairro já casado e lá criou seus 11 filhos. Em 1914, o pai de dona Terezinha fundou a Corporação Musical Nossa Senhora da Conceição, com o objetivo de angariar fundos para a construção da Igreja de mesmo nome e animava constantemente suas festas. Além disso, ensinava música aos seus integrantes. A banda teve e continua desempenhando importante papel na história do bairro, sobretudo da igreja. (Figuras 47 e 48).



Figura 47: Moradores do bairro e padres Redentoristas na construção da Igreja de Nossa Senhora da Conceição  
Fonte: Acervo da moradora Terezinha



Figura 48: O fundador da Banda Sr. Manoel Araújo à direita e a corporação musical Nossa Senhora da Conceição  
Fonte: Acervo da moradora Terezinha

A festa de Nossa Senhora da Conceição, no dia 8 de dezembro, reúne todo ano as moças que antigamente coroavam na igreja e hoje são avós, para cantar no coro, e, de acordo com Dona Terezinha, virou tradição. A igreja exerce uma centralidade no bairro e é comparada a Igreja da Boa Viagem por moradores<sup>104</sup>.

A Rua Itapeverica sempre foi cartão do bairro e exerce no imaginário dos moradores um tipo de atração e repulsão ao mesmo tempo. “É a rua mais feia e suja... mas no passado foi a mais animada” (Maria Alice, 80 anos, dona de casa e integrante do coral da igreja, entrevista em março de 2008). Era muito animada com seu comércio variado e com os animados blocos de carnaval que por ali passaram. Era também lugar da paquera naquela época “*tinha footing na Rua Itapeverica*”. “*No carnaval, as famílias mais ricas saiam de carro fantasiadas com as roupas de veludo e a gente ficava olhando*”. (Terezinha, 80 anos, dona de casa e musicista)<sup>105</sup>.

Mesmo com toda a má fama do bairro de prostituição e de boemia, os moradores experimentavam mais os espaços do bairro, seus espaços eram frequentados, ou melhor, existiam lugares de encontro tanto para a prostituição, como era o caso dos cabarés, quanto para a boemia instalada na Praça Vaz de Melo, quanto para as famílias que ali residiam e também frequentavam, a exemplo da praça. Às vezes em horários distintos, às vezes os usos dos espaços eram negociados por parte dos usuários, a fim de estabelecer um convívio, a possibilidade de fruição do espaço por todos.

Antes da construção da Antônio Carlos, os moradores atravessavam a lagoa até a Rua Diamantina por uma “pinguelinha”; depois da abertura da avenida ficou mais perigoso atravessar por conta do trânsito. Antes da construção da passarela que dá acesso à rodoviária era necessário atravessar a antiga Praça Vaz de Melo, que era entrecortada pela também antiga ferrovia Oeste e Central. Para D. Terezinha, o que atrapalhou a região foi a construção da rodoviária e do metrô no lugar errado, que “atravancou” o trânsito.

A abertura da Avenida Antônio Carlos foi responsável pela desapropriação de muitas famílias, comércio e espaços de convívio dos moradores.

---

<sup>104</sup> Diversos moradores mencionaram que a Igreja de Nossa Senhora da Conceição é tão importante que pode ser comparada à de Boa Viagem, no bairro Funcionários. Depoimento coletado em evento no dia 07 de setembro de 2008 no salão da igreja.

<sup>105</sup> Entrevista em 30/04/2008.

O surgimento da Antônio Carlos acabou com o campo de futebol que eu jogava... que tinha ali...inicialmente jogava o Fluminense e o Guarani... hoje no lugar do campo está o Senai. (Plínio, 86 anos, jornalista)<sup>106</sup>.

O terreno onde está a Avenida Antônio Carlos era do italiano Ângelo Nappo, o quarteirão da Rua Diamantina até a Itapecerica era dessa família. O depoimento sobre a abertura da avenida traz uma dualidade de pensamento sobre o progresso. *“Agora... o progresso é o seguinte: traz muita coisa boa, mas o progresso às vezes atrapalha um pouquinho, porque não tem mais aquela união, as casas de família foram todas demolidas acabou tudo, aqui tudo era casa... (aponta para o entorno da rua Além Paraíba próximo à igreja) às vezes duas famílias... eram quarteirões fechados... agora tudo é comércio. O comércio de móveis tomou conta.* (Terezinha, 80 anos, dona de casa e musicista)<sup>107</sup>.

Ao mesmo tempo em que se percebe nos relatos a culpa pela ausência do progresso responsável pela estagnação do bairro, esse mesmo progresso é exaltado como sendo o vilão de sua descaracterização. Há uma dualidade nessa percepção dos moradores sobre o “progresso” do bairro visto a partir das demolições para a construção de avenidas e viadutos para abrir caminho para o crescimento da cidade.

Ao mesmo tempo em que o progresso levou desenvolvimento e crescimento ao bairro, por outro lado foi maléfico porque provocou demolições e causou a descaracterização e o abandono da Lagoinha, retirando as pessoas de seus lugares.

Antes da construção dos elevados, o bairro era isolado pela linha férrea e o Ribeirão Arrudas. Apesar dos perigos que se enfrentava com a passagem do trem nessa região, os moradores, sobretudo os mais idosos, citam que não era tão perigoso assim atravessar a avenida porque existia a praça com seu comércio que facilitava a travessia, embora não neguem sua periculosidade. Hoje, no entanto, o perigo é maior em função do trânsito pesado na região, das avenidas movimentadas e da passarela que não oferece segurança.

Quando arguidos sobre o bairro em que vivem hoje, os moradores foram unânimes em relatar que não existe mais nada. Não existem espaços que os moradores possam frequentar. Os clubes e cinemas ou foram demolidos ou se transformaram em comércio. A violência tomou conta do bairro por conta do crescimento do tráfico na Pedreira Prado Lopes, o que afasta as pessoas do bairro.

---

<sup>106</sup> Entrevista em 15/10/2007.

<sup>107</sup> Entrevista em 30/04/2008.

Éh... com a construção dos viadutos...aquele comércio todo que tinha embaixo... veio a desaparecer, se transformou em ponto de malandragem, sujeira... hoje virou um corredor...o cara passa por costume e acabou [...] É...do jeito que vão as coisas aí, hoje **o bairro virou um big-brother cheio de câmera... se... eles conseguirem... sei lá diminuir um pouco essa coisa de droga aqui na proximidade... esse bairro vai desaparecer... da parte assim residencial...** vai ficar muito pouco, porque eu tô com cinqüenta e um... daqui a pouco também eu vou morrer... vai ficar meu filho... talvez não fique no bairro... já é outra cabeça... **isso aqui vai virar um centro já tá empurrando... isso aqui vai virar um comércio... vai virar um centrão... devido a tanta proximidade...** porque as casas vão sendo vendidas... que são os imóveis baratos... o cara compra faz um galpão... põe uma padaria... põe um negócio...vai virar um... centro... tipo um centro comercial... a tendência é essa porque eu não vou presenciar daqui uns... cinqüenta anos... com certeza vocês vão ver isso aí virar comércio mesmo... vai ser um...bairro comercial, estritamente comercial...vai ter pouquíssimas casas... já desapareceu muito...o bairro já desapareceu [...] **Vai continuar a igreja... porque a igreja eu sei que não vai sair dali mesmo. Eu fui criado na igreja por causa do colégio... então a gente criou aquele amor pela igreja... porque não tem mais... atração no bairro...** hoje não tem mais... a Praça Vaz de Melo tinha cinema ali... aquela coisa de menino **tinha um cinema... não era um cinema igual lá o Cine Brasil mas era um cinema...** hoje acabou não tem mais nada (Sérgio, 52 anos, comerciante)<sup>108</sup>. (Grifo nosso).

Os moradores de maneira geral atribuem ao poder público a responsabilidade pela situação em que o bairro se encontra e por seu futuro. Alguns falam em resgatar a memória e identidade do bairro ou a vocação do bairro. Com toda essa atmosfera e heterogeneidade que permeia o universo do bairro, e apesar de não existir boemia e prostituição como antes, qual é a verdadeira vocação ou identidade do bairro?

Se não tiver uma intervenção assim do poder público, com uma responsabilidade com uma vontade digamos assim de revitalizar a Lagoinha, eu vejo a Lagoinha acabando. Eu vejo daqui a uns dez anos, isso aqui como um complexo de viaduto, de minhocão, de trincheira, de grandes avenidas, de intervenção assim pro trânsito, pro transporte com terminais de ônibus e a população... quando eu falo a população não só aqueles que residem mas aqueles que praticam sua atividade comercial aqui, cada vez se afastando mais. Ou seja, a Lagoinha vai existir só no nome, na memória daqueles que viveram e pronto, porque não vai ter nada mais erguido aqui pra contar a história. [...] Hoje, é um bairro que não é nem residencial nem comercial, ele é um bairro que a tendência cada vez mais... as residências e o comércio vão perdendo espaço pra quê? para o grande complexo viário que você tem aí. Porque como eu disse anteriormente, a cidade vai crescendo pro lado da região norte e essa população precisa se deslocar até o centro pra região sul e a Lagoinha tá aqui no caminho então eles vão abrindo caminho aí pelo bairro e os imóveis, e o que restava aí da Lagoinha vai dando lugar a esses grandes viadutos e avenidas que vão cortando o bairro e a tendência é cada vez mais tá perdendo esse espaço. [...] É... O futuro do bairro é incerto. Vai depender do que as autoridades têm para a Lagoinha, o que eles reservam para a Lagoinha... quem vem por aí prefeito, governador. Se um arquiteto ou engenheiro da BHTRANS diz: olha a Lagoinha é uma pedra no caminho do trânsito de Belo Horizonte. Ou seja, você fazendo uma avaliação disso eu imagino que eles vão acabar com a Lagoinha. Ou que não. Dá pra conciliar essa questão do complexo viário com a manutenção do bairro, com investimentos com projetos bem feitos pra resgatar a Lagoinha ou então criar uma nova vocação para a Lagoinha.

<sup>108</sup> Entrevista em 13/05/2008.

Então, vejo hoje um futuro incerto. Que depende basicamente da mobilização daqueles que gostam da Lagoinha, porque é só mobilizando que você pode cobrar do poder público e da atuação do poder público, e de ter algum projeto aqui para região (Antônio, 39 anos, servidor público)<sup>109</sup>.

Nos relatos enuncia-se o que significou o bairro. Uma forte ligação nas memórias, na construção identitária, é voltada para os lugares afetivos. O ressentimento reside na perda desses lugares em contraposição às transformações que a Lagoinha vem sofrendo em função da necessidade de obras para o trânsito. Os moradores, no entanto, procuram resistir a essa dinâmica imposta pela cidade em constante crescimento e que tem alterado, sobremaneira, seus modos de vida.

A seguir passamos às considerações finais, a fim de apontar algumas reflexões decorrentes da pesquisa.

---

<sup>109</sup> Entrevista em 28/06/2008.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Memória

Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração.

Nada pode o olvido  
contra o sem sentido  
apelo do Não.

As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão

Mas as coisas findas  
muito mais que lindas,  
essas ficarão

Carlos Drummond de Andrade

Saudosamente rememorada por suas representações do passado e sina boêmia, da prostituição, da tradição, da religiosidade, da vida cultural intensa, a Lagoinha é um bairro popular que contraditoriamente é repellido e amado por esses traços identitários. Vício, pobreza, violência, degradação e atrofiamento urbano, uma estranha combinação para um bairro tido como tradicional e típico, como relatam os jornais.

Quando solicitei aos moradores do bairro Lagoinha que relatassem sua trajetória de vida no bairro e as transformações ocorridas nele ao longo do tempo, sempre considerando as dimensões temporais do passado, do presente e do futuro, foram unânimes em pontuar sua importância histórica para a cidade de Belo Horizonte. No início da pesquisa, a primeira pergunta que me foi feita por uma moradora foi: “*Mas porque é que vocês gostam tanto de pesquisar o nosso bairro, hein? Ah, tá vendo como a Lagoinha é importante, esse bairro é muito tradicional, l gente!*”. (Maria Alice, dona de casa, 80 anos)<sup>110</sup>.

A situação do bairro atualmente aparece em contraposição a um passado memorável, mesmo sendo imputada à prostituição e à boemia a causa pela má fama do bairro. Em relação ao *antes* e ao *agora* discutido no último capítulo, o *agora* mostra-nos um bairro degradado pela ação do tempo e das transformações que vem sofrendo; da violência crescente na cidade e que se mostra exacerbada na Lagoinha; cinzento, carrancudo. O sentido aqui relatado contrapõe-se ao *antes*, traz à baila o bairro boêmio, da prostituição, da intensidade das relações sociais nutridas ao sabor da infinidade de significados emergido da trama urbana. O

---

<sup>110</sup> Entrevista em março de 2008.

bairro do passado era belo, animado, colorido, religioso e tradicional. O bairro dos espaços memoráveis e que foram responsáveis pela vida cultural intensa do bairro hoje não existe mais ou, em casos como a casa da Loba, está abandonado. É preciso esclarecer que o abandono aqui referenciado é no sentido de não atender a uma função social e cultural, diante da importância como um lugar de identificação no bairro que a casa representa para os moradores.

A percepção do antes e do agora é que, mesmo com a boemia e a prostituição que trouxeram má fama ao bairro, não é pior que a violência engendrada com o tempo. E isso pode ser observado de forma geral, não só no bairro, mas lá isso tende a se exacerbar por conta da existência da favela, do tráfico de drogas intenso no entorno e no corredor de passagem em que ele se transformou com as intervenções urbanas. Contudo, os moradores nutrem pelo espaço em que vivem um sentimento de lugar, de pertencimento e de afetividade. Conforme pontuaram alguns moradores: *“a gente é que faz o bairro né... essa Lagoinha tá feia? Tá, mas ele não era assim... a gente ama esse bairro”*. (Maria Alice, 80 anos, dona de casa)<sup>111</sup>. As narrativas demonstram a afetividade com o bairro, mas antes de tudo é preciso justificar que é assim hoje, mas antigamente não era.

Para seus moradores, o futuro da Lagoinha à municipalidade pertence. Pois o bairro está no meio do caminho entre a região norte e sul e, se for considerado uma ‘pedra no sapato’ do trânsito de Belo Horizonte, eles imaginam que irão acabar com a Lagoinha ou então imaginam um complexo de elevados que engolirá cada vez mais o bairro até sua extinção. Essa incumbência ao poder público sobre o futuro da Lagoinha pauta-se na implementação de políticas que assegurem a sua proteção enquanto patrimônio da cidade e se voltem para o bairro com projetos consistentes considerando sua identidade ou vocações, sobretudo na área da cultura. Por outro lado, e em sentido mais complexo, uma associação de moradores na prática teria condições de pleitear junto ao poder público melhorias e projetos para o bairro e, no entanto, essa associação não existe mais e falta engajamento por parte daqueles.

Nesse sentido, a ânsia de evocar a Lagoinha do passado parece um meio de trazê-la para a memória dos belorizontinos e mantê-la como importante bairro que foi e continua sendo mesmo enquanto discurso. O discurso nutrido em relação ao bairro, tanto por parte dos jornalistas e escritores quanto por parte dos moradores, não corresponde ao peso que lhe é dado.

---

<sup>111</sup> Entrevista em março de 2008.

O discurso pelo patrimônio histórico é frágil. A municipalidade reconhece a importância do bairro com a criação da chamada Área de Diretrizes Especiais – ADE, Lagoinha de número 12 – mas não regulamenta essa ADE e não implementa nenhuma política de proteção e fomento para o bairro. Embora tenham existido algumas iniciativas como referenciado na historiografia do bairro – Projeto Lagoinha, com a restauração de algumas edificações, e Sopro da Lagoinha, voltado para a área musical –, estas não supriram as carências do bairro e não deram conta do peso histórico que lhe é atribuído.

A boemia vista com os olhos do presente é colocada como algo positivo e necessário para a vida em sociedade, a convivência, a sociabilidade, em oposição aos perigos que a boemia oferecia no passado. A arte da convivência, ao lembrarmos de Certeau (1996), parece ter sido perdida com o tempo; a perda do convívio cotidiano é também vista no contexto geral, e não exclusivamente do bairro. A rede de sociabilidade criada principalmente na praça foi desfeita e não há mais como retomar isso. Essa supressão dos espaços de convívio das pessoas engendrada por intervenções urbanas geralmente deixa marcas indeléveis no espaço e nos indivíduos alterando seus hábitos, provocando um deslocamento das relações sociais para outros contextos e, além de tudo, (re)significações no campo da memória e da identidade. Indubitavelmente, para seus antigos moradores, as mudanças representam perdas irreparáveis, mas também o bairro permanece, mesmo que transformado, como um lugar de memória, de onde se pode avistar o passado e a si próprio.

O bairro é considerado um espaço heterogêneo, carregado de conflitos e simbologias e de grande visibilidade externa, que mantém em seu cotidiano um sem número de passantes, visitantes, trabalhadores e moradores que compõem o espaço do bairro. Contudo, os moradores têm com ele uma relação de território reservado, nutrem um sentimento de pertença para com o bairro. É um espaço de múltiplas facetas e tipos sociais que têm uma relação reservada com esse espaço, fazendo dele cenário de refúgio, lugar de convívio – ainda que esses lugares sejam específicos e isolados –, um lugar em que é preciso o tempo todo estar atento aos acontecimentos ligados aos espaços de conflitos. Os moradores respeitam as singularidades do lugar, se mostram e se retraem como lhes convém.

Nesse sentido, podemos nos remeter ao estudo de António Firmino da Costa no bairro lisboeta de Alfama, que, ao abordar questões identitárias sobre o bairro caracterizado como estigmatizado, os atores sociais têm pleno conhecimento do seu espaço: “*um local em que não só são bem conhecidos, mas que também conhecem como ninguém, um contexto de interconhecimento denso e dominado*”. (COSTA, 1999, p. 307). As pessoas têm a plena noção do espaço em que vivem.

Retomando o sentido de espaço e lugar esses se diferenciam na pós-modernidade. (AUGÉ, 1994; LEITE, 2004). Os lugares persistem firmes e estáveis, requerem presença e permanência, e os moradores têm a exata noção disso ao relatar as experiências afetivas em relação ao bairro no/do passado e ainda no/do presente em função das transformações que ele vem sofrendo. Já os espaços convivem com a ausência recortada pelo tempo.

Conforme Augé (1994), os lugares e não-lugares não existem em estado puro, ou seja, o lugar nunca é completamente apagado assim como o não-lugar nunca se realiza em sua totalidade como lugar. A pós-modernidade ou supermodernidade, como se referem Augé (1994) e Barros (2001), faz com que os indivíduos convivam dialeticamente com a experiência antropológica de pertencimento e a experiência solitária da anomalia espacial. Nesse sentido, alguns locais do bairro, como a atual Praça Coronel Guilherme Vaz de Mello tem se tornado um não-lugar por ter se conformado como local de trânsito, mas que também não foi completamente apagado em vista do que significou para as pessoas. O amálgama de lugar e não-lugar percebido no bairro impõe o desafio para se explorar e compreender a Lagoinha da centenária Belo Horizonte: tomar seu passado como representação de significados que hoje se superpõem.

Mais do que pela prostituição e a boemia, a Lagoinha foi e ainda permanece marcada por trabalhadores que encontraram nesse espaço “esquecido” da cidade um lugar. O termo “esquecido” se refere ao esquecimento no sentido da falta de melhorias no bairro por parte da municipalidade. O fragmento do relato de Maria Alice traduz a identidade do bairro que é retratada a todo o momento nas escritas jornalísticas, e o próprio morador o concebe como algo perene, ou seja, o bairro construiu a identidade de trabalhadores ditos como não qualificados; e assim permanecerá, porque são trabalhadores acima de tudo. Certa vez Maria Alice presenciou uma vizinha dizendo que a rua mais feia que encontrasse era a Itapecerica. Ficou insatisfeita e justificou, defendendo seu bairro:

Eu falo... a Rua Itapecerica é essa... porque sabe o que que é... a rodoviária.... vem muita gente humilde então ali tem depósito de papel... coitado... não mexe com ninguém... trabalha... é gente trabalhador... pega a Itapecerica e desce ... aquele trecho todo ali sabe... você vê que foi uma praça que não tem utilidade (Vaz de

Melo)... a rua aqui... quem trabalha vai continuar trabalhando... os trabalhadores daqui são antigos. (Maria Alice, 80 anos, dona de casa)<sup>112</sup>.

Pequenos fragmentos de relato podem traduzir o que é a Lagoinha na voz de seus moradores

... A Lagoinha tá acabando e tudo... mas a Lagoinha é sui generis em Belo Horizonte...olha que interessante... a gente sempre brincava com isso e é verdade... olha: a gente mora entre a favela, a delegacia, a igreja e a zona... aquele quadrilátero... isso é a Lagoinha entendeu! Isso ficou marcado pra mim... isso foi na década de 80... mas isso foi acabando... hoje permanece basicamente a favela, as igrejas, porque a zona mesmo acabou... e os locais de diversão... os bares assim você encontra cada vez menos aqui. [...] Não tem lugar pra gente frequentar... mas nem tudo está perdido... tem uma luz no fim do túnel pra que aposte na Lagoinha...agora tem que ter vontade... dos moradores... de quem gosta da Lagoinha ... e boa vontade do poder público.[...] Eu acho que a Lagoinha merece ser resgatada... tem como resgatar a memória da Lagoinha...a história de Belo Horizonte passa por aqui. (Antônio, 39 anos, servidor público)<sup>113</sup>.

A moradora relata que no final de semana existe um grande número de rapazes na porta da igreja para tomar conta dos carros estacionados na rua. Ao narrar um episódio vivido por ela e pelo esposo, nos diz que numa manhã, ao chegar à igreja, fechou a porta do carro com a chave dentro e um daqueles vigias de carro solucionou o problema:

“ô italiano deixa que eu acho uma pessoa pra resolver isso pro senhor agora...mas o senhor não fala nada não viu”. O rapaz saiu correndo pela rua...voltou daqui a um pouquinho sumiu...você viu que facilidade...abriu a porta num minuto... e nem olhou pro italiano. O italiano gastou vinte reais com eles.... e agora como é que eu vou fazer... o camarada me valeu... mas eles fazem isso com todos os carros falei... resolveu o problema seja o que Deus quiser... **olha que que é a Lagoinha, hein?** São detalhes da Lagoinha.[...] outro dia eu precisei passar na passarela... um deles passou comigo... me viu... “a senhora quer que eu passe com a senhora? Ninguém vai mexer com a senhora”... tudo bem ... eu passei. (Maria Alice, 80 anos, dona de casa)<sup>114</sup>. (Grifo nosso).

O bairro Lagoinha, se na época de sua ocupação foi pensado para abrigar uma população de baixa renda e de trabalhadores ditos como menos qualificados, carrega ainda hoje esse emblema. Mesmo que não haja mais traços de boemia e a prostituição, não é mais como antes, o estigma permanece. O próprio morador tem a noção de que essa marca permanece e parece não ter mais volta. Contudo, os moradores nutrem um sentimento de

<sup>112</sup> Entrevista em março de 2008.

<sup>113</sup> Entrevista em 28/06/2008.

<sup>114</sup> Entrevista em março de 2008.

pertencimento e de afetividade com o bairro em que nasceram e foram testemunhas daquilo em que ele se transformou.

A Lagoinha sempre foi mais que espaço, incorporando os significados que lhe foram atribuídos em função da ocupação e de seus diversos usos e apropriações. De bairro popular, passando por local da prostituição e da boemia, dos memoráveis desfiles de carnaval, do lazer e da cultura, de imaginário sagrado e profano, tradicional e multifacetado. O bairro caracterizou-se numa espécie de caleidoscópio formado no túnel do tempo. Teve tudo, foi tudo e ao mesmo tempo não tem mais nada<sup>115</sup>.

Contudo, abrem-se novos questionamentos para a complexidade que envolve o bairro Lagoinha, que julgo ser um celeiro para pesquisas de diversas dimensões. Até que ponto os moradores resistirão às transformações em seu espaço? Até que ponto o próprio bairro resistirá? Estudar os bairros é ter várias realidades para momentos diferentes de sua história, sobretudo considerando suas singularidades no espaço da cidade. A Lagoinha parece se inserir em uma das características norteadoras para estudos de bairro proposta por Lefévre (1975), de que determinados bairros podem ser definidos por uma sobrevivência pautada muito em função do peso da história, do que ele foi como parte da totalidade que é a cidade. A Lagoinha de certa forma se insere nesse cenário. A memória e as representações existentes sobre o bairro contribuem para mantê-lo vivo em meio às transformações urbanas que o ameaçam a cada dia e à ineficácia de políticas que dizem: *Hoje iremos “olhar” para a Lagoinha.*

Antigamente, os conflitos giravam em torno da prostituição e boemia; em compensação, hoje esses mesmos conflitos deixariam de existir. Surgiram outros mais complexos, que desafiarão a sociedade moderna: a violência e o tráfico de drogas. Como os moradores verão o bairro daqui há trinta, quarenta anos? Que solução teremos para a violência urbana? Do mesmo modo, como será o bairro nesse mesmo intervalo de tempo? Que parte de seu espaço terá se perdido? Parece que o morador da Lagoinha se tornou um migrante urbano, empurrado pelas obras de um lugar para outro, tendo lascas do seu espaço retirado daqui e dali para o fluir dos carros.

---

<sup>115</sup> No início da pesquisa foi realizada uma pesquisa exploratória, a título de informação complementar, sobre o assunto junto à imobiliária que atua no bairro. À medida que vai se aproximando da favela e do cemitério o valor do metro quadrado cai – R\$250,00 o m<sup>2</sup> (duzentos e cinquenta reais o metro quadrado) – e ao se aproximar da igreja tende a uma valorização, de R\$ 300,00 a R\$ 350,00 o m<sup>2</sup> (de trezentos a trezentos e cinquenta reais o metro quadrado). O bairro, sob o ponto de vista do mercado imobiliário, é tido como pouco atrativo segundo os moradores, em função da proximidade com a Pedreira Prado Lopes, da Vila Senhor dos Passos e do Cemitério do Bonfim.

## REFERÊNCIAS

### BIBLIOGRAFIAS

AGIER, Michel. **Distúrbios identitários em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: Mana, v. 7, n. 2 out. 2001, p. 7-33.

AGUIAR, Tito Flávio Rodrigues de. **Vastos subúrbios da nova capital: formação do espaço urbano na primeira periferia de Belo Horizonte**. 2006. 445f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte.

ANDRADE, Luciana Teixeira de. **A Belo Horizonte dos Modernistas: Representações Ambivalentes da cidade moderna**. Belo Horizonte/Puc Minas: C/Arte. 2004.

ANDRADE, Luciana Teixeira de. Belo Horizonte: imagens da cidade, vida social e intelectual: 1987-1930. **Caderno de Ciências Sociais**. Belo Horizonte, v.5, n.8, dez. 1997. p. 66-80.

ANDRADE, Luciana Teixeira de. Estilos de vida nos condomínios residenciais fechados. In: FRÚGOLI, Heitor Jr.; ANDRADE, Luciana Teixeira de; PEIXOTO, Fernanda Áreas (Org). **As cidades e seus agentes: Práticas e representações**. Belo Horizonte/Puc Minas:Edusp. 2006, p. 305-329.

ANDRADE, Luciana Teixeira de; MENDONÇA, Jupira Gomes. **Estudos de bairros: Construindo uma metodologia qualitativa com suporte quantitativo**. In: 31º Encontro anual da ANPOCS. Caxambu, 2007, p. 1-23.

ARAÚJO, Wânia Maria de. **População de rua em Belo Horizonte: a reinvenção de espaços domésticos no improvisado da moradia**. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-graduação em Ciências sociais. PUC Minas. Belo Horizonte.

ATLAS de Desenvolvimento Humano – **região Metropolitana de Belo Horizonte**. Fundação João Pinheiro. 1999-2000.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papyrus. 1994.

BAGGIO, Ulysses da Cunha. **A Luminosidade do Lugar – Circunscrições intersticiais do uso do espaço em Belo Horizonte: Apropriação e Territorialidade no Bairro de Santa Tereza**. 2005. Tese. (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo.

BARRETO, Abílio. **Belo Horizonte: memória histórica e descritiva**. volume 2: história média. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995.

BARROS, José Márcio. Cidade e identidade: a avenida do Contorno em Belo Horizonte. In: MEDEIROS, Regina; BARROS, José Márcio (Org.). **Permanências e mudanças em Belo Horizonte**. Belo Horizonte/ PUC Minas:Autêntica, 2001. P. 19-48.

- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1999. Tradução: Marco Estevão , Renato Aguiar.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória: um ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes. 1990. 204 p.
- BH 100 anos: nossa história. Belo Horizonte: **Estado de Minas**. 1997. 118p.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Schwarcz Ltda. 1994.
- BOSI, Ecléa. **Tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê, 2003.
- BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. **Belo Horizonte: cidade de migrantes (1890-1940)**. Belo Horizonte: HPPGCS. 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Economia da trocas lingüísticas**. São Paulo: Edusp, 1996, p. 81-125
- BOURDIEU, Pierre. Efeitos de lugar. In.: BOURDIEU, Pierre et al. **A miséria do mundo**. 3 ed. Petrópolis: Vozes. 1999, p. 159-166.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- CABRAL, João de Pina. **O Homem na família: cinco ensaios de antropologia**. Instituto de Ciências Sociais. Lisboa, 2003. p. 117- 149.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das letras. 1990.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999. p. 124-201.
- CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. 2 ed., São Paulo:Studio Nobel. 2004. Tradução Cecília Prada.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2007.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-Tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. 530p.
- CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.
- CERTEAU, Michael de. **A invenção do cotidiano - artes de fazer**. 12. ed., v. 1. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michael de. **A invenção do cotidiano - morar e cozinhar**. 6. ed. v. 2. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CHACHAM, Vera. **A Memória dos Lugares em um tempo de demolições: A rua da Bahia e o bar do Ponto na Belo Horizonte das décadas de 30 e 40**. UFMG/FAFICH. 1994. Dissertação. (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001. Tradução: Luciano Vieira Machado.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. A polifonia do bairro: 4º distrito (Porto Alegre) – História, memória. **História – Unisinos**. Número especial, 2002, p.213-227.

CORDEIRO, Graça Índias. Territórios e identidades sobre escalas de organização sócio-espacial num bairro de Lisboa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.28, 2001, p. 1-15.

CORDEIRO, Graça Índias. **Um lugar na cidade**: Quotidiano, memória e representação do bairro da Bica. Lisboa: Dom Quixote, 1997. 413 p.

CORDEIRO, Graça Índias. **Uma idéia de cidade**: popular, bairrista, pitoresca. Revista da Faculdade de Letras, Porto. 2004, p. 185-199.

CORDEIRO, Graça Índias; COSTA, António Firmino. Bairros: contexto e interseção. In: VELHO, Gilberto (Org). **Antropologia Urbana**: Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 58-79

CORRÊA, Luiz Otávio. **Clube da esquina em Belo Horizonte**: romantismo revolucionário em uma cidade de formação ambígua. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. PUC Minas. Belo Horizonte.

COSTA, António Firmino da. Identidades culturais urbanas em época de globalização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.17. n. 48, fev. 2002, p. 15-30.

COSTA, António Firmino da. **Sociedade de Bairro**: Dinâmicas sociais da identidade cultural. Oeiras: Celta. 1999.

COSTA, Jorge Ricardo Santos de Lima; LEMOS, Maria Tereza Toríbio Brittes. **Lapa**: desejos e subversões no espaço da cidade. In: LEMOS, Maria Tereza Toríbio Brittes; MORAES, Nilson Alves de (Org). **Memória, identidade e representação**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, p. 50-64.

COSTA, José Eduardo; NOVATO, Ana Cristina. **Os primeiros 100 anos**. Belo Horizonte: Gráfica e editora 101 LTDA, 1997.

D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. Intervenções da memória na historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos, poderes. São Paulo: **Projeto História**, v. 17, p. 269-280, 1998.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 136 p.

DESENVOLVIMENTO Humano e Condições de Vida: Indicadores para a Região Metropolitana de Belo Horizonte 1980 -1991. / Fundação João Pinheiro, Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada / - Belo Horizonte, 1996.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2000. Tradução de Vera Ribeiro.

FERREIRA, Aurélio B.H. **Novo Dicionário Aurélio**. Versão 5.0. Edição revista e atualizada. Dicionário eletrônico. Positivo, 2004.

FORTUNA, Carlos. As cidades e as identidades: narrativas, patrimônios e memórias. São Paulo: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 33, ano 12, fev. 1997. 314-339.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola. 1996. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. A dissolução e a reinvenção do sentido de comunidade em Beuningen, Holanda. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18, n.52. jun. 2003, p. 107-124.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. **Centralidade em SP: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole**. São Paulo: Cortez. 2000.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2007.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Escola de Governo de Minas Gerais. **Gestão do espaço metropolitano: homogeneidade e desigualdade na RMBH - SHA - 62904: relatório final**; v.1. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/FAPEMIG, 2007. v.1. v.2, p.5-310.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC. 1999.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.p.11-60.

GOMES, Leonardo José Magalhães. **Belo Horizonte: a Cidade Descrita Documentos de uma História Urbana**. Belo Horizonte: Prefeitura de Belo Horizonte. 1997.

GONÇALVES, António Custódio. Os bairros urbanos como lugares de práticas sociais. **Revista da Faculdade de letras – Geografia**. I série, v.IV. Porto, 1988, p. 15-31

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Monumentalidade e cotidiano: os patrimônios culturais como gênero de discurso. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org). **Cidade: História e desafios**. Cap. 6, Rio de Janeiro: FGV, 2002, p.108-113.

GONÇALVES, José Reginaldo. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ,1996. 152 p.

GONZAGA, Cláudia Mattos Ferreira. **A região da Lagoinha: um espaço natimorto?** Belo Horizonte. Dissertação. (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Rio de Janeiro: Vértice, 1990, p. 130-161.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: D&PA, 1999.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis/RJ: Vozes. 2000, p. 103-133.

- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1989.
- HOBSBAWM, E. J.; RANGER, T. O. (Org.). **A invenção das tradições**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 316 p.
- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória**. Arquitetura, Monumentos, Mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano. 2000.
- IÑIGUEZ, Lupicinio. **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. Petrópolis/RJ: Vozes. 2004.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE - **Censo demográfico 2000**: agregados de setores censitários dos resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE. 2002. 41 p.
- JEUDY, Henry-Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- KAMEL, Roberto Chafik Abu. **Gestão Municipal e o processo de organização do espaço urbano da cidade de Belo Horizonte (1894-1960)**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2007.
- LEFÉBVRE, Henri. Barrio y vida de barrio. In: LEFÉBVRE, Henr (Org.). **De lo rural a lo urbano**: Antologia preparada por Mario Gaviria. Barcelona. Ediciones Península. 1975, p. 195-203.
- LEFÉBVRE, Henri. **The production of the space**. Oxford: Blacwells, 1991, p. 68-91.
- LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade**: Lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas/SP: Unicamp. 2004.
- LEMONS, Celina Borges. A Lagoinha e suas imagens: a refiguração do seu presente. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, n. 4, p. 121-160, maio 1996.
- LOPES, José Rogério. O caminho da identidade nas ciências sociais e suas metamorfoses na psicologia social. **Psicologia e Sociedade**. Porto Alegre/ RS, v. 14, n. 01, jan.-jun 2002, p. 7-27.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.51-110.
- MACHADO, Heloisa Guaracy; PEREIRA, Maria de Lourdes Dolabela L. **A recuperação da Lagoinha** dentro de uma nova concepção política urbana. **Cadernos de História**: [Belo Horizonte], Belo Horizonte, MG, v.2, n. 3, p.29-35, out. 1997.
- MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Natal: Argos, 2001, p. 49-112.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. A rua e a evolução da sociabilidade. 1993. Os urbanitas: **Revista digital de antropologia urbana**. Disponível em: <http://www.aguaforte.com/antropologia/osurbanitas/revista/RUA.html> acesso em 02/07/2008.
- MAYOL, Pierre. O bairro. In: CERTEAU, Michael de (Org.). 6. Ed. **A invenção do cotidiano** - morar e cozinhar, v. 2: Petrópolis: Vozes, 1996, p. 37-69.

MEDEIROS, Regina. O Bonfim da prostituição: a presença ambivalente do outro. In: MEDEIROS, Regina (Org). **Permanências e mudanças em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: PUC Minas, Autêntica, 2001, p. 49-112.

MENEZES, Marlucci. **Mouraria, retalhos de um imaginário**: Significados urbanos de um bairro de Lisboa. Oeiras: Celta. 2004. 283p.

MORAES, F. B De; GOULART, M. G. **As dinâmicas da reabilitação urbana: impactos do projeto Lagoinha**. Cadernos de arquitetura e urbanismo, Belo Horizonte, v.9, n. 10, p. 51-71, dez. 2002.

NORA, Pierre. Entre memória e História. A problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: Educ, v. 10, p. 7-29, dez. 1993.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo**. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo 15. 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora. 1976.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 148 p.

PANORAMA de Belo Horizonte: **Atlas histórico – Belo Horizonte**. Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais. Belo Horizonte 1997.

PARK, Robert Erza. A cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org). **O Fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, p. 26-67.

PATTON, Michael Quinn. **Qualitative research and evaluation methods**. 3rd Edition. Thousands Oaks: Sage Publications. 2002.

PAULA, João Antônio de; BARROS, José Márcio; MARQUES, Robson dos Santos. **Permanência e Mudanças em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

PEDERSOLI, Aurora. **Uma conceituação de recuperação urbana para o bairro da Lagoinha**. Belo Horizonte. 1992. Monografia (Especialização em Urbanismo). Escola de Arquitetura. UFMG. Belo Horizonte.

PINTO, Julio Pimentel. Os muitos tempos da memória. **Projeto História**. São Paulo, v. 17, p. 203-212, 1998.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CALÓLICA DE MINAS GERAIS. Departamento de Geografia. **Atlas da Arquidiocese de Belo Horizonte**: região episcopal Nossa Senhora da Conceição. Belo Horizonte: PUC-Minas/FUMARC.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Projeto Lagoinha: comissão BH 100**. Belo Horizonte. 1995.

RAMOS, Aluísio Wellichan. **Cotidiano, Espaço e tempo de um antigo bairro Paulistano: Transformações da cidade e a dimensão do vivido.** GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, N. 15, 2004, p. 77-103.

RIBEIRO, Andréa. **Representações e Práticas Cotidianas de um bairro belorizontino: o Concórdia.** 2008. 165 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. PUC Minas. Belo Horizonte.

RILEY, Matilda White; NELSON, Edward E. **A observação sociológica: uma estratégia para um novo conhecimento social.** Rio de Janeiro: Zahar. 1976. Parte I, p. 21-48.

RUBINO, S. Os dois lados da linha do trem: história urbana e intervenções contemporâneas em Campinas, SP. In: Heitor Frúgoli Jr; Luciana Teixeira de Andrade; Fernanda Arêas Peixoto. (Org.). **As cidades e seus agentes: práticas e representações.** São Paulo: EDUSP 2006, p. 68-97.

RUGANI, Jurema Marteleto. **Reabilitação de áreas urbanas em processo de deterioração: uma reflexão sobre o projeto Lagoinha.** 1996. Monografia (Especialização em Urbanismo). Escola de Arquitetura. UFMG. Belo Horizonte.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais.** Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Edusp, 2002. 384 p.

SILVA, Luiz Roberto da. **Doce dossiê de BH.** Belo Horizonte: Cedáblio, 1991.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Gilberto (Org). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro, Guanabara, 1987. p. 11-25.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. In: MORAES FILHO Evaristo de. (Org). **Sociologia.** São Paulo: Ática, 2003.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: individuo e sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. Tradução de Pedro Caldas.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife.** 2. ed. São Paulo: Nacional, 1932.

SOARES, Maria Lúcia Faria de Azevedo Carneiro. **Um olhar sobre a Lagoinha.** Dissertação (Mestrado em administração pública). Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte. 2001.

TEIXEIRA, Maria Cristina Villefort. **Evolução e percepção do ambiente em um bairro pericentral de Belo Horizonte – A Floresta.** Dissertação (Mestrado em geografia) Instituto de Geociências da UFMG. Belo Horizonte. 1996

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência.** São Paulo. Difel. 1983.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: **Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo. Difel. 1980. Tradução Lívia de Oliveira

VANDENBERGHE, Frédéric. As sociologias de Georg Simmel. Bauru, São Paulo: EDUSC: EDUPFA, 2005.

VELHO, Gilberto (Org). **Antropologia urbana**: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**: um estudo de antropologia social. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 115 p.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: Antropologia das sociedades complexas, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p.95-104.

VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.). **Pesquisas urbanas**: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, 2001, p.225-310.

WEBER, Max. Conceito e categorias da cidade. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org). **O Fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987, p. 68-89.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: UNB, 1999.

WESTIN, Vera Lúcia Costa. **Santa Tereza na construção cotidiana da diferença**. Dissertação de mestrado em Comunicação Social. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 1998.

WIRTH, Louis. “O urbanismo como modo de vida”. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org). **O Fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987, p. 90-113.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 7-72.

## **LEGISLAÇÃO, ARTIGOS DE JORNAL E OBRAS LITERÁRIAS SOBRE O BAIRRO LAGOINHA**

ANDRADE, Cristiana. Lagoinha bairro tradicional da capital mineira, tem apenas três imóveis tombados – Morador aponta abandono – Preservação do patrimônio ainda é tímida – revitalização de casas fica no papel. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 08 de abril de 2004, Gerais, p. 18.

ARAGÃO, Guilherme. Nas ruas e praças, os construtores de BH. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 16 ago. 1996. Gerais, p.25.

ARQUITETO português percorre Lagoinha e pode participar de sua recuperação. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 22 set. 1994. p.17.

BAIRRO é entrada do turismo na cidade. **Diário da Tarde**, Belo Horizonte, 12 abr. 1994. Cidade, p. 12.

BARRETO, Plínio. **Lagoinha meu amor**. Divinópolis/MG: Santa Edwiges. 1995.

BARRETO, Plínio. Lagoinha, ontem, hoje e sempre. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 25 fev. 1995. 2ª seção, p.7.

BELO HORIZONTE. Lei 7166 de 27 de Agosto de 1996. Cap. II, V e VI. Estabelece Normas e Condições para Parcelamento, Ocupação e Uso do Solo Urbano no Município. Prefeitura Municipal. Belo Horizonte: **Imprensa Oficial**. Disponível em [www.pbh.gov.br](http://www.pbh.gov.br) . Acesso em 22 maio de 2008.

BELO HORIZONTE. Lei 8137 de 21 de Dezembro de 2000. Altera as Leis nos. 7.165 e 7.166, ambas de 27 de agosto de 1996, e dá Outras Providências. Prefeitura Municipal. Belo Horizonte: **Imprensa Oficial**. Disponível em [www.pbh.gov.br](http://www.pbh.gov.br) . Acesso em 22 maio de 2008. Mapa Anexo II.

BEZERRA, Joni. Floresta, Lagoinha, Santa Tereza, Pampulha e Cidade Jardim, patrimônios históricos e culturais de Belo Horizonte, são protegidos por lei, mas travam uma luta constante contra a descaracterização e o avanço da especulação imobiliária. **Estado de Minas**. Belo Horizonte. 26 ago 2001, p. 18. Cadernos Gerais.

CARNEIRO, Plínio. Conheça a Lagoinha a 35 ou 45 anos atrás e saiba como o progresso estragou com ela. **Estado de Minas**. Belo Horizonte. Caderno 1. p. 10.01/09/1974.

COMUNIDADE da Lagoinha obtém primeira vitória. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 19 mai. 1994. p. 14.

CONHECENDO a história. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 03 nov. 1997, p.11.

COSTA, Tarcízio Ildelfonso. **A turma e outros casos**. Belo Horizonte: O Lutador. 1998.

DUARTE, Lourivaldo. Na Itapecerica, boêmia não tem mais regresso: só o casario velho lembra os bons tempos. **Jornal de Casa**. Belo Horizonte. História/Lagoinha, 23 a 29 set. 1990. p.3.

JACINTO, Vanessa. A autêntica face da boemia da cidade. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 14 dez. 2000. Caderno Gerais/Especial, p. 38.

JANUZZI, Déa. Lagoinha agora é uma doce lembrança no coração dos boêmios. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 13 jul. 1990. p. 18.

LAGOINHA, ponto de ligação da cidade com o subúrbio. **Folha de Minas**, Belo Horizonte. GEDOC Gerência de Documentação do jornal Estado de Minas, 25/12/1936, p.7.

LAGOINHA: Acervo será restaurado para o centenário de BH. **Diário da Tarde**, Belo Horizonte, 09 jan.1995. Caderno Cidade, p. 9.

LIMA, Melquíades Almeida. **Lagoinha**. Documentário realizado como atividade de extensão universitária. UNI-BH. 81 minutos. 2008.

LINHARES, Carla Leandra. Moradores protestam: abandono volta a rondar a Lagoinha. **Jornal UNI-BH**. Belo Horizonte, fevereiro, 2000, p.3.

LOPES, Carmem. PBH pretende recuperar a Lagoinha: projeto prevê programas de requalificação ambiental, revitalização econômica e desenvolvimento urbano. **Diário do Comércio**. Belo Horizonte, 30 jan 1996, p. 4. Caderno 1º.

MELLO, Silva Marlene. Lagoinha de 1950 não existe mais. **Hoje em Dia**. Belo Horizonte, 03 dez. 2000. Minas, p. 10.

MERCADINHO, primeira etapa para revitalização da Lagoinha. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 13 abr. 1994. Caderno Cidade, p.11.

MERCADO Popular da Lagoinha. **Jornal da Lagoinha**. n. 6, jun/jul de 1998. p, 2.

MERCADO vai ser reativado. **Sme Notícias**, Belo Horizonte, mar. 1994, p.8.

MORADORES da Itapecerica desafiam prefeitura. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 30 set. 1994. Minas, p. 17.

MORADORES da Lagoinha fazem protesto hoje. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 4 mai. 1994. Minas, p.15.

MORADORES restauram casas no bairro Lagoinha. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 21 set. 1996. Minas, p. 8.

NEVES, Vitória. **Um caso de amor com a Lagoinha**. 1995.

NOVA moradia gera protesto na Lagoinha. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 26 jun. 1994. p.13.

PADARIA abre *Padaria-Escola* no mercado da Lagoinha. **BH Notícias**, Belo Horizonte, 9 jun. 2000, p. 4.

PASSADO, Bairro da Lagoinha vive do. **Hoje em Dia**. Belo Horizonte, 9 dez. 2001, p.28.

PBH quer envolver morador para revitalizar Lagoinha. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 18 jun. 1997. p. 11.

PIROLI, Wander. **Lagoinha**. Belo Horizonte: Conceito, 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Mensagem apresentada pelo Prefeito Christiano Monteiro Machado ao Conselho Deliberativo de Belo Horizonte em 6 de outubro de 1927 e relatórios anexos**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1927. 130p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Relatório apresentado aos Membros do Conselho Deliberativo da Capital pelo Prefeito Affonso Vaz de Melo em 1918**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. 1918. 53p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Relatório apresentado aos membros do Conselho Deliberativo da cidade de Belo Horizonte pelo Prefeito Cornélio Vaz de Mello em setembro de 1919.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. 1919. 86p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Relatório apresentado aos Membros do Conselho Deliberativo da Capital pelo Prefeito Dr. Affonso Vaz de Mello em setembro de 1919.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado. 1919.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Plano diretor de Belo Horizonte: Lei de uso e ocupação do solo** – estudos básicos, 1995.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. Plano Diretor e lei de parcelamento e uso do solo. Belo Horizonte. 1996.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Relatório apresentado ao Conselho Deliberativo pelo Prefeito Flávio Fernandes dos Santos em 1922.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1922. 89p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Relatório apresentado ao Conselho Deliberativo pelo Prefeito Flávio Fernandes dos Santos:** setembro de 1923. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1923.

PROJETO quer revitalizar velha Lagoinha. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 16 ago. 1995. p. 17.

PROJETO resgata tradição da Lagoinha. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 27 mai.1994, p.3.

RECUPERANDO o mercado da lagoinha. **Horizonte Aberto**, Belo Horizonte, jun. 1995. p. 2.

RESENDE, Jader. Segregação e efervescência da Lagoinha. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 21 ago. 2005. Minas, p.1.

RITMO das obras da Lagoinha revolta comerciantes. **Diário da Tarde**, Belo Horizonte, 26 jul. 1996. Comunidade, p.12.

SALLES, Beatriz Teixeira de. Pesquisa resgata origem de bairros de BH. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 10 jul. 1994. Cidades, p.25.

SANTIAGO, Glêucia. Cartilha propõe parceria para recuperar Lagoinha: Arquiteta e bolsistas levantam história do bairro e definem projeto para revitalização. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 07 abr. 1996. Caderno Minas.

SILVEIRA, Brenda. Lagoinha a cidade encantada. Belo Horizonte: Da autora, 2005. p. 19-157.

SIQUEIRA, Márcia. Recuperação da Lagoinha resgata memória de BH. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 29 dez. 1996. Urbanismo, p.23.

VAZ DE MELLO, Lúcio Eustáquio. V encontro: Praça Vaz de Mello 1935 Tradição e união. **Jornal Comemorativo do V Encontro da Família Vaz de Mello**, agosto de 1998.

VIEIRA, Zina. Lagoinha resiste e quer impedir despejo. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 18 mai. 1994. Minas, p.14.

## APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista de trajetória de vida com moradores

### 1. Dados Biográficos

- 1.1. Qual o seu nome completo?
- 1.2. Qual o nome dos seus pais?
- 1.3. Onde e quando nasceu?
- 1.4. Qual o seu endereço?
- 1.6. Qual a sua formação escolar?
- 1.5. Qual a sua atividade profissional atual? E anteriormente?

### 2. Como tem sido a sua vida no bairro:

- 2.1. no passado?
- 2.2. no presente?
- 2.3. Como imagina o futuro?

### 3. Você poderia descrever o bairro:

- 3.1. quais os seus limites?
- 3.2. como era o bairro no passado?
- 3.3. quais foram suas principais transformações ao longo do tempo?
- 3.4. como é o bairro hoje?
- 3.5. como você imagina o futuro do bairro?

4. Fale sobre a sua relação com a vizinhança no bairro? Como era no passado? E como é hoje?

### 5. Quais os locais freqüentados por você no bairro?

- 5.1. no passado?
- 5.2. no presente?
- 5.3. onde você imagina freqüentar no futuro?

5. Caso a pesquisa seja publicada em livro ou revista, o sr(a) autoriza a utilização destas informações e fotos?

**APÊNDICE B – Roteiro de entrevista curta para identificar os limites simbólicos do bairro, locais onde as entrevistas foram realizadas e número de abordagens.**

1. Onde começa e onde termina o bairro Lagoinha?

<b>Nº de Entrevistas</b>	<b>Local de observação</b>
<b>08</b>	<b>Rua Itapecerica, 423</b>
<b>01</b>	<b>Rua Fortaleza, 45</b>
<b>05</b>	<b>Rua Diamantina</b>
<b>10</b>	<b>Rua Além Paraíba – igreja e Praça 15 de Junho</b>
<b>04</b>	<b>Mercado da Lagoinha</b>
<b>04</b>	<b>Adalberto Ferraz</b>
<b>04</b>	<b>Rua Jequeri – Edifício Paulete</b>

**APÊNDICE C: Roteiro de observação no bairro – Principais locais**

1. Rua Itapecerica e parte interna do Conjunto Nossa Senhora da Piedade situado na mesma rua.
2. Rua Além Paraíba e Igreja Nossa Senhora da Conceição na mesma rua
3. Praça 15 de Junho - final da Rua Além Paraíba
4. Rua Itapecerica proximidade do Grupo Escolar Silviano Brandão,.
5. Mercado da Lagoinha
6. Rua Jequeri – Edifício Paulete

**APÊNDICE D: Moradores entrevistados – Trajetória de vida**

<b>Nome</b>	<b>Data nasc.</b>	<b>Endereço</b>	<b>Gravação/foto</b>
<b>1. M1 – Terezinha – Musicista, integrante do coral da igreja N. Sra da Conceição e dona de casa</b>	<b>80 anos</b>	<b>Rua Além Paraíba</b>	<b>Rec 01</b>
<b>2. M2 – Maria Alice – dona de casa, Relações Pública da igreja N. Sra da Conceição e integrante do coral da mesma.</b>	<b>80 anos</b>	<b>Rua Itapecerica, 423</b>	<b>Rec 03</b>
<b>3. M3 – Maria Caldeira Professora aposentada, dona de casa e integrante do coral da igreja N. Sra da Conceição.</b>	<b>80 anos</b>	<b>Rua Itapecerica</b>	<b>Rec 02</b>
<b>4. M4 – Sérgio Comerciante</b>	<b>52 anos</b>	<b>Rua Fortaleza</b>	<b>Rec 04</b>
<b>5. M5 – Antônio Advogado e servidor público</b>	<b>39 anos</b>	<b>Rua Itapecerica</b>	<b>Rec 06</b>
<b>6. M6 ex morador – Plínio Jornalista e escritor</b>	<b>85 anos</b>	<b>Bairro Grajaú</b>	<b>Rec 05</b>
<b>7. M7 – Pedro Advogado</b>	<b>52 anos</b>		<b>Rec 07</b>
<b>8. M8 – Bruno – comerciante</b>	<b>20 anos</b>	<b>Rua Sete Lagoas</b>	<b>Não permitiu gravar</b>

**ANEXO A: Fotos do bairro Lagoinha**



**Ateliê de costura de Sr. Vincenzo de 84 anos**

**Fonte: Acervo da autora**



**Rua Adalberto Ferraz cena recorrente – morador de rua dormindo na calçada**

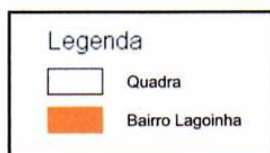
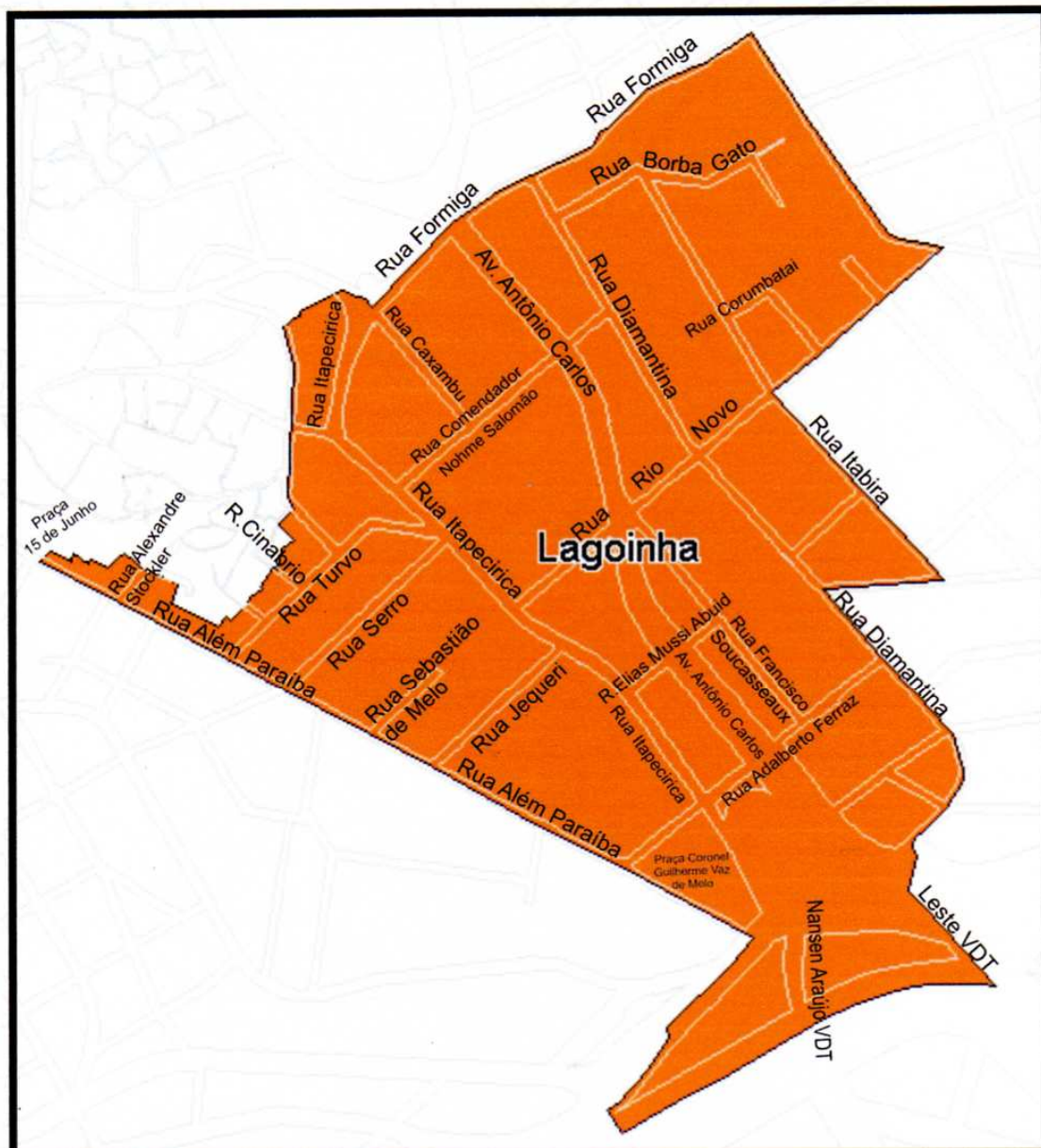
**Fonte: Acervo da autora**



**Igreja Sírian Ortodoxa Rua Comendador Nohme Salomão**

**Fonte: Acervo da autora**

## ANEXO B – Mapa do bairro Lagoinha com nomes de rua



Fonte de Dados: Prodabel  
Sistema de coordenadas: UTM

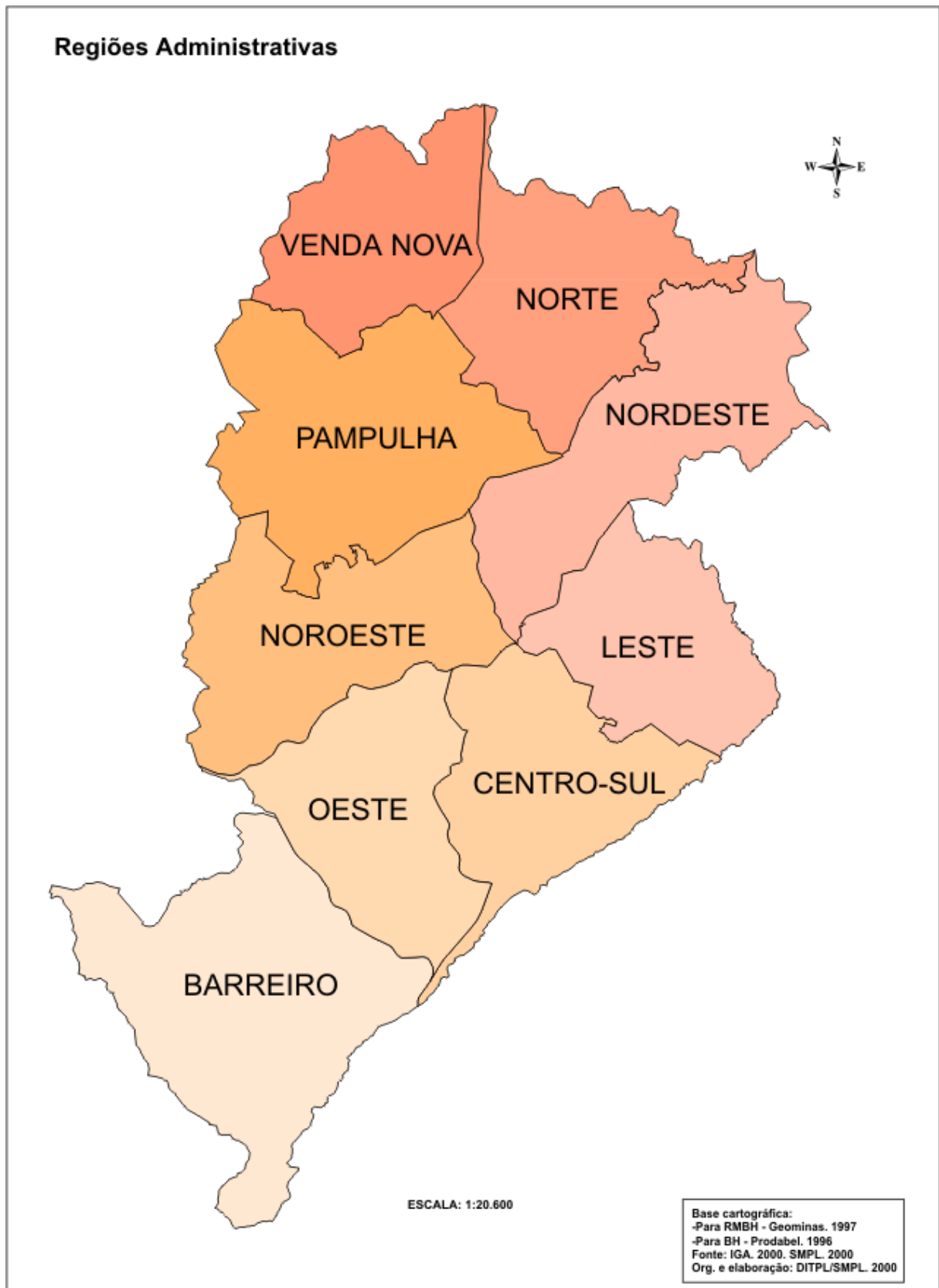
**ANEXO C: Mapa da Colônia Carlos Prates - seta indicando a entrada do bairro pela Praça Vaz de Melo**



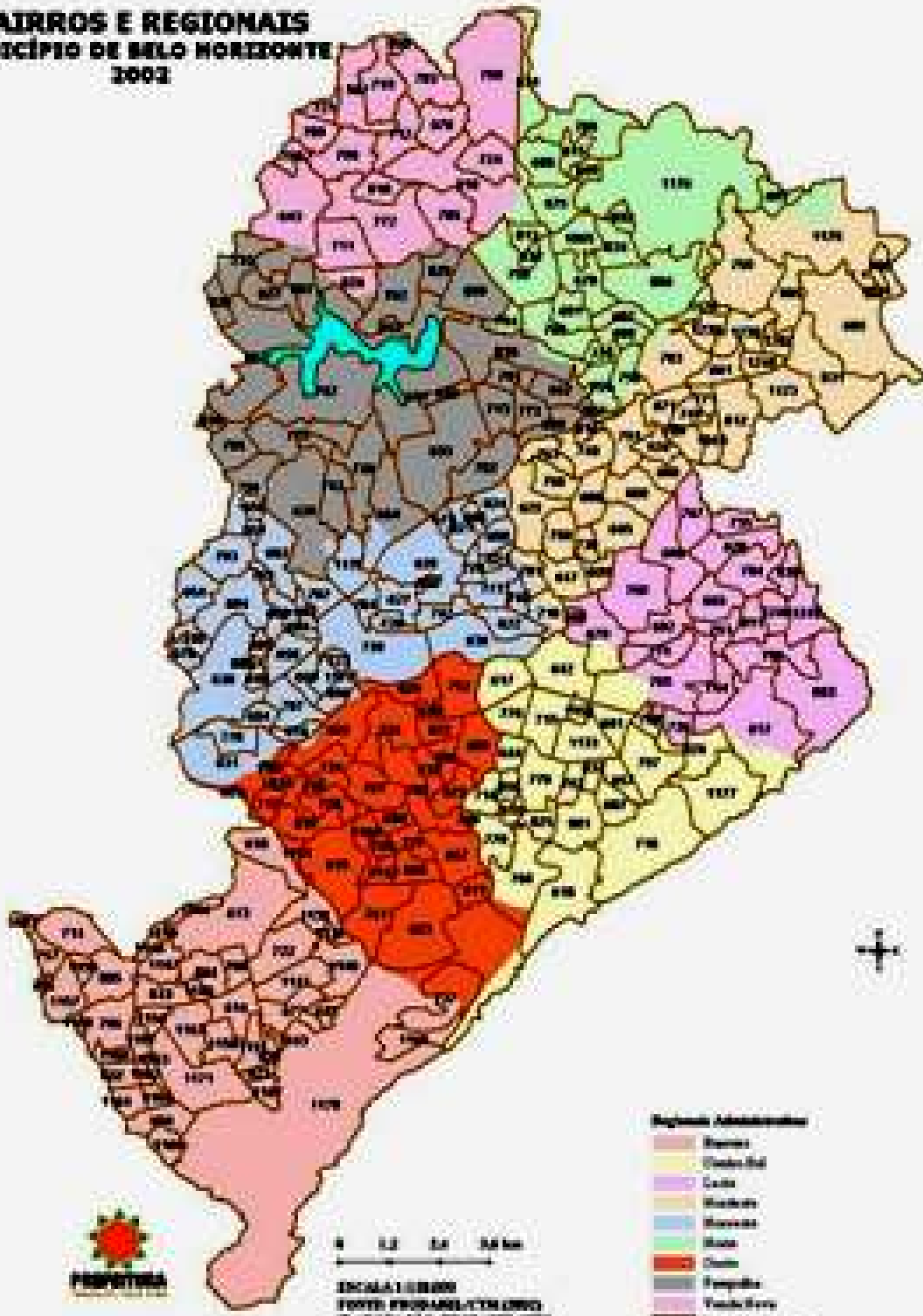
Fonte: Panorama de Belo Horizonte, 1997.





**ANEXO F: Mapas de bairros de Belo Horizonte**

**BAIRROS E REGIONAIS**  
**MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE**  
**2002**



**Regiões Administrativas**

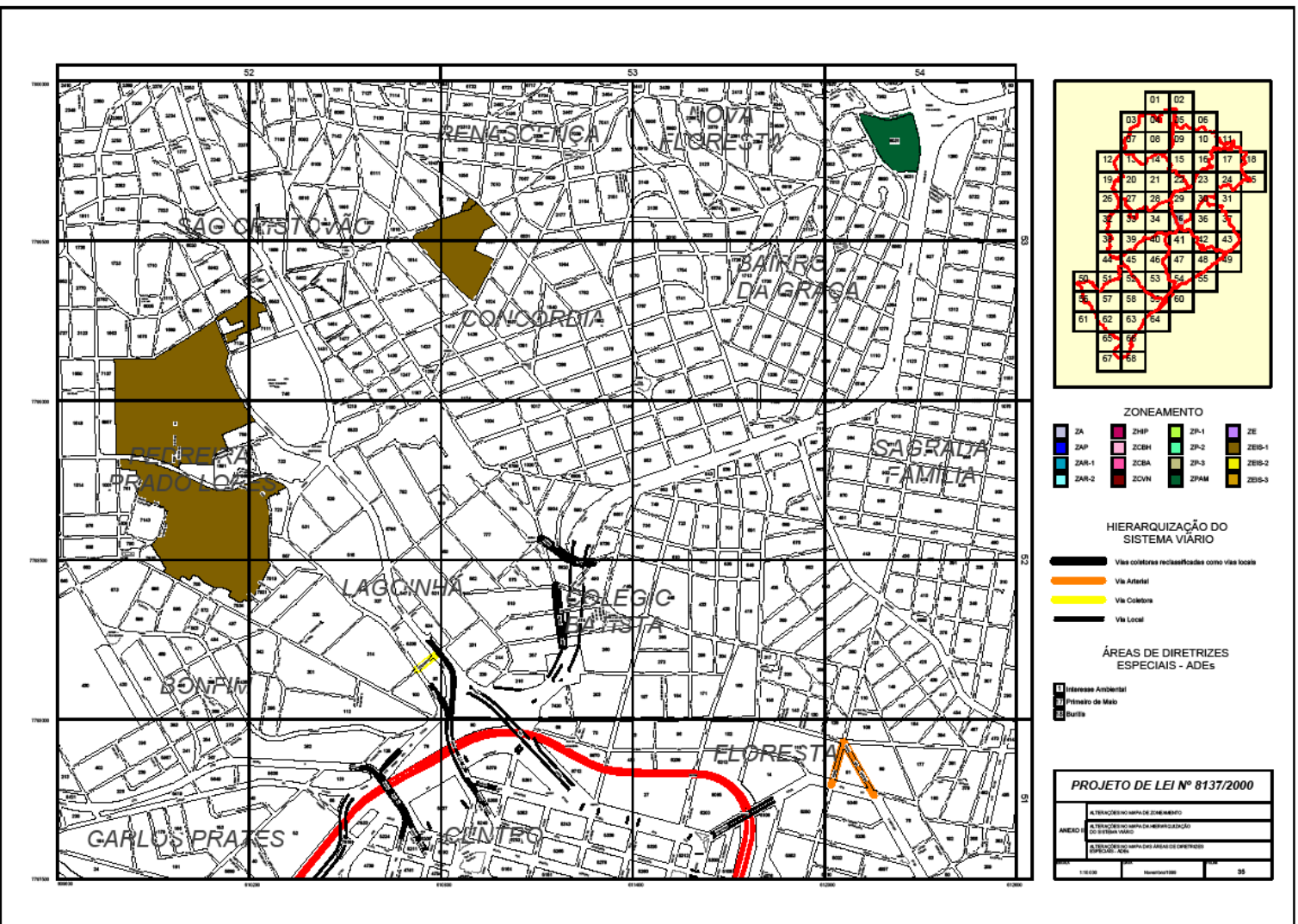
[Light Blue]	Barro Preto
[Light Green]	Centro-Sul
[Light Purple]	Centro
[Light Orange]	Mezzanin
[Light Blue-Gray]	Monte Carmelo
[Light Green]	Planura
[Light Orange]	Centro-Oeste
[Light Purple]	Centro-Norte
[Light Orange]	Centro de Operações
[Light Blue]	Logos de Referência

0 1,2 2,4 3,6 km

ESCALA 1:100.000  
 FONTE: PROGRAB/CTM/UNIBH  
 ELABORAÇÃO: PROGRAB/CTM  
 Março de 2002



**ANEXO G: Mapa da Legislação de Parcelamento, Ocupação e Uso do Solo da  
Prefeitura Municipal de Belo Horizonte**



Fonte [www.pbh.gov.br](http://www.pbh.gov.br)

# ANEXO H: Recortes de jornal com as narrativas sobre o bairro



Fonte: Jornal Estado de Minas



Fonte: Jornal Estado de Minas



Fonte: Jornal Hoje em Dia, 1997.



# CADEUS À LAGGINHA

## Resistentes, alguns moradores esperam retirada do último escomburo para sair

Por Patrícia de Sá



A Lagoinha, região de barcos farrasos, está no chão. Esta é a última semana para que seus últimos moradores deixem o lugar. O terreno onde estão os prédios, localizados no quarteirão que compreende as Ruas Bonfim e Paqueté, e as Avenidas Pedro II e Nogueira, é administrado pelo DER, que o herdou do Transmônio.

Não se sabe até agora o que será construído no local. A Subdivisão Superintendência de Desenvolvimento da Capital - tem um estudo para a construção de uma sala ligada às Avenidas Antônio Carlos e Pedro II. Mas não se sabe nada sobre a construção. Tudo dependerá de uma conversa mais ampla entre os parceiros.

A demolição já começou na parte superior dos prédios. Não restou no lugar mais moradores, a não ser alguns moradores que vivem na proximidade e ainda dormem no que restou da antiga Favela Lagoinha. As antigas moradoras foram expulsas pelo construtor de armatômio, Sérgio Velloso, casa de 1958, uma pedreira, uma lavanderia e alguns salões de cabeleireiros de pequeno porte.

**PREJUÍZOS**

A resistência para abandonar a Lagoinha é grande, a ponto de a família da senhora Maria do Carmo, 47 anos, ter mais um filho do que o filho que ela tem para poder continuar uma família de dez filhos no bairro Lagoinha. Ela mora com o marido, 82 anos e que há alguns meses não consegue montar seu comércio. "Na época, tentamos se mudar para a Lagoinha, mas não conseguimos. Agora que a Lagoinha está sendo demolida, estamos pensando em voltar para a Lagoinha, mas não sabemos se conseguimos voltar para lá", diz ela.

Outros moradores também resistem. Alguns, como o senhor Adilson Corrêa, 47 anos, alegando que trabalha na região há mais de 30 anos e que há alguns meses não consegue montar seu comércio. "Na época, tentamos se mudar para a Lagoinha, mas não conseguimos. Agora que a Lagoinha está sendo demolida, estamos pensando em voltar para a Lagoinha, mas não sabemos se conseguimos voltar para lá", diz ele.

Um outro caso é o de uma mulher que mora em uma casa de 1958, uma pedreira, uma lavanderia e alguns salões de cabeleireiros de pequeno porte. Ela também resiste, mas não sabe se conseguirá voltar para a Lagoinha. Ela mora com o marido, 82 anos e que há alguns meses não consegue montar seu comércio. "Na época, tentamos se mudar para a Lagoinha, mas não conseguimos. Agora que a Lagoinha está sendo demolida, estamos pensando em voltar para a Lagoinha, mas não sabemos se conseguimos voltar para lá", diz ela.

**DEMOLIÇÃO DE LAGGINHA COMEÇA POR SUPERAR OS PRÉDIOS**

Um desses comerciantes, por não saber se conseguirá voltar para a Lagoinha, está pensando em voltar para a Lagoinha, mas não sabe se conseguirá voltar para lá. Ele mora com o marido, 82 anos e que há alguns meses não consegue montar seu comércio. "Na época, tentamos se mudar para a Lagoinha, mas não conseguimos. Agora que a Lagoinha está sendo demolida, estamos pensando em voltar para a Lagoinha, mas não sabemos se conseguimos voltar para lá", diz ele.

FÁTIMA OLIVEIRA

Fonte: Jornal Diário da Tarde, 19/04/2007, caderno Política

# Patrimônio dilapidado

## Belo Horizonte perde casarões e sua memória de 100 anos

Preservação uni-bh

Reportagem: Carla Leandra Linhares, Coluna de Comunicação Social, UNI-BH



**Com 100 anos, Belo Horizonte tem um grande acervo arquitetônico, com construções de inestimável valor cultural. Entretanto, toda essa história, que remonta parte do período colonial, está sendo desprezada em nome do "progresso" e da especulação imobiliária. O processo de desvalorização da arquitetura da Cidade começou na década de 50, a partir da derrubada das chibaras que existiam na região da Savassi. Essa dilapidação aconteceu a partir da década de 70, e teve como um de seus pontos marcantes a demolição do antigo Teatro Metrópole. Em 1984, o qual já havia sido aduado na década de 40.**

**Ação conjunta promove tombamento**

Em setembro de 1998, o Conselho Municipal de Belo Horizonte e a União Brasileira de Arquitetos Modernos (UBAM) realizaram uma reunião para discutir a preservação do patrimônio arquitetônico da cidade. A reunião foi realizada no Palácio da Prefeitura Municipal, sob a presidência do então prefeito Carlos Tinoco. Durante a reunião, os participantes discutiram a importância de preservar o patrimônio arquitetônico da cidade, especialmente os edifícios de valor histórico e cultural. Foi decidido que seria realizada uma ação conjunta entre o Conselho Municipal de Belo Horizonte e a UBAM para promover o tombamento de alguns edifícios de valor histórico e cultural.

**Arquitetura privilegiada**

Em setembro de 1998, o Conselho Municipal de Belo Horizonte e a União Brasileira de Arquitetos Modernos (UBAM) realizaram uma reunião para discutir a preservação do patrimônio arquitetônico da cidade. A reunião foi realizada no Palácio da Prefeitura Municipal, sob a presidência do então prefeito Carlos Tinoco. Durante a reunião, os participantes discutiram a importância de preservar o patrimônio arquitetônico da cidade, especialmente os edifícios de valor histórico e cultural. Foi decidido que seria realizada uma ação conjunta entre o Conselho Municipal de Belo Horizonte e a UBAM para promover o tombamento de alguns edifícios de valor histórico e cultural.

Fonte: Jornal da Uni-BH – 2000